UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação

Gente da noite:
Cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas, RS (1930-1939)

Thaís de Freitas Carvalho

Pelotas, 2013

THAÍS DE FREITAS CARVALHO

Gente da noite:
cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas, RS
(1930-1939)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dra. Elisabete da Costa Leal

Pelotas, 2013

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Zilda M. Franz Gomes CRB -10/741

C331g Carvalho, Thais de Freitas
Gente da noite: cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas, RS (1930-1939)./ Thais de Freitas Carvalho; Elisabete da CostaLeal, orientadora– Pelotas, 2013.
134f.

Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação. Instituto de CiênciasHumanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2013.

1.Sociabilidade noturna – Pelotas (RS) – 1930-1939.
2.Cultura popular. I. Leal, Elisabete da Costa, orient. II. Título.

CDD 981.657

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Profª. Dra. Márcia Ramos de Oliveira

Prof. Dr. Mario de Souza Maia

Dedico este trabalho a todos os notívagos
que já passaram pelas noites pelotenses,
em especial ao Victor, que foi o melhor
presente que a noite já me trouxe.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a muitas pessoas sem as quais este trabalho não seria possível. Primeiramente, à Laura, que foi a grande incentivadora para que eu assumisse a vaga no Mestrado, mesmo tendo de deixar o emprego em que eu a auxiliava na minha cidade natal, São Lourenço do Sul. Laura, além de uma grande amiga, foi a mecenas na fase inicial desse trabalho, assumindo as despesas do começo da pesquisa. Merecidos agradecimentos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), que em seguida assumiu o financiamento desta pesquisa, agregando reconhecimento e estímulo.

Um sincero "muito obrigada" aos colegas e professores que, no primeiro ano de curso, ouviram sugestões, efetivaram debates e o diálogo necessário ao direcionamento e recortes no projeto de pesquisa, no intuito de viabilizar a concretização de ideias, muitas vezes, demasiado sonhadoras. Nesse sentido, também, meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em História, que encarou o desafio de construir suas diretrizes e posturas ouvindo a opinião dos alunos.

Agradeço imensamente ao todos os funcionários do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), pela solicitude com os "marinheiros de primeira viagem" e prestação responsável de serviços, a qual mostrou-se sempre voltada à valorização das investigações desenvolvidas nesse local. Embora o pesquisador não residente em Porto Alegre ainda não disponha de um acesso digital ao acervo, a organização rigorosa do atendimento à sala de pesquisa revelou-se eficiente, permitindo uma ordenação do trabalho que facilita a programação dentro de um cronograma, uma vez que tal organização confere segurança ao pesquisador no que concerne ao atendimento de suas solicitações.

Agradeço à Larissa, à Elisa e ao Marcelo, pelas inúmeras vezes em que desfrutei da hospitalidade destes amigos residentes na capital do Estado. A amizade de vocês agregou alegria e satisfação a um período que incluiu viagens e rotinas cansativas de trabalho. Agradeço também à Ana e à Rachel, por abrandarem os meus nervosismos e me lembrarem

do sentido desse trabalho, além de me ajudarem nas revisões, mesmo nas horas de surto.

Quero registrar um agradecimento especial à pesquisadora Ondina Leal, por lembrar-me que ainda existe uma generosidade genuína entre as Ciências Humanas, ao retornar um e-mail antigo para avisar da recente disponibilidade do seu trabalho em formato on-line e acessível. Atitudes como essa fazem toda diferença.

Agradeço enormemente ao Yuri, por me socorrer sempre que o meu computador resolveu boicotar o desenvolvimento dessa dissertação. Yuri teve parte essencial na construção desse trabalho, atuando inúmeras vezes no restabelecimento imprescindível dos meus arquivos, pastas e sanidade mental.

Finalmente, agradeço à Vívian, Gisela, Átila, Ivan, por me convencerem, mesmo diante de tanta dificuldade, a não desistir e ao menos tentar seguir em frente. Agradecimento especial à Áurea e à Rossiane, minhas bússolas e donas dos abraços mais tranqüilizantes que conheço. Um "muito obrigada" merecido, também, à minha orientadora, Elisabete Leal, por me apoiar em muitas decisões difíceis, e tomar as minhas dores, carregando a mim, o meu trabalho e a minha tristeza nas costas. Um sincero e afetuoso agradecimento aos meus pais Jorge e Cátia, que são meus portos seguros, e também à minha avó Wilma, minha estrutura, meu ninho, quem, sem sequer notar, sempre me lembra daquilo que realmente é essencial pra mim.

E com todo meu coração, agradeço àquele que daqui se foi, mas não conseguiu ir-se embora de todo. Victor, meu amor, meu amigo, minha força, muito obrigada por nunca deixar eu me sentir menos do que o ser humano especial que tu enxergavas em mim. E por me ensinar que uma só andorinha pode, sim, fazer diferença. Levo-te comigo, sempre.

O garçom, mais uma vez, aproximou-se
e falou que o Café ia fechar.
"Aos caminhos de pedra?", propus,
convidando-o a nos retirarmos.
Ele vestiu seu casacão e jogou a manta
de lã por sobre o ombro esquerdo,
encobrindo a gravata branca de piquê.
Depois foi até a janela e escreveu SATOLEP
no vidro, debaixo dos nossos nomes,
dando-se ao trabalho de grafar, espelhando
as letras uma a uma,
fazendo-me lembrar a forma como nos
encontráramos. "À la cité!", exclamou.
E saímos.

*(*VITOR RAMIL*, Satolep)*

RESUMO

O presente estudo discute a noite pelotense de 1930 a 1939, com ênfase nas sociabilidades noturnas ligadas à cultura popular desse período. A escolha da década de 1930 do século passado refere-se à conjuntura de urbanização e modernização da cidade de Pelotas, percebida na análise do desenvolvimento do espaço urbano, eletrificação e dinamização das atividades culturais. Torna-se evidente a relação da cidade e seus habitantes com concepções e noções de comportamento ligadas aos ideais de modernidade e civilidade, os quais carregavam elementos de normatização que serviam ao surgimento de um capitalismo voltado ao consumo. O confronto entre estes novos padrões de convivência social e os velhos valores herdados de um modo de vida rural, é contemplado neste trabalho por meio da análise das sociabilidades noturnas presentes nesse universo popular. O tempo noturno, escolhido por privilegiar o domínio dos trabalhadores sobre seu tempo, revela esses e outros traços de uma cultura popular que mostra-se efervescente e singular, estabelecendo trocas e intercâmbios não só com o Brasil – levando-se em conta a política getulista, vigente no período, de aproximar os estados brasileiros por meio da cultura popular -, mas também com outros países que fazem fronteira com o Rio Grande do Sul e com a região de Pelotas. Partindo das declarações e depoimentos contidos nos inquéritos policiais e processos criminais do período, torna-se possível visualizar a vitalidade de uma noite popular que transitou pelas ruas e recheou o espaço urbano com seus encontros, seus conflitos e seus amores. Com o intuito de dar alguns passos no sentido de preencher esta lacuna na História de Pelotas, propõe-se aqui a discussão do tema "noite popular", para que a cidade dos casarões e charqueadas também seja conhecida por seus notívagos, os quais, de geração em geração, dão vida à noite pelotense até os nossos dias.

Palavras-chave: Noite. Sociabilidade. Cultura popular.

ABSTRACT

The following study discusses Pelotas's night between 1930 and 1939, with emphasis on night-time sociabilities linked to popular culture in the period. The choice of the 1930s relates to the context of urbanization and modernization of the city, perceived in the analysis of urban development, electrification and promotion of cultural activities. It is evident the relationship of the city and its inhabitants with conceptions and notions of behavior linked to the ideals of modernity and civility, which carried elements of regulation that served the emergence of a capitalism oriented to consumer relations. The confrontation between these new patterns of social interaction and those old values inherited of a rural way-of-life, is considered in this work through the analysis of the night-time sociabilities present in this popular universe. The night-time, chosen by favoring the dominance of employees on their free time, reveals these and other traces of a popular culture that presents itself effervescent and singular, establishing exchanges not only with Brazil - taking into account Vargas's policy prevailing in the period, to bring together all Brazilian states through popular culture - but also with other countries bordering the state of Rio Grande do Sul. Starting from the statements and testimony contained in police investigations and criminal prosecutions of the period, it becomes possible to visualize the vitality of a popular night that wandered through the streets and filled urban space with their meetings, their conflicts and their loves. In order to take some steps to fill this gap in the history of Pelotas, we propose here to discuss the theme "popular night" so that the city of mansions and *charqueadas* could be also known for its night owls, who, generation to generation, give life to Pelotas's night until today.

Key-words: Night. Sociability. Popular culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Anúncio das exibições cinematográficas no Theatro Guarany 22

Figura 2 Dinâmica dos processos no recorte estudado 56

SUMÁRIO

Apresentação **12**

1 Pelotas: caminhos espaciais e culturais **16**

1.1 A dinâmica do espaço: modernidade e vida social **16**

1.2 Caminhos populares: cultura e sociabilidades **31**

2 Noites de conflito: metodologia e panorama de pesquisa **47**

2.1 O filtro "noite" no trabalho com processos criminais **47**

2.2 Ocorrências noturnas: recorte de casos encontrados **61**

2.2.1 Defloramentos **63**

2.2.2 Agressões – desentendimentos ocasionais, crimes passionais, acertos de contas e ferimentos "acidentais" **68**

2.2.3 Brigas em bares **72**

2.2.4 Furtos e arrombamentos **75**

2.2.5 Atropelamentos **76**

2.2.6 Incêndios **77**

2.2.7 Brigas em bailes **78**

3 Aventuras e desventuras da noite: tensões e sociabilidade **81**

3.1 Entre danças e disputas **96**

3.2 A hora de acertar as contas **101**

3.3 Conversa de botequim **108**

Considerações finais **120**

Referências **124**

Anexos **129**

APRESENTAÇÃO

Para uma justa compreensão do trabalho com a noite pelotense, é necessário que o leitor esteja ciente dos contornos da historiografia sobre a cidade de Pelotas, a qual, apesar de não ser recente, ainda padece com inúmeras lacunas, principalmente no concernente às contribuições sobre a cultura popular. Embora possamos encontrar muitos pesquisadores locais na comunidade acadêmica, os enfoques parecem girar em torno de alguns eixos consolidados, como a história política, história do trabalho, a cultura das elites e as pesquisas sobre escravidão. Estudos sobre a temática noturna são raros, e a noite popular aparece com ainda com menor frequência.

É interessante pensar, para uma abordagem que justifique os contornos da presente pesquisa, o quanto cada verbete adotado no título oferece como contribuição à historiografia e ao conhecimento, de modo mais geral. Pesquisar a noite, a sociabilidade e os acontecimentos diários que perpassam a cultura popular significa recuperar uma série de implicações nas relações das classes populares com o âmbito profissional, o familiar e o social.

O presente trabalho traz consigo inquietações e inspirações antigas, que remontam à época da graduação no curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Pelotas. Durante esse período, a leitura de um romance de Vitor Ramil, músico e compositor conhecido da cidade de Pelotas, trouxe a vontade de escrever sobre a noite. O livro era *Satolep* (2008), no qual o autor transita entre a criação e a realidade de suas memórias e a história da cidade, misturando personagens ficcionais e personagens históricos pelotenses, como João Simões Lopes Neto (1865-1916) em sua narrativa. Em uma das aparições de João Simões na trama, este e o protagonista do romance se encontram e conversam à noite no Café Aquário's - famoso ponto de reuniões masculinas e um dos lugares mais tradicionais do centro da cidade -, numa atmosfera de calçadas úmidas, noite e sociabilidade.

Desde então, tornou-se uma meta poder visualizar a noite informal de Pelotas, aquela que se forma nos cafés, armazéns e botequins, e que une, quase sem querer, pessoas de diferentes contextos sociais da cidade. Essa inquietação se deve, em parte, ao fato de Pelotas

ter sido muito conhecida por sua vida cultural efervescente nos clubes, associações e teatros, o que remete a um círculo muitas vezes fechado e limitado aos sócios e/ou a setores específicos da sociedade.[1] Embora seja inegável a importância destes bailes e festejos na configuração sociocultural da cidade, intrigava o fato de saber o que acontecia do lado de fora, no ir e vir dos trabalhadores, naquilo que caracterizava a rotina dos caminhos e dos encontros, sem vincular o foco da pesquisa à organização e funcionamento interno de determinada associação, seja ela de setores abastados ou populares da sociedade. O cotidiano de uma noite quase imperceptível, porém definidora das conversas, das amizades e das desavenças populares constituiu o objetivo motivador dessa pesquisa. O 'recheio' das madrugadas pelotenses.

Partindo desses anseios, percorri a noite Pelotense a fim de conhecer mais sobre sua dinâmica atual, com o intuito de amadurecer a ideia da pesquisa. Nesse ínterim, mantive contato com o Bar e Restaurante Liberdade, localizado no centro da cidade[2], sendo uma referência para a vida cultural noturna de uma boemia ligada ao choro e ao samba na cidade. Esse local revelou-se fonte inicial para as pesquisas sobre a noite de Pelotas, pois está em funcionamento desde 1974 sob a mesma direção – embora tenha mudado de endereço algumas vezes ao longo desse período – e abriga músicos, dançarinos e amantes da música brasileira.

Por meio da etnografia e da História Oral, desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a trajetória do bar, as memórias de músicos e frequentadores e a configuração desta tradição boêmia na cidade. Durante a realização das entrevistas, tornou-se evidente que o contexto em que os entrevistados cresceram (décadas de 40 e 50), foi permeado por referências à música popular vinda do Rio de Janeiro, então capital federal e centro difusor de hábitos cada vez mais ligados ao 'ser brasileiro'. Permaneceu o questionamento referente às noites de Pelotas, se teriam abrigado semelhantes representações e apropriações do tempo noturno, como aquelas mencionadas nos sambas cariocas, nas quais os boêmios eram protagonistas em cenários de camaradagem, bebida e diversões. Nos relatos dos colaboradores de minha pesquisa na graduação, ficou claro que a música, a seresta e o botequim faziam parte do contexto familiar desses entrevistados. Seus pais e mães, que não cresceram, como os filhos, envoltos na popularização do rádio e dos programas de auditório, já apresentavam um gosto afinado com a música popular e a vida noturna. Essa incipiente relação com o mundo da

[1] Sobre os bailes de associações e clubes pelotenses, ver LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em revista* / Núcleo de Documentação Histórica, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 8, dez. 2002.

[2] Bar e Restaurante Liberdade. Rua Mal. Deodoro, 753. Centro – Pelotas, RS.

boemia traz ainda muitos aspectos na escuridão. O que se sabe sobre os boêmios da década de 1930, que viveram transformações políticas, ouviram a voz de um presidente chegar dentro de suas casas, foram contemporâneos da ascensão do samba, de Noel Rosa e ainda criaram seus filhos em meio às notícias de uma guerra mundial?

Após a finalização do Trabalho de Conclusão, estas e outras inquietações permaneceram e deram origem aos rumos do projeto em que a presente pesquisa se fundou. Quais eram os hábitos noturnos dos populares pelotenses na década de 1930? Como se divertiam, por quais ruas passeavam, quais habitavam? O que os pobres faziam à noite em Pelotas na década de 1930? Que interações sociais eram essas e quais os códigos de conduta que a permeavam? É evidente que nem todas essas respostas cabem em um só trabalho, no entanto, procurou-se aqui chegar o mais próximo possível da compreensão ampla sobre este cenário.

Perceber quais eram as mais expressivas situações de convívio social entre os populares e entender quais os códigos empregados pelos mesmos em tais encontros de sociabilidade, constituem os objetivos mais significativos que espera-se terem sido atingidos nesse estudo. Para tanto, optou-se por dividir os capítulos da seguinte maneira: primeiramente, tem-se o Capítulo 1, *Pelotas: caminhos espaciais e culturais*, cuja linha de pensamento propõe contemplar as características socioeconômicas da cidade no período, bem como a disseminação da cultura popular nesses territórios. Considerando a heterogeneidade dos temas envolvidos, subdividiu-se esse capítulo em duas partes referentes aos distintos olhares sobre o contexto da cidade, sendo a primeira delas, *A dinâmica do espaço: modernidade e vida social*, dedicada à explanação do desenvolvimento econômico e industrial de Pelotas no período estudado, bem como da observação das estruturas da cidade correspondentes às demandas sociais relacionadas ao saneamento, transportes e zona portuária; à segunda parte do primeiro capítulo, *Caminhos populares: cultura e sociabilidades*, coube a discussão voltada ao uso, percepção e participação da cultura popular nesse cenário, suas dinâmicas, interações e inserções no espaço urbano, com destaque para as diferenciações e aproximações internas desse grupo social.

Mostrar as variações urbanas e as apropriações do espaço da cidade neste período é também uma possibilidade de entender as alternativas da maioria neste contexto de oportunidades de diversão e expressão cultural. Nesse sentido, (re)pensar, também, as fronteiras regionais e aprofundar essa discussão revelou-se uma maneira fecunda de contribuir para o conhecimento de nossa própria história e conectá-la com a história do mundo, rompendo com o reinado das produções etnocêntricas e propondo novos meios de se aprender

com a História.

O segundo capítulo, *Noites de conflito: metodologia e panorama de pesquisa*, visa explicitar o método de trabalho com as fontes judiciais utilizadas, bem como organiza os casos por meio de um esboço, permitindo a visualização da diversidade de situações encontradas nestas análises. Para explicar com maior precisão a investigação desenvolvida e os resultados obtidos, subdividiu-se também este capítulo em duas partes, sendo a primeira, *O filtro "noite" no trabalho com processos criminais*, na qual se pretende esclarecer a metodologia empregada dialogando com produções que perpassam o tema noturno; e a segunda parte, *Ocorrências noturnas: recorte de casos encontrados*, expõe a diversidade de casos pesquisados, os quais revelam os tipos e a intensidade das interações noturnas vividas na década de 1930 em Pelotas.

Chegando ao terceiro capítulo, o leitor encontrará um enfoque específico nos casos e de sociabilidade popular encontrados na pesquisa com processos criminais. Neste capítulo, intitulado *Aventuras e desventuras da noite: tensões e sociabilidade*, é exposta a problematização da conduta popular em situações de sociabilidade noturna, e são discutidos conceitos e interpretações no intuito de compreender o comportamento desse grupo social diante dessas interações cotidianas. São eleitas três situações ou categorias exemplares para as análises aqui desenvolvidas, ramificando esse capítulo em três vertentes: a primeira, expressa no item *Entre danças e disputas,* procura observar atentamente as descrições e condutas populares em um espaço envolvendo música, dança e contatos entre ambos os sexos, ou seja, os bailes; em *A hora de acertar as contas*, tem-se a seção na qual há a reflexão sobre situações que ressaltavam a defesa da honra e a imposição de respeito, salientando importantes elementos de conduta definidores do grupo social; e, por último, o item *Conversa de botequim*, talvez a vertente mais importante e reveladora dos hábitos culturais ligados à masculinidade e ao pertencimento social das classes populares, por meio da qual é possível entender o significado da sociabilidade noturna para o homem pobre.

Por fim, finaliza-se a dissertação com as tradicionais *Considerações finais*, nas quais reiteram-se os pontos de intersecção entre os capítulos, visando conectar o palco, ou seja, a cidade; o cenário, panorama das noites pesquisadas; e os personagens, isto é, as análises sobre as sociabilidades noturnas dos populares da década de 1930, propondo, assim, um olhar amplo, porém intrincado sobre a vastidão de relações que perpassavam essas noites.

CAPÍTULO 1

Pelotas: caminhos espaciais e culturais

No primeiro capítulo de explanação, tem-se o intuito de abarcar o cenário da cidade de Pelotas na década de 1930, para que o leitor possa inserir e compreender as ações cotidianas dos populares nessa conjuntura. Para contemplar a abordagem de um espaço urbano em movimento e de uma cultura popular usufruindo de inúmeros contextos de troca e pertencimento social, optou-se por dividir esse primeiro capítulo em duas partes, cabendo à primeira, esclarecimento do desenvolvimento espacial e estrutural da cidade, bem como as relações sociais correspondentes a tais transformações do espaço; em um segundo momento, propõe-se um olhar atento ao cotidiano popular e os hábitos noturnos que permeavam sua cultura, visando, assim, complementar a visualidade desse cenário.

1.1 *A dinâmica do espaço: modernidade e vida social*

> *O espaço pelotense é fruto de uma sociedade mundial, de determinados estágios de desenvolvimento da humanidade. O espaço nunca está pronto. Sua produção nunca é ditada por fatores unicamente locais. A realidade é una.*[3]

É considerável que a cidade de Pelotas passou, no decorrer do século XX, de polo regional de transações comerciais, para um polo educacional e cultural. Não é exagero afirmar que, em uma área empobrecida como a região sul do Rio Grande do Sul, Pelotas constitua um centro cultural e boêmio que atrai um público de outras cidades em busca de festas, shows musicais, bares e casas noturnas.

Historiograficamente, pode-se afirmar que as produções sobre a História da cidade

[3] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 83.

ainda estão dispersas e não possuem um canal sólido de comunicação. No entanto, pode-se considerar inúmeros trabalhos acadêmicos que contribuem anualmente para o fortalecimento da área e o incentivo a novas linhas de pesquisa, bem como algumas publicações de pesquisadores independentes que, não raro, constituem produções de diálogo profícuo com a historiografia. Ainda assim, há que se afirmar que existem algumas linhas de investigação sobre Pelotas bastante consolidadas, como a economia do charque, a escravidão, inventários dos proprietários de terras e casarões e o declínio deste apogeu sociocultural da cidade, em fins do século XIX. Afora este século privilegiado pela historiografia, encontramos algumas linhas referentes à história dos carnavais da cidade e ao contexto da ditadura militar, bem como estudos do movimento estudantil na cidade. Ainda assim, poucas são as produções que enfocam o século XX e, dentre estas, mais reduzidas aquelas que analisam as primeiras décadas deste século em Pelotas.

Com o intuito de contribuir para uma amplitude maior de temas possíveis, acaba-se por acrescentar alguns graus de dificuldade à pesquisa, pois a proposta aqui é falar do tempo noturno em Pelotas e ainda, das classes populares neste tempo noturno nas primeiras décadas do século XX. A intenção é saber como trabalhadores e anônimos se divertiam, preenchiam suas horas de lazer e reforçavam os laços de sociabilidade durante as escuras horas de domínio sobre o próprio tempo. Portanto, esta pesquisa recorreu a produções sobre temas tangenciais, mas capazes de montar o quebra-cabeças que aqui propomos resolver. Devemos destacar que tal estratégia trouxe resultados bastante surpreendentes, pois revelou ser perfeitamente possível partir destes trabalhos para produzir certos vislumbres e possibilidades de ação, bem como diversificar os olhares sobre o tema. Certamente isto não significa menos trabalho, pois, ao lidar com uma historiografia tímida, a pesquisa bibliográfica neste estudo viu-se obrigada a desenvolver um método 'garimpeiro' de diálogo, ou seja: dentre inúmeras produções que não necessariamente apresentavam possibilidades de aproximação com o tema, optou-se por ir a fundo e traçar pontos de intersecção, em que, eventualmente, encontramos menções ao tempo noturno. Tais pontos de aproximação e diálogo foram de grande valia para a compreensão de um contexto cultural como o pelotense, permeado de interações comerciais, étnicas e culturais, por meio dos portos, viagens de trem, além de apresentar uma bagagem de influências platinas, herdadas de um tempo em que o território do atual Estado do Rio Grande do Sul era disputado entre espanhóis e portugueses.[4]

Considerações importantes para a compreensão do histórico que acompanha a cidade

[4] Sobre estas heranças, recomendo o livro de Magalhães, Mario Osorio. *História do Rio Grande do Sul (1626-1930)*. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

de Pelotas e seu entorno, algumas características socioeconômicas da região agregaram componentes culturais à população e por isso devem ser de entendimento do leitor. Por exemplo, a região Sul do Estado carrega a tradição do manejo de um grande número de cabeças de gado, inicialmente espalhadas na região livremente e que constituiu a principal forma de exploração econômica da área. De fato, as características desta região são as responsáveis pelo imaginário clássico a respeito da figura do gaúcho, "pilchado"[5], montado em cavalos e percorrendo os campos frios do Sul nos trabalhos rurais. Já a metade Norte do Rio Grande do Sul recebeu, nos períodos republicanos, mais incentivos para a diversificação da produção, sendo colonizada massivamente por imigrantes europeus. Quando a economia baseada na pecuária sofreu crises devido à necessidade de modernizações e condições de equilibrar a concorrência platina, o Sul do Estado se viu, pela primeira vez, ultrapassado economicamente, relatando considerável empobrecimento em relação ao crescimento das outras regiões. Conforme o autor Sidney Vieira:

> Na definição de posse pela região foi plasmando-se uma economia pautada na "prea" do gado abundante; mais tarde, na sua industrialização através das charqueadas. A economia não conseguiu logo rever seus investimentos e, quando em pleno século XX, acordou para a falência do modelo pastoril, fundamentado em um único produto, o charque, já estava atrasada na corrida para o desenvolvimento. No século atual [XX], muito da pujança de Pelotas é devido ainda aos reflexos do século passado.[6]

Na verdade, sobre essas questões das disparidades regionais, pode-se observar que, no censo de 1920, havia um equilíbrio da distribuição dos habitantes do Estado entre as duas metades. Vinte anos depois, a proporção passou para 41% no sul e 59% ao norte e, ainda, se adiciona-se Porto Alegre à metade norte, a proporção chega a 37% no sul contra 63% no norte. Contudo, é válido salientar que o sul se impunha na proporção de indivíduos com curso superior, o que certamente se deve aos resquícios da riqueza de elites estancieiras e charqueadoras, que enviavam seus filhos para estudar nas melhores universidades do país e do exterior.[7] Mesmo com a economia da região fragilizada, é significativo que, em 1940, Pelotas figurasse como o 4º município mais populoso do Estado – 104.553 habitantes - e, embora

[5] Expressão referente à vestimenta típica dos homens deste cenário social sul-riograndense de trabalho no campo (apropriada pela cultura regional), composta por bombachas (espécie de calça larga), lenço no pescoço, pala (manta artesanal de lã), poncho (casaco de lã sem mangas, cobrindo o corpo desde o pescoço até os joelhos) e botas de montaria.

[6] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 83.

[7] GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

abaixo de Porto Alegre, Palmeira das Missões e Erechim, estava entre os restritos municípios gaúchos com mais de 100 mil habitantes.[8]

Portanto, o período que aqui se trata, embora constitua um momento de crise, foi de inúmeras mudanças e inovações. Novidades estruturais, tecnológicas, industriais traziam ao Sul do país um mundo novo, cheio de oportunidades e modernidade. A região de Pelotas começou a perceber um surto de fábricas dos mais diversos utensílios domésticos e tem-se na década de 1930 o início do que pode-se chamar de uma transição, de um capitalismo arcaico e tradicional, para uma cultura de consumo. É evidente que tais mudanças não refletiram em uma transformação do caráter agropastoril do Estado como um todo, tampouco fizeram da região Sul um polo industrial. Ainda assim, sem dúvida transformou o modo de vida de diversos setores sociais em Pelotas, trazendo atividades, desejos, rotinas e trajetos que revelavam uma aceleração da vida urbana.[9]

A própria conjuntura política brasileira havia sofrido, com a chegada da década de 1930, consideráveis transformações, a partir do momento em que rompia com uma república de revezamentos entre os principais Estados do centro do país – São Paulo e Minas Gerais – em que o governo de Getúlio Vargas inaugurava uma nova forma de administração, voltada para a integração de todos os Estados em uma política nacional centralizada.

Reflexos destas transformações são algumas medidas que marcaram a primeira metade da década de 1930, por exemplo, os investimentos na educação. A Constituição de 1934 traria uma série de benefícios também às conquistas da legislação trabalhista, como o salário mínimo, o descanso semanal, as férias remuneradas e a regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Em 1935 foi criada a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e da Saúde Pública, evidenciando uma preocupação estrutural do governo em garantir as mínimas condições de salubridade à população, que, na maior parte das cidades do interior, convivia com instalações precárias ou inexistentes de saneamento.[10] Este primeiro período de governo varguista foi marcado por investimentos estruturais, com destaque para o fornecimento de energia e a regulação dos órgãos que administravam os recursos hídricos. De acordo com Gill, Loner e Magalhães:

---

[8] SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4.

[9] RÜDIGER, Francisco. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4.

[10] PETERSEN, Áurea e PEDROSO, Elizabeth. Movimentos sociais urbanos (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4.

> O Presidente Getúlio Vargas, em 1934, assinou o decreto 26.234, promulgando o Código de Águas, que regulamentou o setor de águas e energia elétrica, estabelecendo como propriedade da União todas as fontes de energia hidráulica existentes e o controle sobre as concessionárias de energia elétrica uma atribuição do governo.[11]

O surgimento da energia elétrica parece ter representado uma revolução nos hábitos de divertimentos da cidade, principalmente os noturnos. Por exemplo, Mario Osorio lista que as opções de lazer para os "burgueses mais simples" do século XIX em Pelotas, entre inúmeras reuniões em locais fechados ou restritos a público pagante, incluíam também passeios na Rua da Praia (Porto) para assistir as retretas da banda Lira Pelotense, corridas de touro, bailes, circos e os passeios na praça à noite. "Sentar na frente das casas ou, como ironizava um jornal, 'de olhar as colunas do gás', quando ainda estava a iluminação a gás em fase de instalação".[12] Sobre estes hábitos, vale destacar o trecho do trabalho de Geruza Esteves Borges, que investigou o processo de instalação da rede elétrica em Pelotas, nos anos de 1914-16:

> Em Pelotas, a iluminação pública passou por várias fases. Começou com a utilização de lampiões, ainda na primeira metade do século XIX, passando pelo sistema de iluminação a gás encanado, que teve início no ano de 1875. E, por fim, chegou ao uso da eletricidade no primeiro quartel do século XX.[13]

O período aqui estudado (década de 1930), por outro lado, já presenciava a eletricidade no funcionamento dos bondes e iluminação pública desde 1915, quando começou a eletrificação na cidade, porém, conviveu com a iluminação a gás durante bastante tempo, até princípios da década de 1940. A autora acima citada destaca as propagandas veiculadas nos jornais da época, incentivando a população a trocar a iluminação a gás das residências pela energia elétrica, indicada como mais limpa e segura. Na verdade, o século XX marca o início de uma era de rápidas mudanças tecnológicas e avanços da ciência, o que contribui para a ideia de impactos subsequentes na vida das populações, com significativas transformações em seu cotidiano. "A noção de tempo e espaço se modificou, e novas práticas e "valores"

---

[11] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 142.

[12] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993, p. 155.

[13] BORGES, Geruza Esteves. *A Energia Elétrica como Campo de Pesquisa: Os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916).* 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, p. 20.

passaram a fazer parte de vários setores da cultura".[14]

Passava-se de uma era romântica para a era do capitalismo de consumo, na qual diversas atividades antes inexistentes pela ausência de energia, agora passavam a fazer parte da noite e rechear o passeio público de ofertas comerciais. Episódio que ilustra bem o quanto se modificou o cotidiano e o modo de ver a noite após a modernização das cidades é o encontrado por Glaucia Dias da Costa, trabalho no qual a autora revela um tempo em que as noites de Florianópolis eram regidas pela luz do luar, pois em noites de lua cheia, a ordem era economizar o uso dos lampiões a gás, apenas acendendo caso a lua parasse, por algum motivo, de "alumiar".[15]

A eletrificação da iluminação pública foi um dos impactos dessa modernização em curso. Percebida em diversas cidades do Brasil nas primeiras décadas do século XX, pode-se identificar a mesma euforia em torno da expansão do tempo livre e das atividades oferecidas aos citadinos. Abordando a cidade de Recife, no nordeste do Brasil, o pesquisador Carlos Moura atesta:

> Com a iluminação na cidade do Recife, as ruas que ficavam desérticas logo nos primeiros horários em que o sol se despediam, passaram a ser frequentadas por personagens que não se contentavam com os debates realizados durante o dia, ou que não tinham a oportunidade de marcar presenças nas discussões diurnas.[16]

Além da maior adesão às sociabilidades noturnas, sabe-se que atividades como o cinema também tiveram ampla adesão em Pelotas após a eletrificação (Ver Figura 1), sendo as sessões noturnas muito disputadas. Conforme Loner, Gill e Magalhães:

> No início dos anos 30, a cidade dispunha de mais de uma dezena de salas exibidoras. Com o advento do cinema sonoro […] proliferaram as empresas exibidoras e as salas se espalharam do centro para a periferia urbana, instituindo os cinemas de bairro.[17]

Destaca-se alguns impactos residenciais importantes desta modernidade, como a

---

[14] BORGES, Geruza Esteves. *A Energia Elétrica como Campo de Pesquisa: Os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916).* 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, p. 17.

[15] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX).* 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina.

[16] MOURA, Carlos André Silva de. Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana (1920-1937). *Resgate*, vol. XX, nº 23, jan-jun 2012, p. 101.

[17] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 63.

utilização de aparelhos domésticos, por exemplo, a geladeira e o gramofone, os quais, sabe-se hoje, foram instrumentos – ainda que cada um à sua maneira - de novas condições de vida e acesso à cultura. O próprio funcionamento da *Rádio Pelotense* (1928) teve suas primeiras transmissões oficiais "das 21 às 23 horas, nas noites de quinta-feira e domingo", o que reforça a ideia de uma noite que se adensava.[18] O vínculo do aparecimento da energia elétrica com uma atmosfera de apropriação de novos hábitos que estendiam o tempo da cultura popular, não deixa de fazer parte dos sintomas de uma aspiração à modernidade, sentida em outras partes do país e ligada a novos valores culturais expressivos de uma urbanidade civilizada.

Figura 1

Anúncio das exibições cinematográficas no Theatro Guarany.
Fonte: recorte de jornal anexo a processo criminal do ano de 1934.[19]

Outras melhorias estruturais concernentes à região de Pelotas no período são também

[18] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 214.
[19] Processo nº 217, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1934.

percebidas com relação ao Porto e às reformas de que este vinha carecendo. Enquanto os outros portos importantes do Estado (Rio Grande e Porto Alegre) já tinham seus canais dragados e instalações reformadas, em Pelotas as melhorias só tiveram início após 1930. "As obras, construção de 464 metros de cais e alguns armazéns, tiveram início em vinte de novembro de 1933 e o novo porto passou a funcionar em 12 de janeiro de 1940".[20] Apesar da crise econômica vivida pelo país – ainda sob os efeitos da crise de 1929 - e pela região – vide o fechamento do Banco Pelotense, com falência decretada em 1931 -, a cidade permanecia com o estatuto de aglutinadora de relações econômicas, sociais e culturais. Como bem reflete o pesquisador Rigo, "Pelotas continuava sendo uma cidade pólo da Zona Sul do Estado, um local para onde migravam os moradores da região em busca de trabalho e melhores condições de vida."[21]

É interessante atentar para alguns dados importantes do período, que nos dizem muito do que acontecia com as principais cidades gaúchas no período que estudamos. René Gertz traz a informação de que, em 1920, 71% da população gaúcha vivia em âmbito rural, o que corrobora a realidade predominantemente agropastoril já comentada. Porém, no censo de 1940, 69% da população encontra-se em ambiente urbano, havendo, portanto, uma inversão do contingente populacional, o que indica um êxodo rural significativo neste período.[22] Na verdade, é necessário relativizar estes números, pois algumas modificações na legislação sobre o que era considerado cidade talvez tenham tido grande peso nesses dados. No período do Estado Novo, muitas cidades que eram 'colônias', distritos de outros municípios, foram emancipadas, como São Lourenço do Sul, por exemplo, um dos territórios que pertenciam ao município de Pelotas e que foi elevado ao *status* de cidade em 1938.[23] De qualquer forma, ainda que sejam feitas algumas ressalvas no que diz respeito às mudanças na avaliação, os dados são importantes e apontam para um crescimento dos núcleos urbanos com a simultânea diminuição da população residente em zonas rurais, o que vem ao encontro da realidade aqui pesquisada.

De fato, a migração e o êxodo rural foram fatores determinantes na história da cidade de Pelotas. A ascendência rural ainda se fazia presente, e influenciava comportamentos e

---

[20] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 199.
[21] RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 120.
[22] GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 80.
[23] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

mentalidades. É bom enfatizar que a indústria do charque, que ergueu Pelotas e a transformou em polo de um dos sistemas econômicos importantes para o país no século XIX, lidava, na prática, com um modo de vida distante do âmbito urbano. O trabalho era com mão de obra escrava e abrigava supervisores e negros nas charqueadas. A produção estabelecia um vínculo essencial entre estância – fazendas de pastagem para a criação e engorde do gado – e charqueada, fazendo da região sul do Estado o principal eixo econômico até meados do século XX, quando disputas políticas e mudanças na conjuntura do comércio de carnes acabam por efetivar um declínio gradativo desta economia e, consequentemente, destas elites.

Entre estancieiros e charqueadores havia consideráveis diferenças culturais, pois o estancieiro ficava ainda mais distante de centros urbanos e o charqueador valorizava a exibição de seu *status*, o que pressupunha frequentes comparecimentos a eventos e compromissos da vida em sociedade. Com isso, a diferença no modo de vida dos charqueadores é fator essencial para a compreensão dos costumes e hábitos culturais que perpassam a história desta cidade, sendo que estes mantinham, em sua maioria, suntuosos casarões na cidade, além de escravos também no âmbito doméstico e seus filhos estudavam nas principais universidades do Rio de Janeiro ou São Paulo - quando não da Europa.

Após o declínio dessa economia, as primeiras décadas do século XX foram palco de uma diversificação nas atividades, quando diversos setores da indústria e comércio ganham força e passam a empregar uma camada considerável dos segmentos populares, incluindo trabalhadores com passado na escravidão e/ou descendentes deste contexto violento. Nas primeiras décadas do século XX, Pelotas viveu o apelo à lógica do trabalho, característica deste período pós-escravidão, no qual o objetivo era implantar nas classes empobrecidas e setores marginalizados a ideologia capitalista de trabalho, ordem e consumo, a fim de espantar o fantasma do ócio e dos "maus hábitos", que não movimentavam o sistema comercial base da modernização.

É válido lembrar outra conjuntura histórica que certamente tem papel importante no desenvolvimento urbano, pois desde o início do século XX, reestruturações na malha urbana das cidades forçaram a saída dos trabalhadores pobres de casas nas regiões centrais, como foi o caso do Rio de Janeiro[24] e, um pouco mais tarde, em Porto Alegre[25]. Estas ideologias de saneamento, ordenação e ampliação de ruas e avenidas, provinham de concepções higienistas vindas da Europa e postas em prática na segunda metade do século XIX. Tais medidas

[24] CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
[25] OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

fizeram parte de um amplo espectro de ações visando regular a vida dos trabalhadores e inserir novos hábitos em seu cotidiano.

Mario Osorio Magalhães refere-se a certa nostalgia da *belle époque* sentida pela população de Pelotas após o fechamento do Banco Pelotense, em 1931[26], mas Sidney Vieira traz à tona uma realidade muito mais ativa e dinâmica para a vida urbana pelotense da década de 1930:

> Paralelamente, a cidade experimenta um crescimento que desconsidera tal imaginário, premida que é por fatores que impõem maior reflexo direto. O crescimento das favelas, das periferias, dos loteamentos clandestinos, irregulares, destinados à população de baixa renda, não seguem a lógica da nostalgia, obedecem à lógica do sistema: o mercado se impõe. Assim, Pelotas não foge às regras de crescimento urbano impostas pelo capitalismo e que se reproduzem em toda parte. A valorização de lotes, forçando as camadas mais pobres da população a se afastarem do centro, como local de moradia, indo localizar-se nas periferias, sem infra-estrutura, reproduz um modelo de crescimento em que impera a lógica do mercado de terras urbanas própria do capitalismo.[27]

Na verdade, esta conjuntura já era familiar à cidade, uma vez que Pelotas apresentou, desde suas primeiras formações urbanas, a caraterística de segregação por meio das classificações sociais. Por exemplo, no século XIX, como explica Soares, "arquitetura e urbanística eram a expressão do poder econômico, político, social e cultural da elite terratenente, cujos casarões imponentes em estilo neoclássico ou eclético se localizavam nos solares mais centrais e privilegiados do núcleo urbano, normalmente situados no entorno da praça principal."[28] Na construção deste cenário urbano, constatamos que "empregados, pequenos comerciantes, populações agregadas, ocupavam as ruas secundárias e os setores mais afastados do centro, já evidenciando uma segregação espacial que refletia a rígida hierarquia da sociedade."[29] Portanto, no século XX, tem-se, na verdade, um efeito dominó, em que as subsequentes valorizações de regiões determinavam quem saía e quem ficava de acordo com a classificação na nova ordem social capitalista.

---

[26] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.

[27] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 87.

[28] SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 293.

[29] SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 293.

Como partes desta nova conjuntura normativa, percebem-se normas de saúde, higiene e limpeza, que invadiam as casas pelo rádio, jornais e agentes de saúde, com o propósito de difundir hábitos que minimizassem as contaminações e infecções diversas, responsáveis não só por doenças e males físicos, como também para uma imagem da cidade que não condizia com seu crescimento e a atmosfera moderna a que procurava vincular-se. Com efeito, é desse tempo, também, a especulação imobiliária, favorecida por estas medidas, que levavam à expulsão ou realocação da população pobre para zonas periféricas, ao que os proprietários de imóveis acabaram por enriquecer, desfrutando a valorização dos imóveis centrais, que o trabalhador assalariado já não podia mais pagar. Ou então, desfrutavam da oportunidade aproveitando a demanda por casas populares e construindo habitações simples para aluguel, como o verificado no próprio caso pelotense:

> Ao longo das décadas de 1920 e 1930, industriais, comerciantes, prestadores de serviços, enfim, pequenos e médios proprietários urbanos, construíram inúmeros conjuntos de casas entre duas e dezesseis unidades. Num período em que poucos eram proprietários dos domicílios e caracterizado por uma demanda habitacional aquecida e um capitalismo pouco evoluído, o investimento em casas de aluguel era uma forma segura de aplicação do capital.[30]

O desenvolvimento e expansão da cidade era seguido pelas rotas dos bondes (tração animal, 1883 e elétricos, 1915), os quais já constituíam uma rede bastante significativa para se compreender a configuração da malha urbana e os trajetos mais procurados pelos trabalhadores e moradores dos bairros. É significativo que a cidade de Pelotas tenha sido uma das primeiras cidades brasileiras a manter uma rede de bondes elétricos, inclusive com veículos de dois andares já nas décadas de 1930 e 1940. Os trajetos cobriam tanto as rotas diárias dos trabalhadores, passando pelas zonas fabris e portuárias, como também pelos parques (Parque Souza Soares, bairro Fragata) e zona central, mostrando o quanto os bondes também eram utilizados com finalidades de lazer e diversão.

O traçado do núcleo central da cidade de Pelotas, não por acaso, já estava desenvolvido na década de 1870, período apontado pelo historiador Mario Osorio Magalhães como a consolidação do potencial econômico e cultural da cidade.[31] Partindo desse traçado, nota-se a expansão ao sul já iniciada e representada pelo crescimento da zona do porto, à beira

---

[30] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 260.
[31] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.

do Canal São Gonçalo. Ao longo das primeiras décadas do século XX, a cidade se expandiu, a oeste, em direção ao bairro Fragata (1926) e ligações com a região de fronteira com a Argentina e Uruguai. Para leste, verificou-se o crescimento da cidade com os loteamentos do bairro Areal (1926). Logo depois, o eixo com direção norte também se adensou, formando importante aglomeração nas Três Vendas (1949), trajeto de ligação com Porto Alegre e o Norte do Estado. Conformado o plano da cidade, cuja malha urbana segue a orientação ditada pelos principais eixos de ligação, observa-se a oeste a estação ferroviária; ao Norte e Leste, o desenvolvimento em parte devido à rotas dos bondes e melhorias introduzidas nesses locais (1912 Cia. De Força e Luz, 1913, Serviços e Esgotos).[32] Ao sul, a zona portuária já preenchia o espaço com residências e estabelecimentos ligados às intensas atividades do local. No Anexo A, é possível visualizar o traçado urbano da cidade, o núcleo e loteamentos com base no ano de 1935. O Anexo B retrata resumidamente a expansão dos bairros, conforme explicado no texto acima.

Interessante constatação sobre a infraestrutura pioneira na região é destacada pelo pesquisador Paulo Roberto Rodrigues Soares:

> Pelotas, centro econômico do sul do estado, não foi favorecida pela presença do poder estatal, mas pela pujança da economia saladeril e pelo desejo da elite das charqueadas de registrar seu poder e sua riqueza no espaço urbano. A cidade também se destacava pela implantação de infra-estruturas, como o mercado municipal, os serviços de abastacimento de água, de transporte coletivo, de iluminação a gás e o serviço telefônico. A estrada de ferro chegou à cidade em 1877. Quanto às instituições sociais, temos o Theatro 7 de Abril (de 1834), a Biblioteca Pública, a Praça do Comércio, o Clube Comercial e a Escola de Agronomia (de 1883).[33]

Alguns aprofundamentos sobre a localização singular da cidade se fazem necessários para que se possa expor a diversidade de influências que esta peculiar geografia confere ao espaço pelotense. A cidade fica a cerca de 259 km ao sul da capital do Estado, Porto Alegre, e dista o mesmo da cidade extremo Sul do Brasil, Chuí, fronteira com o Uruguai. A sudoeste, no entanto, Pelotas dista apenas 140 km da cidade de Jaguarão, que também faz fronteira com o Uruguai. Portanto, ao tratarmos de sociabilidades, cultura e cotidiano, é necessário atentar para a proximidade da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul com os países do Prata.

---

[32] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

[33] SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4, p. 293.

Lindamir Ester Adamczuk problematiza o conceito de região de fronteira, e discute a cultura nestas zonas. A autora destaca a preocupação com a *faixa de fronteira*, prolongada no Governo Vargas de 100 km internos do território brasileiro (1934), para 150 km, em 1937.[34] Em um de seus artigos sobre o tema, Adamczuk enfatiza a relevância que tais territórios tinham na política varguista, pois foram alvo de medidas de reforço da cultura e dos costumes brasileiros, com o claro propósito de inserir tais regiões em seu projeto de unidade nacional. A autora analisou, também, a atuação de algumas rádios destas regiões no período do Estado Novo (1937-1945), entre elas a Rádio Pelotense:

> Quando o projeto nacionalista buscava integrar os territórios mais distantes em torno dessa identidade ele buscava não só levar até eles as noções de brasilidade oriundas do centro, mas também trazê-los até essas noções para fazer esses territórios tomarem parte de comemorações, de símbolos, de expressões culturais **que não eram deles.** Foi o que aconteceu quando a rádio *Charrua* comemorou o centenário de nascimento do Marechal Floriano Peixoto e o dia de Tiradentes, quando a rádio *Pelotense* organizou concurso de sambas e marchas, quando a *Imembuí* apresentou radioteatro ou quando a *Nota Alegre da Cidade* executou as músicas dos cantores nacionais que faziam sucesso no momento. Através de tudo isso o rádio integrou as comunidades mais distantes a um projeto comum.[35]

Este trecho é destacado por sugerir uma indagação: será que diante do contexto do povoamento multicultural do Estado, bem como do âmbito pelotense, seu histórico, a cultura de seus carnavais e sua bagagem interétnica, pode-se dizer que este universo estava tão distante assim de sambas e marchas? Crê-se que a resposta está na própria historiografia sobre a cidade, na qual pode-se encontrar inúmeras referências que destacam a presença africana, como por exemplo o trabalho nas charqueadas, bem como a riqueza cultural de um carnaval popular permeado de elementos dessa cultura, no qual os foliões percorriam as ruas ao som das marchinhas e bandas de clubes.[36] Podem-se acrescentar ainda, as trocas culturais provenientes de relações comerciais com diversos Estados do país e de uma zona portuária bastante movimentada por trabalhadores de inúmeras regiões do Brasil. Trecho que explica um pouco dessa herança cultural é o verbete escrito por Mário de Souza Maia, importante referência nas pesquisas sobre a música popular em Pelotas, para o *Dicionário de História de*

---

[34] ADAMCZUK, Lindamir e SILVEIRA, Ada Cristina M. da. Indústrias culturais e faixa de fronteira no Brasil meridional. *Mercator* – Revista de Geografia da UFC, ano 03, nº 05, 2004.

[35] ADAMCZUK, Lindamir. Radiodifusão e identidade nacional em terras de fronteira (1937-1945). IN: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz* / Associação Nacional de História, Londrina (PR), 2005, p. 5. Grifo meu para enfatizar a afirmação a seguir discutida.

[36] BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o Carnaval pelotense de 1890-1937*. Pelotas: Educat, 2003. Retornaremos a esta contextualização posteriormente.

Pelotas:

> Viajantes estrangeiros que por aqui passaram, registraram a presença de atividade musical em festas promovidas por escravos às margens do Canal de São Gonçalo e dos Arroios Pelotas e Santa Bárbara. Em cerimônias matrimoniais ou em cultos religiosos, os negros foram provavelmente os primeiros músicos a atuarem em Pelotas, construindo assim uma sólida cultura musical desde os primeiros momentos de ocupação deste território.[37]

É evidente que não se está aqui a afirmar que o samba, como o conhecemos hoje, existia no tempo da escravidão na cidade de Pelotas. Mas há que se considerar que diversos elementos da cultura africana que foram a base de sustentação do samba, como os batuques e demais rituais religiosos, já estavam presentes e ativos nesta sociedade desde o início do século XIX. Além do que, são inúmeras as menções à importância do Carnaval pelotense no Estado, sendo este uma referência para o carnaval de Porto Alegre, como recorda Lupicínio Rodrigues: "as lanternas eram feitas por artistas , especialmente contratados, muitas vezes em outras cidades, assim como Pelotas e Rio Grande, aonde sempre foi o QG do Carnaval do Rio Grande do Sul".[38]

A troca cultural proporcionada pelo contexto portuário, em Rio Grande, demonstrada no depoimento de um colaborador do pesquisador Luiz Carlos Rigo, evidencia mesmo o caráter multicultural destes encontros no início do século, como foram as partidas de futebol agendadas com os marujos de navios ingleses, assim que aportavam na cidade. "Todas as vezes que tinha navios estrangeiros em Rio Grande, convidava para jogar uma partida de futebol... Jogamos com diversos navios."[39] É inegável que no início do século os jogadores de futebol – no Brasil e na região de Pelotas e Rio Grande – não provinham, em sua maioria, das classes populares.[40] Contudo, ao longo das primeiras décadas do século XX, observa-se a crescente popularização do esporte, com a fundação dos primeiros clubes, como o Athlético Foot-Ball Club (fundado em 1904 por influência da cidade de Montevidéu, no Uruguai), C.S. Internacional, C. Esportivo e Foot-Ball Club (1906), o trio que em 1908 se fundiria

---

[37] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 177.

[38] RODRIGUES apud. OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 105.

[39] LAWSON apud. RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 38.

[40] Francisco Rüdiger aponta algumas atividades exemplares da modernidade, com destaque para o cinema e o rádio, bem como para atividades como o futebol. "Importado como esporte de elite, popularizou-se aos poucos. Depois de 1930, começaria a se tornar cada vez mais um espetáculo de massas". RÜDIGER, Francisco. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 358-359.

transformando-se no Esporte Clube Pelotas e, mais tarde, em 1911, surge o E.C. Brasil, que ao longo de sua trajetória assumiria posturas menos elitistas, tornando-se o clube mais popular da cidade.[41] "Transformando terrenos baldios em campo, pouco a pouco ele [o futebol] vai deixando de ser exclusividade de sócios de clubes da elite branca."[42] Após o expediente, em campeonatos informais ou times profissionais, o futebol consolidou-se, em Pelotas, como mais um circuito de afirmação e identificação sociais, transformando-se, pouco a pouco, em parte importante da sociabilidade popular. As classes populares montavam times em seus núcleos de convivência e trabalho. A fábrica Fiação e Tecidos é exemplo das muitas fábricas e empresas que mantinham times para disputar campeonatos. Inclusive dispensavam os jogadores para treinos e jogos, a ponto de – por exemplo, quando o funcionário jogava pelo time adversário – ocultar ou disfarçar o favorecimento perante os demais colegas de trabalho. Embora se tenha notícia das disputas mais acirradas já nos anos 1960, sabe-se que nas décadas de 30 e 40 os jogos informais eram regra nos bairros e na saída do trabalho.[43]

Tamanha singularidade só vem a confirmar a hipótese de que Pelotas, enquanto centro regional aglutinador, configurava uma rede complexa de transculturalidades, uma vez que o porto de Pelotas constituía um canal direto com o polo naval riograndino e com a capital do Estado, Porto Alegre. Segundo Luiz Carlos Rigo,

> a emergência, a gênese e as formas de proliferação do futebol brasileiro na zona sul do Rio Grande do Sul terá então os rastros desta dupla linhagem platina/europeia. Diferente do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde o viés europeu foi a influência dominante, se não exclusiva no início do século, o futebol daqui desenvolveu-se e alastrou-se materializando os cruzamentos culturais de fronteira, o que deu a ele um rosto híbrido, marcado pela diversidade cultural, por tensões e conflitos.[44]

Está claro que Rigo atenta para as múltiplas influências que permearam esse contexto. É perceptível que o autor remete à singularidade do espaço pelotense enquanto inserido em um ponto geográfico peculiar, sujeito a uma gama de interações culturais, como a

---

[41] "Lembrado também como o primeiro clube da cidade que se dispôs a aceitar em seu grupo jogadores negros e mulatos." (RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 153) "Atualmente Pelotas e Brasil são as duas principais equipes da cidade, mantendo uma rivalidade clássica expressa num sempre agitado Bra-Pel." (RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, nota 146, p. 94)

[42] RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 93.

[43] RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

[44] RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 48.

fronteira com o Uruguai e Argentina, que tanto agregou elementos ao imaginário social dos gaúchos. A partir da análise profunda deste autor sobre o contexto pelotense envolvendo o surgimento e disseminação do futebol, pode-se perceber que as múltiplas influências e a crescente urbanização, bem como novas noções de civilidade penetravam este cenário, e favoreciam, em maior proporção, as interações culturais e de lazer entre as pessoas. Seguindo este raciocínio, tem-se que nesta conjuntura espacial e temporal, tornava-se possível, uma apropriação do espaço público na cidade, que refletia a cultura popular e seus encontros, nos quais empregados de fábricas, trabalhadores portuários, conhecidos dos estabelecimentos comerciais das redondezas, todos estes circuitos eram interconectados, e construíam, de fato, a rotina da cidade. Essa possibilidade de transformação do próprio cotidiano popular, regido majoritariamente pela lógica do trabalho e da sobrevivência, agregava aos dias e noites desta cultura, o tempo do lazer e o reforço dos laços sociais entre as pessoas, revelando a importância dos encontros e atividades fora do contexto profissional.

Na verdade, o que mais surpreende ao se pensar sobre as espacialidades e contornos urbanos que envolviam a cidade de Pelotas na década de 30 do século XX é justamente notar a concomitância de um traçado efervescente, que refletia a atmosfera industrial e agitada das cidades invadidas pela modernidade e, ao mesmo tempo, um certo provincianismo, um tom de cidade pequena, presente nos hábitos e comportamentos dos habitantes, mostra de que os valores de uma classe popular basicamente rural ainda permeavam o cotidiano dos citadinos. Na seção seguinte, discutiremos mais detalhadamente as transformações desta época refletidas na cultura e nas sociabilidades dos populares.

1.2 *Caminhos populares: cultura e sociabilidades*

Para que se compreenda a dinâmica dos notívagos na cidade de Pelotas, é necessário retomar algumas características fundamentais de como determinados segmentos sociais eram percebidos e tratados por esta sociedade, a qual deixava para trás, cada vez mais, seu passado bucólico e respirava os ares modernos advindos das grandes metrópoles. Conforme o discutido no subcapítulo anterior, a historiografia sobre a cidade gira em torno de alguns temas-chave, como a elite charqueadora do século XIX, a escravidão e os operários. Por isso, acaba-se por partir a um trabalho de garimpo se o objetivo é visualizar a sociabilidade popular na vida noturna. No entanto, engana-se quem pensa que este trabalho de formiga é inútil, pois são perceptíveis menções à sociabilidade popular mesmo em publicações referentes ao século

XIX, como foi o caso do livro *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1993), em que o pesquisador Mario Osorio Magalhães salienta as inúmeras opções de lazer e sociabilidade que acompanham a história de Pelotas, dedicando a segunda parte do livro especialmente a este aspecto. Ainda que o autor detenha a pesquisa ao período compreendido entre os anos de 1860 e 1890, sua contribuição é de fundamental importância na compreensão da bagagem cultural pelotense e nos hábitos noturnos que se perpetuaram pelas décadas do século XX. Segundo Magalhães, o período de seu estudo privilegia os anos do apogeu sociocultural da cidade, quando as boas condições econômicas desenvolvidas pela atividade charqueadora trouxeram benefícios não só infraestruturais, como para a vida cultural pelotense.[45] De fato, um dos vestígios sobre as primeiras opções de diversão e sociabilidade da cidade são relacionados aos encontros periódicos para o comércio do gado, quando o desenvolvimento urbano se incrementava e, após as transações comerciais, fazendeiros e peões iam para a zona central da cidade a fim de fazer compras ou em busca de algum serviço ou diversão.[46]

Entre as opções de lazer do fim do século XIX, as reuniões particulares tinham destaque, geralmente ocorriam em casas de gente da "primeira sociedade", ou seja, onde somente as famílias de prestígio e propriedades importantes no contexto socioeconômico obtinham o acesso por meio de uma rede de sociabilidade circunscrita às elites charqueadoras e nomes ligados à autoridade imperial. Essas reuniões privadas eram a principal atividade cultural das jovens de setores abastados, pois o recato e a preservação da imagem da mulher eram indicativos de famílias respeitáveis e de conduta moral irrepreensível. Segundo Mario Osorio Magalhães, estas meninas aprendiam piano, francês, bordados e culinária, e muito raramente saíam à rua, exceto pelas ocasiões dos saraus em casa de outras famílias, quando iam ao teatro ou às igrejas. Ao menos esta era a conduta esperada no âmbito social em que circulavam, embora as classes abastadas dispusessem de mais recursos para o caso de ter-se de esconder ou suprimir comentários sobre comportamentos indesejáveis. Voltaremos a este assunto posteriormente, no Capítulo 2.

Na mesma publicação, verifica-se, ainda que tangencialmente, algumas considerações sobre o lazer popular, pois Mario Osorio destaca o cotidiano de trabalho extenuante da segunda metade do século XIX como um dos fatores pelos quais a noite se

---

[45] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.

[46] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

constituiu enquanto o tempo da diversão do povo, que não dispunha de mais horários na semana para desfrutar de alguma diversão.[47] Somado a isso, há que se considerar, também, o rigor dos invernos nesta região, razão pela qual os meses do verão aparecem frequentemente como os mais férteis em opções culturais e de diversão para os habitantes. Essa característica climática, por outro lado, explica a familiaridade do âmbito popular pelotense com outro hábito tipicamente brasileiro e parte constituinte da identidade nacional: a famosa "cachacinha", pois na primeira metade do século XX, essa constituía uma das maneiras mais acessíveis e eficientes para os notívagos das classes populares manterem seus corpos aquecidos.

É pertinente ressaltar, quanto ao uso do conceito de cultura adjetivado como 'popular' - caso deste trabalho -, o alerta de Roger Chartier para os perigos de um engessamento na oposição entre as duas visões mais recorrentes, sejam elas, a noção autônoma da cultura popular, independente e encerrada em si mesmo, e aquela que a vê como definida pela distância da cultura legítima da qual ela é privada. Neste trabalho, a percepção de cultura popular distancia-se dos extremos mencionados acima. O próprio Chartier é quem busca relativizar o conceito, destacando possibilidades de trabalho mais flexíveis e que apontem campos de atividade menos estanques:

> O "popular" não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de **relação**, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras.[48]

O termo aqui foi pensado pressupondo uma relação entre todas as noções particulares que possam adjetivar o conceito de cultura, sem estabelecer hierarquias ou compactuar com quaisquer projetos verticais que utilizem julgamentos de inferioridade ou superioridade na comparação cultural. A ideia é, ao contrário, perceber como diferentes grupos sociais portadores de configurações culturais distintas veem, a si próprios e aos demais grupos, em determinado contexto histórico. Nesta pesquisa, para usar uma frase de Da Matta, "o conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura".[49]

---

[47] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.
[48] CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 184. Grifo meu.
[49] DA MATTA, Roberto. *Você tem cultura?* Artigo publicado no Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981, p. 4.

Procura-se evitar também, neste trabalho, a oposição que inúmeros pesquisadores insistem em promover entre o âmbito social e o cultural. Com efeito, acredita-se, aqui, que não há como pesquisar a cultura sem deparar-se com estratégias de ação e reflexão do social – ainda que ação e reflexão nem sempre se pautem pela mesma lógica. Portanto, seria ingênuo e sem sentido pensar um cotidiano (noturno) fragmentado, onde o âmbito cultural não agregue concepções ligadas à estrutura econômica, política e, consequentemente, social. A vida real não acontece diferenciando política, ideologia ou cultura, vive-se em uma sociedade onde todos estes âmbitos estão em contínua intersecção e influenciam-se mutuamente, por isso não há sentido algum em compactuar com visões que não pressupõem o diálogo entre o popular e a elite, o social e o cultural. Deve-se respeitar a diversidade

> dos valores, diversidade das posições individuais, às quais se soma a consciência, entre os atores, da incerteza que pesa sobre as consequências dos seus atos. Longe de ser um todo coerente, a vida social é feita de diferenciais, cada um dos quais oferece uma possibilidade de mudança.[50]

Nesse sentido, é preciso lembrar que o processo de assimilação das identificações que levam à constituição de uma cultura comum perpassa diversos caminhos de troca, sendo que estes caminhos são vias de mão dupla, ou seja, se estabelece uma relação de pergunta e resposta por meio de qualquer interação. Segundo Chartier,

> a mídia moderna não impõe, como se acreditou apressadamente, um condicionamento homogeneizante, destruidor de uma identidade popular, que seria preciso buscar no mundo que perdemos. A vontade de inculcação de modelos culturais nunca anula o espaço próprio da sua recepção, do seu uso e da sua interpretação.[51]

Assim, entende-se a cultura popular enquanto aqueles hábitos, costumes e cotidianos vividos e repassados às novas gerações das classes trabalhadoras, os setores compostos pelos empregados despossuídos. Aqueles aos quais depende de si o próprio sustento e que não possuem bens nos quais confiar, caso haja necessidade. Ao utilizar as expressões 'elite' ou 'classes dominantes', não se pretende insinuar aqui nenhum tipo de superioridade cultural destas camadas perante as classes populares, e sim, especifica-se um grupo social que dispunha de recursos financeiros e relações ligadas à direção de empreendimentos, firmas

[50] ROSENTAL, Paul-André. Construir o "macro" pelo "micro": Fredrik Barth e a "microstoria". IN: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 169.
[51] CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 186.

e/ou propriedades.

Esclarecidas as opções de abordagem com relação à cultura popular, é válido ressaltar que, apesar das dificuldades em fixar uma corrente historiográfica que privilegie o estudo da noite, pode-se dizer que as últimas décadas têm demonstrado um aparecimento - tímido, ainda, mas sólido - de produções ligadas ao tema noturno, da boemia e da sociabilidade. A este respeito, podem-se mencionar as publicações da historiadora Núncia Constantino, como *Modernidade, Noite e Poder: Porto Alegre na virada do século XX*, que destaca o crescente papel do Estado no controle e fiscalização das condutas dos habitantes referentes ao âmbito noturno, a vigilância às casas noturnas e comportamentos com base na lógica de mercado, que começava a ditar as regras também no mundo da noite, exemplos da nova conjuntura que intrincava os ideais de modernidade do início do século XX com novas dinâmicas sociais na capital do Estado[52].

A boemia se viu diretamente atingida pelas noções de civilidade que acompanharam as transformações da modernidade no início do século XX. Já na década de 1930 é possível perceber, por meio do samba que se popularizava, uma clara distinção que perpassava não só normas de conduta como delineava relações entre o "morro" e o "asfalto".[53] O boêmio "higienizado"[54] e as produções que ilustram a distinção entre o 'malandro' e o 'rapaz folgado' no espaço urbano do Rio de Janeiro[55], são exemplos de como a lógica da ordem perpassava não só os âmbitos político e econômico, como também as relações sociais e a cultura, com um sentido de normatização dos hábitos noturnos e populares. Márcia Ramos de Oliveira introduz a discussão sobre tais impactos na vida noturna de Porto Alegre: "a tentativa de urbanizar para 'civilizar' os espaços, nos moldes burgueses, confrontava-se com a tradição dos prazeres noturnos nestes lugares."[56] Apesar de parecer contrastante, a modernidade carregava consigo a

---

[52] CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Modernidade, noite e poder: Porto Alegre na virada para o século XX. *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 4, 1997, pp. 49-64.

[53] Expressões que carregam a conotação do embate sociocultural entre os 'malandros' que viviam nos morros cariocas – e não, raro, sobreviviam de golpes e negócios ilícitos – e os boêmios 'higienizados' da classe média dos bairros residenciais, ligados à ordem do trabalho, mas que clamavam pelo direito de conhecer e produzir um samba autêntico, tão ligado à cultura popular carioca quanto era a musicalidade presente nos morros. Esses termos são largamente utilizados na música popular e na historiografia que explora esses embates.

[54] BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina-PR, 1930-1970).* 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

[55] GASPAROTTO, Lucas André. *A civilização começa a subir o morro: as composições de Noel Rosa na polêmica musical com Wilson Batista.* 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; NOVAES, José. Um episódio de produção de subjetividade no Brasil de 1930: malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2001; ROCHA, Gilmar. O sistema da fama: rádio, gênero e malandragem no Brasil dos anos 1940. *Alceu* - v.7 - n.13 - p. 134 a 148 - jul./dez. 2006; TOTA, Antonio Pedro. Cultura, política e modernidade em Noel Rosa. *São Paulo Perspectivas***,** 2001, vol.15, n.3, pp. 45-49.

[56] OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação

influência parisiense de uma vida noturna agitada. O glamour dos cafés que marcaram o século XIX na Europa foi, aos poucos, penetrando nas grandes cidades do Brasil, e transformando as necessidades noturnas de qualquer cidade que aspirasse a ideais cosmopolitas.

A este respeito, Luiz Carlos Soares complementa este raciocínio. O artigo *Por uma genealogia da noite na cultura ocidental* do autor abarca os diferentes significados da noite desde tempos remotos, mas alerta para a percepção, no século XX, da noite como um vultoso negócio e para a necessidade posterior a esse desenvolvimento, de policiar e disciplinar as atividades ligadas à indústria do entretenimento. Uma moral burguesa de isolamento das áreas de lazer e da interdição do acesso a mulheres desacompanhadas permaneceu ditando as regras na noite, ao menos até o início da segunda metade do século XX.[57] Veremos posteriormente o quanto tais restrições, principalmente no concernente ao acesso das mulheres desacompanhadas no contexto noturno pelotense, permaneceram vigentes.

Percebe-se o quanto a ideologia higienista que perpassou essas primeiras décadas do século XX, causou impactos na sensibilidade das diversões noturnas e na cultura do país. Regulava-se e orientava-se a população acerca do melhor modo de proceder nestes círculos boêmios, adotando padrões de comportamento e civilidade ligados à lógica burguesa de modernidade que se espalhava pelos centros urbanos. Homens voltados para o trabalho é o que a sociedade necessitava, e foi esta a lição difundida por governos, médicos e intelectuais do período, seja por meio das propagandas, jornais ou até mesmo da música popular.[58]

Aspecto interessante sobre o estudo da noite nas cidades é constatar que, apesar de serem traçadas linhas gerais de desenvolvimento, conectando as transformações econômicas e tecnológicas que se refletem na apropriação do tempo noturno pelas pessoas ao redor do mundo, cada cidade, ou, melhor dizendo, cada "pedaço" - para utilizar o termo do antropólogo José Magnani[59] – adquire um contorno e especificidades próprias, revelando expressões autônomas a cada universo cotidiano, feito de pessoas e suas realidades. Não somente as cidades apresentam contornos de sociabilidades noturnas diferentes entre si, mas é

(Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 83.

[57] SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

[58] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.* 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001; CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Discorreremos mais atentamente sobre isto no capítulo 3.

[59] MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

possível encontrar, em uma mesma cidade, inúmeros espaços contendo diferentes histórias sobre o modo como os habitantes interpretam e vivenciam o tempo noturno. Traço significativo destas múltiplas percepções, é o trecho extraído do trabalho da autora Gláucia Dias da Costa, sobre as noites do Rio de Janeiro:

> São principalmente os boêmios, jornalistas e literatos que fazem uso da cidade noturna, tendo como pontos de encontro os cafés e confeitarias cariocas, além é claro, das ruas. Essa geração de escritores continuou produzindo, renovando-se com o passar dos anos e vivendo seu auge na década de 30 do século XX. O desenrolar dessas práticas aqui no Brasil não se deu descolado do modelo urbano, por isso cada cidade apresenta uma maneira diferente de vivenciar a cultura noturna.[60]

De ébrios a literatos, empresários e operários, a noite foi capaz, através dos tempos, de construir espaços e "pedaços" em que as diferenças do mundo exterior eram, se não sublimadas, ressignificadas durante o tempo cotidiano em que o mundo do trabalho era brevemente esquecido.

A localização geográfica de Pelotas já configura a presença de uma série de influências e contatos, como a capital do Estado, ao norte; a leste, a Laguna dos Patos; ao sul, o acesso ao Porto de Rio Grande e em direção à campanha, a oeste, a fronteira com os países platinos. Devido a esta configuração singular e às múltiplas relações sociais que permearam seu contexto histórico, pode-se afirmar que o espaço urbano da cidade de Pelotas apresentava, já na década de 1930, uma diversidade de interações étnicas e culturais bastante rica. A população negra era agora uma comunidade consolidada[61], com muitas associações e clubes organizados – havendo inclusive hierarquias e vigilâncias comportamentais internas[62] -, a população migrante do meio rural – constituída em grande parte por descendentes de alemães – fazia-se cada vez mais presente nos bairros periféricos, além da ascendência portuguesa e

---

[60] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, p. 22.

[61] O autor Paulo Rodrigues Soares escrevendo sobre demografia, migrações e urbanização no Rio Grande do Sul no período que aqui estudamos, aponta indícios de que a população declarada não-branca (negros e pardos) acentuava-se nas cidades de Pelotas e Rio Grande, bem como na região metropolitana e regiões de fronteira, "resultado de uma herança histórica do próprio processo de ocupação e apropriação do território gaúcho." SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4, p. 311.

[62] Conforme artigo de Beatriz Loner e Lorena Gill, o clube Fica Aí, exclusivo para sócios de origem negra, manteve desde meados da década de 1930 até aproximadamente a década de 1960, políticas rigorosas de padrões comportamentais e vestimentas para com seus sócios, considerado perante a comunidade negra pelotense em geral, um clube representativo da elite social da etnia. Ver LONER, Beatriz e GILL, Lorena. *Clubes Carnavaleros Afrobrasileños en Pelotas: La Memoria más allá de la Samba*, *Oral History Forum d'histoire orale 32*, Edición Especial/Special Issue "Historia Oral en América Latina/Oral History in Latin America", 2012.

espanhola já presente entre os primeiros habitantes. Tal condição fazia com que, por exemplo, a diocese de Pelotas fosse vista como uma das mais "brasileiras" do Estado.[63] Justamente por abarcar uma diversidade de etnias sem a predominância acentuada de alguma, havia na cidade um universo heterogêneo de influências.

Ainda sobre esta multiplicidade de etnias e culturas, é necessário notar as dificuldades presentes nestes primeiros momentos de convivência diária entre diferentes culturas, imbuídas de suas crenças, preconceitos e idiossincrasias. Fator marcante sobre essas relações no período aqui estudado é a transição de uma base de trabalho escravo para o trabalho assalariado, o que implicava em encontros e na convivência interétnica. Durante a primeira metade do século XX (no mínimo), esse processo não foi sentido sem alguns sérios obstáculos para a população negra de Pelotas. Os imigrantes tinham a preferência dos empregos e ganhavam com maior facilidade a confiança dos patrões. Como no caso descrito pelo historiador Karl Monsma para a realidade do interior paulista, o cotidiano do trabalho era cenário no qual vinham à tona inúmeros conflitos interétnicos, enfatizando uma modernidade cambaleante, ainda muito apegada aos valores eurocêntricos do século XIX.[64] As primeiras décadas do século XX foram décadas de segregação e preconceito, nas quais o negro, aos poucos, fazia-se ver e representar no mercado de trabalho e nos circuitos sociais. É significativo que o primeiro centro de Umbanda do Estado tenha sido fundado na cidade vizinha, Rio Grande, já em 1926, refletindo uma presença sólida das práticas relacionadas aos cultos na região.[65] No entanto, a perseguição e demonização das religiões africanas eram uma constante neste período. Por exemplo, a parceria de Getúlio Vargas com a Igreja Católica – que levou católicos em massa a apoiarem o novo governo pós Revolução de 30 – acabou por legitimar o ensino de religião nas escolas públicas, o que, na prática, significava a disseminação dos preceitos católicos em detrimento das demais religiões.

Em contraposição, foi criado, em 1932, o Comitê Pró Estado Leigo, "cuja luta principal era contra a institucionalização do ensino religioso facultativo, julgado como um projeto capaz de colaborar para o monopólio religioso do catolicismo."[66] Ainda assim, as táticas de deslegitimação das religiões africanas e/ou mediúnicas eram cada vez mais

---

[63] GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.
[64] MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000.
[65] ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. IN: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.* Passo Fundo: UPF, 2002.
[66] ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. IN: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.* Passo Fundo: UPF, 2002, p. 222.

utilizadas pelo catolicismo: "a associação das práticas de invocação aos espíritos com imoralidade, falta de decência, é uma constante nas fontes católicas do período, as quais opunham a "seriedade", "claridade", de um ritual normatizado em moldes romanizados, à "leviandade", "escuridão", de práticas condenáveis e próximas da devassidão, do crime, da loucura."[67] Na prática, o espaço da cultura negra ficava cada vez mais segregado a seus clubes e associações privadas. Contudo, havia um momento popular por excelência: o carnaval. Desde a década anterior (1920), o carnaval de Pelotas era notório por suas festividades na rua, com os desfiles dos cordões e carros dos clubes da elite, levando a dias e noites de músicas, danças e alegria. Entretanto, com a crise econômica que Pelotas viveu ao longo da década de 1920, os tradicionais clubes sociais, que marcavam os carnavais pela suntuosidade das fantasias e carros alegóricos, a exibição das Rainhas e os desfiles em público, sofreram o baque da dificuldade financeira. Com isso, passaram a recuar cada vez mais para um âmbito privativo, restringindo suas comemorações a portas fechadas e mantendo os bailes apenas para seus sócios. É dessa época que se percebe uma ênfase ao carnaval popular, de rua, dos blocos e cordões, destacado pelo autor de *Dias de Folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937*, o pesquisador Álvaro Barreto:

> Os nomes revelam a diferença cultural e de mentalidade que há entre os cordões e os clubes carnavalescos. Brilhante e Diamantinos, de inspiração europeia e burguesa, são joias de alto valor (no caso do Diamantinos, os próprios sócios se outorgam esse valor, o brilho e rigidez normalmente identificado com o diamante, pois eles são os "diamantinos"), reflexo do status social que gozam os associados. Já os cordões, formados por setores da chamada classe média baixa ou, então, de setores estáveis da classe baixa (empregados ou donos de pequenos estabelecimentos), normalmente ex-escravos ou descendentes destes, não trazem em sua denominação o destaque ao status de seus componentes, não tão fulgurante ou digno de ênfase, mas a disposição de utilizar nomes jocosos ou dúbios (Es...pia Só, Fica Aí, Depois da Chuva, Chove Não Molha), os quais significam a cultura mais cômica que lhes é inerente, a predisposição a realizar um Carnaval mais participativo do que o Carnaval Veneziano, que tem como característica o exibir-se.[68]

O autor também salienta que, nas décadas de 1920 e 1930, a preferência musical desses carnavais populares pelotenses foi por sambas e marchas, frequentemente com letras satíricas e bem-humoradas. É interessante atentar para uma classificação desenvolvida pelo

[67] ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. IN: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.* Passo Fundo: UPF, 2002, p. 228.
[68] BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o Carnaval pelotense de 1890-1937*. Pelotas: Educat, 2003, p. 85.

autor que facilita a compreensão acerca das dinâmicas que envolveram o carnaval e suas apropriações em Pelotas. Celebração com diversas fases, o carnaval no Brasil é sintomático das múltiplas influências culturais que perpassam sua história:

> O Carnaval no Brasil, embora tenha mudado muito ao longo dos anos, pode ser classificado em três momentos: (1) da Colônia até aproximadamente 1850, é uma folia branca, lusitana, caracterizada pelo Entrudo; (2) de 1850 até 1920 persiste o carnaval Veneziano, de origem francesa e italiana, elitizado e, obviamente, branco; (3) a partir de 1920, os festejos popularizam-se, ganha importância o elemento negro e os seus costumes.[69]

Sabe-se que, mesmo antes de o "elemento negro" se popularizar, os negros já davam vazão às suas manifestações culturais nas épocas de carnaval, mas de maneira mais vigiada pelo poder público e pela elite branca. Na verdade, esta via de mão dupla que foi a trajetória carnavalesca revela o quanto esse período do ano era aproveitado por todos os setores sociais para se libertar das conveniências humanas e, no caso dos ex-escravos (e descendentes destes), criar estratégias de expressão e preservação de sua cultura original. De qualquer maneira, seja com desfiles luxuosos, seja com os cordões e marchinhas, a demanda à época era de que o carnaval fosse comemorado nas ruas, como salienta Barreto, a partir de uma citação do jornal *Diário Popular*, de 23 de fevereiro de 1936, ano em que muitos cordões não saíram às ruas por falta de apoio da Prefeitura Municipal:

> Chegou o carnaval. Veio, como sempre alegre, anunciando-se, previamente, com o tilintar dos guizos. Chegou e... entristeceu. Pelotas não vai vibrar! Suas ruas abandonadas pelo barulho dos cordões, que fazem a alegria do povo, não terão aquele 'tic' que atraía multidões (…) Mas as ruas precisam de alegria. Que venham os 'pulhas', que venham os ranchos improvisados, que venham os grupos arranjados à última hora. Que não fique o carnaval fechado nos salões, onde o povo não vai... porque o carnaval é festa do povo".[70]

Na verdade, o trecho acima citado tem muito que ver com os anseios desta pesquisa, uma vez que esse ressalta o apelo público da cultura popular, celebrada nas ruas durante o carnaval. Trabalhar com uma noite popular pelotense significa dar passagem aos desfiles, ainda que nem sempre com o aspecto lúdico do carnaval, porém, com o colorido do cotidiano de trabalhadores, namorados, boêmios e ébrios que compunham o ritual noturno do lazer e do domínio sobre o próprio tempo. Buscar as ruas, os bares, os beijos escondidos e as cantorias

[69] BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o Carnaval pelotense de 1890-1937*. Pelotas: Educat, 2003, p. 107.
[70] BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o Carnaval pelotense de 1890-1937*. Pelotas: Educat, 2003, p. 92.

dos amigos significa, também, valorizar o tempo do prazer e da diversão. 'No popular', pesquisar as coisas boas da vida.

Dentre as atividades noturnas importantes verificadas na cidade desde o século XIX até a segunda metade do século XX, a serenata destaca-se como um segmento importante das noites pelotenses e do cenário musical da cidade. O autor Mario Osorio Magalhães destaca a popularidade das atividades ligadas à música na cidade já no século XIX, as quais abrangiam diversos espaços públicos e eventos dos mais variados, incluindo desde enterros, concertos e retretas até peças teatrais e corais religiosos, atraindo sempre muitos populares para acompanhar a audiência.[71]

A historiografia recente tem apontado alguns caminhos na investigação dos rituais seresteiros, como bem mostrou o trabalho de Helena Teramoto, em que a partir de uma ótica etnomusicológica a autora pesquisou as trajetórias de duas cantoras pelotenses que participaram de circuitos seresteiros nas últimas décadas do século XX. A pesquisa da autora trouxe à tona uma complexa rede de músicos, cantores e admiradores da seresta em Pelotas, que persiste na tarefa de preservar a memória desses rituais boêmios e da importância destes para a vida dos participantes, bem como para a consolidação de uma sociabilidade boêmia marcante das noites na cidade.[72]

Em trabalho anterior, uma pesquisa por meio da História Oral permitiu reconstituir alguns cenários dessas noites boêmias ao entrevistar músicos populares de um bar característico das noites pelotenses: o Bar e Restaurante Liberdade.[73] Durante a pesquisa, ouviu-se relatos das trajetórias musicais que levaram esses músicos a tornarem-se referências no contexto do choro não só em âmbito local, como em nível nacional. Os relatos corroboram a presença irrefutável da seresta nas noites pelotenses, sendo parte tanto das vivências desses músicos (décadas de 1960 e 1970) como também da geração dos pais desses (décadas de 1930 e 1940).[74] O grande contingente populacional advindo das zonas rurais para o âmbito urbano e noturno neste período, emprestava a esta boemia citadina um quê de bucolismo e nostalgia, identificando-se com o lamento do choro e a nostalgia das serestas, segundo o verificado nas

---

[71] MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.

[72] TERAMOTO, Helena Harumi. *Cantoras seresteiras no extremo sul do Brasil: dois retratos etnomusicológicos.* 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

[73] CARVALHO, Thaís de Freitas. *Um lugar chamado Liberdade: música popular, tradição e boemia em Pelotas.* 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

[74] CARVALHO, Thaís de Freitas. *Um lugar chamado Liberdade: música popular, tradição e boemia em Pelotas.* 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

entrevistas dessa pesquisa anterior.

Para reforçar uma historiografia atenta aos caminhos noturnos da cultura, podemos citar um trecho da pesquisa de Márcia Ramos de Oliveira sobre a vida do compositor porto-alegrense Lupicínio Rodrigues, no qual a autora faz referência a uma entrevista concedida pelo boêmio em 1963, falando dos tempos de serenata na sua cidade, Porto Alegre:

> Outro dia fui convidado para fazer um programa de televisão, simulando uma serenata. Juro que, se a saudade matasse, eu teria morrido quando terminei aquele programa. (…) Existem diversas formas de Serenatas. Tem a dos boêmios que de madrugada não tendo mais aonde beber, procuram a casa de um amigo e vão cantar uma música qualquer sem compromisso, como dizemos na gíria, à espera que, alguém abra a janela e alcance alguma bebidinha. Tem a Serenata de um grupo de pessoas que estando alegres, acham que devem comunicar ou transmitir essa alegria aos seus amigos, e, com uma turma, de violão, pandeiros, tamborins, numa barulhada infernal, vão acordar os vizinhos. Agora existe a Serenata dos apaixonados; esta é a Serenata mesmo: esta é aquela que se chega de mansinho com o máximo cuidado para não acordar ninguém, a não ser com música e lindas músicas, músicas que brotam da alma do apaixonado, que a esta altura deve estar brigado com sua amada ou querendo fazer crescer o seu amor.[75]

É evidente que o rádio teve papel essencial nessa difusão cultural – a *Rádio Pelotense* foi uma das primeiras rádios do Estado, fundada em 1928 -, mas é importante perceber quais costumes e mudanças estavam já em curso, atentando para a importância da cultura popular na vida dos brasileiros, populares e intelectuais. Afinal, inúmeros registros e movimentos artísticos já carregavam, desde a década anterior (1920), uma série de transformações latentes em nossa cultura.[76] As trocas culturais, concomitantes ou mesmo anteriores ao surgimento do rádio no universo dos populares, sedimentavam, pouco a pouco, as relações culturais entre diferentes regiões brasileiras. Sobre o contexto pelotense, o porto destaca-se enquanto ponto de trocas culturais heterogêneas, configurando uma fonte profícua de agentes sociais advindos de inúmeras localidades. Conforme o demonstrado anteriormente, "o porto era um dos principais fatores do desenvolvimento sócio-econômico e cultural de Pelotas, pela dinamização do comércio e dos contatos com o restante do mundo […] registrando em 1926, o movimento de 682 navios.[77]

Precisamente é este universo, popular, de relações orgânicas, conversas informais e

---

[75] RODRIGUES apud. OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 97.

[76] ANJOS, Carlos Versiani dos. Um novo olhar sobre o DIP: uma revolução na arte da propaganda e do marketing cultural. *7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - ALCAR*, agosto de 2009, Unifor, Fortaleza/CE.

[77] LONER, Beatriz, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010, p. 198.

encontros casuais nas ruas e botequins, o que interessa à presente pesquisa. É interessante, neste sentido, notar tais referências no contexto da apropriação popular do rádio, nas primeiras décadas de funcionamento das rádios em Pelotas. Conforme trecho do relato de Seu Mozzilo, colaborador do pesquisador Luiz Carlos Rigo, "nós fizemos um programa de esporte. A rádio cobrava por hora e não cedia a parte de controle eletrônico. Então nós fizemos em três. Nós fazíamos no papel a programação e enquanto dois falavam, o outro ia lá para a parte do disco colocar no ar a emissora. Que precariedade de condições![78] Nesta colaboração, que relembra a década de 1940, percebemos que a rádio já efetivava uma abertura aos anseios e à cultura populares, uma vez que havia este meio para a difusão das atividades ligadas ao universo esportivo, tão apreciado entre as classes trabalhadoras.

Por outro lado, é necessário atentarmos para a sobrevivência de hábitos nem tão divulgados assim, mas nem por isso distantes das sociabilidades noturnas. Trazendo contribuições sobre o submundo da noite, o grande negócio da prostituição e dos bordéis de luxo provenientes dos anseios modernos, Margareth Rago escreve *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, livro publicado em 1991, mas com edição revista e ampliada em 2008.[79] Nele, a autora disserta sobre o tema dos cabarés e casas de tolerância do início do século XX, baseando-se em pesquisa documental e relatos orais. Apesar de bastante específico, este tema abarca um universo noturno de diferentes tipos e buscas, pois nem sempre o frequentador pode ser reduzido a classificações de gênero, cultura ou classe social.

Na verdade, o livro, assim como a dissertação de Benatti, mostra que, muitas vezes, a noite da prostituição unia diversos setores da sociedade em uma mesma parte da cidade[80], embora não necessariamente nas mesmas casas, visto que, principalmente no caso paulista, percebe-se o desenvolvimento de uma prostituição de luxo, ligada ao imaginário glamourizado sobre as prostitutas estrangeiras. De fato, Rago salienta que estas mulheres tinham papel essencial perante as novas configurações da sociedade modernizada, pois muitas vezes, eram procuradas no sentido de uma iniciação não somente sexual, mas também como uma preparação para a vida na cidade, em um processo civilizador de ensinar aos homens

---

[78] MOZZILO apud. RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 30.
[79] RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
[80] BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina-PR, 1930-1970).* 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

mais rudes maneiras de portar-se perante homens e mulheres.[81] Outro aspecto claro nessas duas publicações é a diversidade das relações estabelecidas nesses locais, isto é:

> No interior desse campo de significações, é impossível apreender as múltiplas funções desempenhadas pelo submundo da prostituição, assim como a diversidade das práticas sociais aí vivenciadas. No entanto, diferentes formas de lazer, de diversão social, como o bate-papo, o contar piadas ou os conchavos políticos que se cruzavam nas noites boêmias, em meio a ceias prolongadas e ao som de músicas animadas, obedeciam a todo um jogo codificado de trocas simbólicas e a um ritual de civilidade.[82]

Tal aspecto da convivência social noturna destacado por Rago, em que inúmeras formas de lazer e sociabilidade eram percebidas, às vezes, no mesmo espaço, vem ao encontro de referências às 'casas de commodos' e algumas pensões que, na prática revelavam-se espaços de prostituição e sociabilidade masculina, simultaneamente. Partindo das descrições contidas nos processos, pode-se perceber que não só nos cafés do centro da cidade de Pelotas notava-se grande movimento de frequentadores à noite, como também, em direção ao bairro da Várzea (ou 'baixada', conforme conhecida atualmente, que consistia em uma região alagadiça no sentido sudeste), verificavam-se algumas casas de tolerância por vezes disfarçadas em restaurantes e casas de cômodos para aluguel. Entretanto, apenas um processo foi encontrado no período aqui pesquisado referente ao fechamento de uma destas supostas casas[83], o que é bastante significativo, à medida que leva-se em conta a necessidade previamente comentada por Soares, de fiscalizar e vigiar, mas não eliminar o submundo noturno que abarcava os espaços das liberdades masculinas ligadas ao jogo, ao sexo profissional e ao álcool.[84]

No traçado urbano da cidade, é possível identificar certas zonas consideradas, à época da década de 1930, territórios problemáticos, como a rua Dr. Cassiano, em direção ao bairro da Várzea . É impressionante a correlação destes dados com a colocação de Roberto Damatta:

> Mas nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também

---

[81] RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
[82] RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 196.
[83] Processo nº 1569, Caixa 79, Est. 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1934.
[84] SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

> espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. Assim, tudo que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistos como locais de transição: "zonas", "brejos", "mangues" e "alagados". Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo.[85]

Com isso, inúmeros 'pensionatos' e 'casas de commodos' eram fixados nestas redondezas, o que causava a imediata identificação a determinados estereótipos desses lugares. Como também percebe Glaucia Costa, as pessoas "buscavam alternativas para contorná-los, promovendo uma segregação espacial e uma estigmatização do lugar".[86] Em um processo de defloramento encontrado na presente pesquisa, o réu chega a mencionar uma destas zonas ao referir-se, pejorativamente, à conduta da declarante, alegando que a mesma não poderia ser virgem à altura do envolvimento sexual, pois seria "muito larga. Era pior do que as mulheres da Rua Dr. Cassiano."[87] Contudo, sabemos que esta característica de segregação do espaço urbano não é exclusiva do imaginário popular, e acompanha a história de Pelotas, como o exposto anteriormente por Soares.[88] Apesar disso, Pelotas é assinalada como uma cidade "verdadeiramente cosmopolita" e, juntamente com Rio Grande e Porto Alegre, constituiu-se enquanto núcleo importante no âmbito estatal e nacional, pois se diferenciava das demais cidades pela complexidade social, econômica e funcional.

Nota-se, com as discussões e dados apresentados neste primeiro capítulo, que a década analisada na presente pesquisa, apresentava inovações e permanências permeando o imaginário popular. As rápidas transformações do espaço urbano, a conjuntura do êxodo rural, a multiplicidade étnica dos habitantes, as inovações da indústria, da cultura e da sociabilidade configuravam uma intrincado jogo de relações a que os populares não passaram incólumes. Em uma dança com a assimilação e a resistência, a cultura popular transformava-se e agregava suas características a alguns hábitos difundidos entre demais setores, como o futebol e a boemia, ícones, até os dias atuais, da expressão popular brasileira.

---

[85] DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 45.

[86] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, p. 83.

[87] Processo nº 1480, Caixa 73, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

[88] SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007.

A seguir, discutiremos a miríade de circunstâncias que permeavam o cotidiano noturno dessa cidade, identificadas por meio de pesquisa específica e detalhada nos processos criminais da Comarca de Pelotas na década aqui observada, o período noturno de 1930 a 1939. Com o intuito de observar atentamente as ações e réplicas dos populares diante de situações de sociabilidades noturnas, espera-se produzir, no Capítulo 2, um panorama satisfatório destas noites de encontros e conflitos cotidianos.

CAPÍTULO 2

Noites de conflito: metodologia e panorama de pesquisa

Neste capítulo a proposta é explicar, primeiramente, a metodologia de trabalho utilizada com os processos criminais e o modo como voltou-se o olhar a este tipo de fonte a fim de responder os questionamentos dessa pesquisa. Como foram selecionados e analisados os casos, e de que maneira foi interpretada a diversidade de informação encontrada. Em um segundo momento, será apresentado um esboço do panorama das noites encontradas nesses processos, e o quanto esta miríade de ocorrências e conflitos pode ajudar na compreensão do cenário noturno da década de 1930 em Pelotas, imbuído da mentalidade e do cotidiano das classes populares.

2.1 *O filtro "noite" no trabalho com processos criminais*

Cabe observar, neste segundo capítulo, algumas peculiaridades de um trabalho que envolve o estudo do tempo noturno, da cultura popular e dos conflitos que culminaram em processos criminais. Tal mistura, ao mesmo tempo em que constitui campo fascinante e instigante, provoca algumas reflexões e dúvidas. As publicações já existentes são geralmente tangenciais e não abordam a noite, exclusivamente – conforme foi possível observar por meio de discussão bibliográfica no capítulo anterior. A noite popular, quase sempre fora dos circuitos privilegiados de registro e documentação, acaba sendo estigmatizada por ser buscada nas folhas policiais. No entanto, é necessário compreender que nem sempre isso significa tratar do tema por meio do estudo da violência, e sim, perceber, nos relatos e nas declarações, os hábitos, gostos e códigos de conduta que moveram as pessoas.

Na verdade, esta é uma crítica frequente à escolha de processos criminais como fonte de pesquisa: "registram mais experiências de sujeitos marginais que normas sociais."[89] Sobre

[89] BARBOSA, Carla Adriana da Silva. Violência conjugal e relações de gênero na fronteira sul do Brasil (RS,

isto, é necessário ressaltar que, no caso de haver apenas uma transcrição do documento por parte do historiador, ou uma análise que se reduza aos trâmites e sentenças, existe, sim, o perigo de ler estes registros históricos pela visão do estigma. Quando não se transcende a linguagem jurídica, apenas segue-se a lógica do julgamento. Entretanto, tais implicações são definidas pela delimitação sistemática dos objetivos da pesquisa. Se o objeto for, por exemplo, as estratégias da promotoria em casos de assassinato, é perfeitamente concebível que se analise mais atentamente os aspectos burocráticos de um processo, laudos, apelações e sentenças. No entanto, partindo do olhar cultural aqui proposto, uma leitura burocrática não corresponderia aos anseios da pesquisa. Por isso, optou-se por uma análise qualitativa dos processos, com um enfoque especial nas entrelinhas dos depoimentos e agentes representativos, nas quais podemos encontrar referências significativas sobre o que era usual ou não no cotidiano dos populares, em que lugares tinham por costume divertir-se, passear ou namorar, além de inúmeras concepções de civilidade e comportamento que perpassavam - e muitas vezes conduziam - suas interações sociais.

É seguro que não se propõe a relativização absoluta da particularidade das fontes judiciais, afinal, todo o decorrer processo torna evidente que se está diante de uma situação permeada por mediadores com poder considerável, especialmente perante os setores mais pobres da sociedade, mas é pertinente salientar que não somente o discurso do Estado aparece nas falas e depoimentos:

> É provável que o depoente faça uso de associações, estereótipos e valores e, de algum modo, isso estará registrado no processo, assim como o fazem os juízes, apesar de obedecerem, em sua fala, à retórica jurídica. Portanto, o processo não deve ser visto apenas como expressão do Estado, e este não deve ser visto como emissor dos depoimentos. É necessário considerar os filtros que a Justiça impõe, mas não se deve considerar que a narrativa não contenha o modo como determinada pessoa vivencia sua realidade. O processo contém formulações dos diversos segmentos envolvidos e não apenas a do Estado.[90]

É certo que todo registro acompanha um discurso, e estar atento à especificidade de cada um é sempre o papel do historiador, seja qual for o tipo de fonte escolhida. Contudo, reforça-se aqui o cuidado e a preocupação com este aspecto na presente pesquisa:

> Processos são documentos históricos e oficiais, e o trabalho com esses

1889-1930). *OPSIS,* Catalão, v. 11, n. 1, jan-jun 2011, p. 107.

[90] OLIVEIRA, Fabiana Luci de & SILVA, Virgínia Ferreira da. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 252.

> documentos traz, ao menos, duas implicações metodológicas: a questão do poder e a da interpretação. Estes questionamentos surgem principalmente quando se trabalha qualitativamente com os dados, quando a preocupação está em buscar a lógica e os códigos que estão informando as palavras para inferir sobre grupos sociais específicos.[91]

O trecho citado é importante porque alerta para as subjetividades da análise qualitativa. Esta última caracteriza-se por não permanecer estanque em um roteiro serial de questionamentos, dando mais liberdade às leituras e interpretações do historiador. No entanto, as nuances e fronteiras nas falas tornam-se difusas, muitas vezes produzindo armadilhas e exigindo uma atenção minuciosa do pesquisador. É ainda no artigo acima citado que encontramos a melhor tradução para as escolhas desta pesquisa: "optamos por trabalhar assim com as implicações da análise qualitativa, da análise que busca ações e associações feitas pelos agentes que têm sua fala registrada no processo. A preocupação está, então, na apreensão dos valores, regras e condutas que entram em jogo na luta simbólica."[92]

Dois historiadores que trabalharam com este tipo de fonte foram extremamente importantes para os contornos desta pesquisa: as produções de Sidney Chalhoub e Karl Monsma, embora usualmente não tratem do período a que se propõe esta análise, permitiram ver a riqueza dos processos enquanto fonte que amplia a visão do historiador, trazendo elementos sobre a dinâmica das relações sociais, bem como dos códigos de conduta que regem os grupos envolvidos.[93]

Dentre as principais aspirações desta pesquisa, está o intuito de perceber o que as classes populares faziam à noite na década de 1930 em Pelotas, como se divertiam, socializavam e organizavam seu tempo livre. No sentido de melhor compreender o trabalho necessário para contemplar esta problemática, destacamos um trecho do autor Karl Monsma, o qual argumenta que "os inquéritos e processos criminais são uma das poucas fontes que preservam as palavras dos pobres, mesmo quando transcritas na terceira pessoa. Nos garranchos de processos antigos, encontramos analfabetos discutindo suas interpretações de eventos e imputando motivos aos outros."[94] Talvez seja esse o principal atrativo para quem

---

[91] OLIVEIRA, Fabiana Luci de & SILVA, Virgínia Ferreira da. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 245.

[92] OLIVEIRA, Fabiana Luci de & SILVA, Virgínia Ferreira da. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 246.

[93] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001; MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000; MONSMA, Karl. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história e cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

[94] MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações

pesquisa a cultura popular e a noite nos processos criminais: não que esteja implícito nesse raciocínio uma vinculação direta das classes populares com as referências às "classes perigosas", longe disso. Os inquéritos e processos criminais são considerados aqui a oportunidade de deparar-se com as vivências e visões de mundo pertencentes a esses personagens, cujas características essencialmente populares dificultariam o aparecimento de suas interpretações em outros tipos de fonte, geralmente ligadas à órgãos controlados pela elite ou documentos governamentais, nos quais o que pensava o pobre e o analfabeto não era veiculado.

Outra contribuição importante de Karl Monsma é o destaque dos inquéritos policiais para um tipo de abordagem histórica que privilegie as estratégias populares. Ele ressalta que, muitas vezes, "para estudar as versões dos réus, das vítimas e das testemunhas, os inquéritos policiais geralmente servem melhor que os processos judiciais. Os inquéritos são mais próximos ao conflito no tempo, muitas vezes começando no dia seguinte, e o que é mais importante, não sofrem a influência do promotor nem do advogado da defesa."[95] Tal característica foi confirmada. De fato, para o enfoque ao qual propõe-se esta pesquisa, muitas vezes, utiliza-se somente as declarações feitas ainda na delegacia de polícia, pois as mesmas diziam muito mais sobre o contexto vivido pelos agentes e suas concepções autênticas sobre o acontecido, sem formalidades e com a espontaneidade da versão contada pela primeira vez. No decorrer do processo, a fala vai adquirindo certos termos que não pertenciam ao vocabulário do declarante no momento da queixa ou da primeira inquisição policial, além de ser possível perceber um certo enfado em repetir uma história já dita. Em alguns casos, havia a modificação sistemática de um depoimento, em que acontecimentos essenciais à reconstituição do crime, antes testemunhados e relatados, já não estavam tão claros na memória da testemunha, facilitando a manipulação das versões.

De qualquer forma, é necessário reafirmar a riqueza de detalhes com que se pode perceber o contexto envolvendo uma ocorrência policial por meio dos inquéritos e processos criminais. Em alguns casos, justamente as contradições que surgem no decorrer do processo, revelam os laços e/ou as divergências sociais e étnicas que permeiam o corpo social. Na verdade,

---

Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000, p. 3.

[95] MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000, p. 3. A sugestão sobre os inquéritos policiais também é encontrada em BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

> a análise qualitativa das narrativas dos processos permite evidenciar o modo como as pessoas percebem elas mesmas e os outros, definindo-se e posicionando-se no espaço social. Mesmo que o discurso não seja considerado explicação para o comportamento, ele permite a percepção do que está informando a ação e o posicionamento das pessoas enfocadas.[96]

Mais do que isso, as narrativas dos processos criminais contém, perpassando os relatos da ocorrência, os gostos, atribuições de honra, valores e códigos informais que regiam as noites populares, e assim, tais narrativas constituíram-se enquanto campo rico para as análises no decorrer da presente pesquisa. Conforme Monsma:

> Pela análise das narrativas dos processos judiciais, pode-se buscar aquilo que é transmitido com a ocorrência de determinados comportamentos e com o discurso sobre esses comportamentos, ou seja, pode-se apreender a lógica que informa tais comportamentos e discursos empreendidos pelos grupos sociais estudados.[97]

A respeito da busca pelos códigos informais de conduta que permeavam o cotidiano das classes populares, uma leitura inspiradora para esta pesquisa foi o livro de Sidney Chalhoub, *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*[98], em que o autor, no estudo dos processos, consegue perceber um universo de redes de relações importantes no cotidiano do trabalhador, relações estas que perpassam não somente o local de trabalho, como também a família e as amizades. E, não raro, Chalhoub encontra casos em que tais campos se veem invadidos uns pelos outros, numa prova clara da característica essencialmente humana de não separar a vida em nichos estanques. O autor admite a dificuldade em lidar com a cultura popular, tão arredia e esquiva, mas acredita nessa busca:

> Os fatos de que partimos, portanto, não são como morangos, maçãs ou peras que se recolhem ao cesto num passeio ameno e ecológico pelo campo. Se os fatos desta história podem ser comparados construtivamente a alguma coisa, é melhor escolher algo como a neblina e a fumaça que escondem a trilha que precisamos seguir. No entanto, a trilha existe, e cabe segui-la.[99]

---

[96] MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000, p. 247.
[97] MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de 2000, p. 258.
[98] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
[99] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 38.

No presente trabalho, essas reentrâncias, tanto das apropriações do espaço urbano no tempo noturno, quanto do próprio contorno da vida social dos populares, acabam por tecer redes de intersecção e cruzamentos entre as instâncias cotidianas, como família, trabalho, vizinhança, amigos, etc. A leitura de inquéritos e processos crime revela-se um campo profícuo de contato com essas visões de mundo e, não por acaso, essa metodologia de trabalho tem sido empregada, nas últimas três décadas, de maneira sistemática e versátil, empreendendo-se análises qualitativas e quantitativas por inúmeros historiadores no Brasil e no exterior.

Diante do tema "noite" enfrenta-se maiores dificuldades, provenientes da carência de produções sobre o estudo da vida noturna na historiografia, e especialmente uma vida noturna das classes populares, pessoas comuns, operários, lavadeiras e soldados, que moviam as cidades sem aparecer nos documentos oficiais. Esta especificidade transformou a pesquisa bibliográfica em um 'garimpo' nas produções em Ciências Humanas. Felizmente, acredita-se que mesmo os temas que tangenciaram o estudo da noite foram muito completos no que se refere à contextualização e à percepção de cenários noturnos por parte dos pesquisadores, permitindo, assim, uma base sólida para dar suporte às análises dos casos de ocorrência noturna.

Partiu-se dos precursores: um clássico de grandes proporções que certamente serviu de inspiração não só para estudantes em busca de novas metodologias, mas para muitos daqueles interessados em explorar o tema noturno é *História Noturna: decifrando o sabá*, de Carlo Ginzburg, exemplo de um trabalho cuidadoso com os processos inquisitoriais visando compreender um pouco das crenças pagãs e dos rituais relacionados ao sabá na Europa do século XV ao XVII.[100] Referências aos rituais essencialmente noturnos que remetiam à existência de bruxas, hereges e feiticeiros, as confissões surpreendentemente semelhantes nesses processos são mais um exemplo de como a leitura atenta pode transcender a análise do caso em si e demonstra que, mais proveitoso do que tentar saber se aqueles rituais existiram de fato, é compreender a formação destes estereótipos e sua importância para o contexto inquisitorial e sociocultural da época, bem como para os dias atuais: "a experiência inacessível que, durante milênios, a humanidade expressou simbolicamente por meio de fábulas, ritos e êxtases permanece como um dos centros ocultos de nossa cultura, de nosso modo de estar no mundo. A tentativa de conhecer o passado também é uma viagem ao mundo

[100] GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá.* Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

dos mortos."[101]

A partir deste trecho, é interessante pensar no quanto as perguntas às quais propõe-se aqui responder estão ligadas ao tempo em que vivemos. Questionar sobre a noite de outras épocas envolve também querer saber da densidade que o tempo noturno carrega através dos séculos de existência humana produtora e ressignificadora de simbologias. Representa, também, buscar no tempo livre dos trabalhadores, aquele espaço de decisão e domínio sobre o próprio tempo, que tanto contribui para o nosso entendimento sobre os anseios da gente simples de outros tempos, seus medos e os desafios de sua época.

Outro autor importante que contribuiu para difundir e estimular estes novos olhares sobre a cultura popular e os hábitos noturnos é Robert Darnton, no livro *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*.[102] O autor trabalha no sentido de um esboço do submundo literário na Europa do século XVIII, relacionando os subliteratos com a formação de um público leitor munido de um descontentamento ideológico, o que acabou por abalar o *Ancien Régime* francês. Vasculhando os arquivos, por meio de cartas, arquivos policiais e documentação da corporação de livreiros, Darnton descerra um mundo de escritores, estudantes e anônimos afeitos aos bares, cafés e à política, mas que nem sempre estavam em situação confortável o bastante para se dar o luxo do livre pensamento e da escrita. O autor mostra como esses escritores estavam sujeitos à oscilação de suas opiniões de acordo com sua situação econômica e desvenda as redes de clandestinidade que favoreciam o contato desta boemia com um ambiente noturno de "prostitutas, chantagistas, proxenetas, batedores de carteira, vigaristas e homicidas".[103]

Embora esses boêmios estudados por Darnton diferenciem-se pela formação intelectual e o engajamento político, é possível traçar pontos de aproximação entre a pesquisa do submundo literário e os notívagos pelotenses que buscamos nesta pesquisa. Acredita-se que o esboço tenha a capacidade de "transfixar os homens no momento da ação"[104], ou seja, ele permite ao leitor compreender determinada situação histórica de tal forma que consiga se ver naquele cenário, (re)vivendo com os atores sociais os conflitos e o contexto em que estes se encontraram um dia. Robert Darnton foi bastante criticado ao longo de sua carreira, taxado de empirista por sua predileção em dar mais atenção às fontes do que à teoria e também por

[101] GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá.* Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 37.
[102] DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
[103] DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 35.
[104] DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 7.

afirmar, no livro citado e em outras publicações, a importância de uma literatura popular no processo que culminaria com a Revolução Francesa (1789), rompendo com uma corrente que atribui à aristocracia literária de filósofos renomados, como Voltaire, o crédito de uma consciência revolucionária no período. De acordo com o autor:

> O panfletarismo rude dos subliteratos foi revolucionário enquanto sentimento e enquanto mensagem. Exprimiu a paixão de homens que detestavam visceralmente o *Ancien Régime*. Homens que padeciam as dores do ódio. Foi nesse ódio que subia das entranhas, e não nas refinadas abstrações de uma bem tratada elite cultural, que o extremismo revolucionário jacobino articulou seu verdadeiro timbre.[105]

Compartilha-se neste trabalho a atenção especial de Robert Darnton ao submundo, às classes populares, buscando nos habitantes da noite de Pelotas, em seus conflitos e argumentos, algumas das características da vida noturna desta cidade. A historiografia carece de romper os grilhões do padronizado e defrontar-se com a face suja e por vezes malcheirosa das madrugadas, tempo por excelência da festa, do prazer e da transgressão. Espaço no qual os subordinados tornam-se protagonistas e por algumas horas confundem-se nos recantos das ruas e perdem-se por entre os olhares inebriados de outros notívagos, em busca, estes também, de olhares não tão vigilantes.

De fato, a década escolhida para estudar a noite em Pelotas (1930) tem uma série de características que fazem desse período o ícone exemplar de uma modernidade que se adensava na região. Fábricas, intenso êxodo rural, inovações nos transportes, no fornecimento de energia, eletrodomésticos, na iluminação dos espaços. Já mencionou-se no primeiro capítulo como essas novidades causaram impactos no cotidiano da cidade e dos trabalhadores. É dessa época também o avanço em outras questões, como a maior organização da comunidade negra, com a consolidação de inúmeros clubes e associações e, ainda, a sinalização de uma mudança na conjuntura de segregação étnica, com a admissão dos primeiros negros em times e campeonatos de futebol até então exclusivos da elite branca.

Diante desses demonstrativos da relevância atribuída a um estudo das novas relações de sociabilidade noturna originadas nessa época, manifesta-se aqui a opção por uma análise que investigue o contexto que propiciou o desenvolvimento desses espaços noturnos de apropriação popular, sob os novos moldes de sociabilidade urbana na década de 1930, pois daí partiriam muitos dos preceitos de convívio social utilizados ainda hoje em espaços de

[105] DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 49.

sociabilidade.

Mostrou-se, anteriormente na presente pesquisa, o quanto as noções higiênicas de conduta e civilidade afetaram a vida noturna e questões básicas, como moradia e condições de saúde pública nesse período. Contudo, em outro aspecto desta regulação, está a fiscalização e o controle dos costumes populares, como explica Martha Esteves em seu estudo sobre as mulheres no Rio de Janeiro da *Belle Époque*:

> As festas populares foram sendo consideradas bárbaras e vulgares por médicos e políticos. As famílias precisariam relegar as festas de caráter religioso, pois eram ocasiões em que se processava uma intensa secularização dos costumes. Nessa medida, o que se poderia dizer a favor das mulheres pobres que frequentavam aqueles locais e por vezes se dirigiam às delegacias com o objetivo de denunciar um crime de defloramento ou estupro do qual tinham sido vítimas? Dificilmente conseguiriam reunir provas que as caracterizassem como mulheres higiênicas, uma vez que o dito lazer popular passava a ser considerado como nocivo à saúde do corpo social.[106]

Nesse sentido, a autora destaca o papel pedagógico da Justiça, que acabava efetuando o julgamento dos comportamentos das classes populares e impondo regras e padrões de conduta que deveriam ser assimilados por todos. A Justiça aplicava suas normas de conduta na avaliação dos casos e decidia por proteger ou condenar.[107] Mas é importante salientar que essa não era uma via de mão única: ao mesmo tempo em que a ordem burguesa impunha padrões de civilidade de cima para baixo, a discriminação, sempre mais feroz contra os populares e suas "infrações", noticiadas e julgadas na imprensa e nos boatos da vizinhança, acabava por reforçar o modelo de conduta de baixo para cima.

O tempo noturno na década de 1930, como já veiculado no presente trabalho, adicionava ao contexto pelotense não só atividades distintas em comparação ao dia, como destacava o momento do lazer e da liberdade não regrada pelas condutas nos espaços e no tempo profissional. Pode-se afirmar que paralelo ao cair do sol, os notívagos populares despiam-se de determinadas autorregulações ligadas à sobrevivência e à vigilância atenta do mundo do trabalho, admitindo em si mesmos condutas mais flexíveis e menos ancoradas nas obrigações diárias. Não por acaso, esse é o tempo por excelência dos jogos, da brincadeira e das provocações sociais, atividades que se encontram descritas nos inquéritos e processos

---

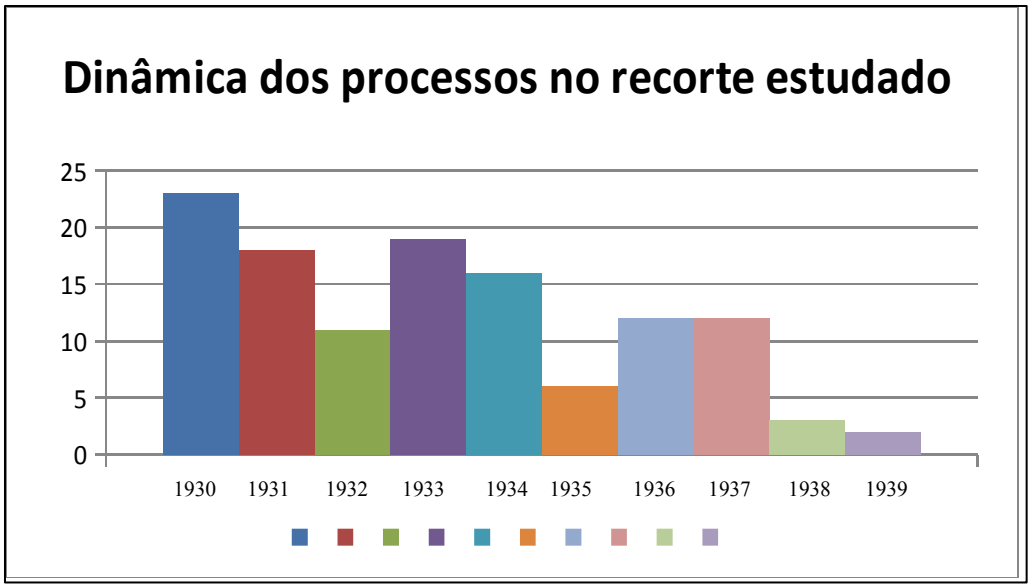
[106] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 51.
[107] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

analisados.

Consideração importante foi a percepção de certa redução gradual nos números de processos criminais de ocorrência noturna, ao longo da década de 1930 (ver Figura 2). Isso pode estar ligado ao recrudescimento do aparato repressor no governo varguista a partir de 1935, quando as circunstâncias marcadas pela intentona comunista e a consequente Lei de Segurança Nacional, propiciaram os argumentos necessários ao governo para que um reforço da repressão policial se justificasse. Com o Estado Novo (1937), este processo de endurecimento torna-se ainda mais evidente.[108]

Outra hipótese também viável é a de que os processos mais próximos do início da década de 1940 tenham se perdido de sua série ou mesmo sido eliminados em decorrência de um incêndio no Palácio da Polícia, o primeiro de inúmeros após a era repressora: "nos anos posteriores ao Estado Novo ocorreu uma série de incêndios – a começar pelo palácio da polícia -, nos quais a documentação referente a essa área foi consumida pelo fogo. Dependemos, por isso, das informações esparsas encontráveis em outros tipos de documentação."[109]

Figura 2



Fonte: análise da pesquisa.

O processo criminal enquanto discurso oficial – mas não somente – é apontado por

[108] GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.
[109] GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 142.

Keila Grinberg como um dos "mecanismo de controle social" utilizados pelo Estado. Segundo a autora, os mesmos

> são fundamentalmente fontes oficiais, produzidos pela Justiça, a partir de um evento específico: o crime e seu percurso nas instituições policiais e judiciárias. Por conta disso, é fundamental que os processos sejam tomados também como "mecanismos de controle social", marcados necessariamente pela linguagem jurídica e pela intermediação do escrivão.[110]

Levando-se em conta as posições já veiculadas na presente pesquisa sobre o discurso jurídico, pode-se afirmar que o trecho acima citado revela um cuidado essencial na percepção e análise dos documentos judiciais. No entanto, por mais que seja necessário relativizar os depoimentos devido às intermediações de agentes do poder estatal e repressor, é inegável que se pode extrair dessas narrativas importantes informações sobre as vivências e valores importantes para os grupos sociais relatados. Utiliza-se aqui um trecho de Martha Esteves que assemelha-se às concepções da presente pesquisa:

> Mesmo contando com as dificuldades de um processo criminal, onde os discursos dos populares são feitos por intermédio de terceiros e induzidos por diversas perguntas inquisitoriais, ninguém poderia "mentir em tudo" ou deixar de passar contradições. Como escreve Ginzburg: "Da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser no delírio e na ausência de comunicação."[111]

De fato, tal pensamento perpassa o presente trabalho. Acredita-se que cada grupo social está invisivelmente envolto em um sistema organizado de associações e gostos, com base em suas vivências cotidianas, sua situação socioeconômica e sua bagagem cultural. E ainda que um indivíduo procure ser diferente, não conseguirá desvincular-se totalmente do sistema no qual foi criado, pois o mesmo influencia também a construção de seu pensamento. Entretanto, isso não significa uma prisão intelectual, e sim, uma rede de gostos de classe e percepções semelhantes sobre o mundo e as relações sociais ao redor, como bem explicam os autores Norbert Elias e Pierre Bourdieu por meio do conceito de *habitus*, o qual será discutido mais atentamente no capítulo três.[112] Por hora, ficamos com as palavras não menos

---

[110] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009, p. 126.

[111] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 121.

[112] ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes.* Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994; ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993; BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento.* 2 ed. rev. Porto Alegre, RS: Zouk,

esclarecedoras de Martha Esteves, quando a autora enfatiza que

> desfilam nos processos criminais idéias, pensamentos, aspirações, comportamentos, relações de amor, relações de vizinhança, relações de trabalho, sofrimentos, alegrias, etc., de membros das camadas populares, tornando possível conhecer e construir, mesmo que fragmentariamente, o que se costuma denominar "cultura popular".[113]

Para tentar aclarar alguns contextos noturnos ainda obscuros na historiografia pelotense, ou, como bem disse Darnton, "focalizar complexidades por ângulos diferentes"[114], decidiu-se buscar nos processos-crime elementos que descrevessem o universo da noite com mais detalhes. De um modo geral, quem trabalha com processos criminais recorre a esse tipo de fonte com grau de particularidade característico, buscando, paradoxalmente, uma ampliação da visão sobre o passado.[115] Ainda que se esteja lidando com a mediação de um órgão estatal e, portanto, não frente a frente com a palavra dos atores sociais em sua livre expressão, isso não significa um comprometimento total da fonte. Levando-se em conta os filtros que a Justiça impõe, é possível encontrar as associações e referências presentes no cotidiano dos depoentes, principalmente se o pesquisador reparar no uso que os populares fazem da relação com o sistema judiciário e o que esta ocorrência ou situação representa perante o seu grupo.

Os processos crime analisados neste estudo se encontram no *Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul* (APERS), em Porto Alegre, capital do Estado, a cerca de 260 km da cidade de Pelotas. Alguns fatores dificultam um pouco a pesquisa, começando pela distância já citada entre as cidades e os custos com viagem e estadia na capital a cada visita ao arquivo. A Sala de Pesquisa pede que o pesquisador solicite os documentos de que necessita por e-mail e com 24 horas de antecedência, o que exige uma estimativa, por parte do pesquisador, de quantas caixas conseguirá pesquisar por dia. Ou seja, se a pesquisa for mais lenta do que o previsto, os documentos ficam disponíveis até o fim da semana, ao passo que se a pesquisa deu-se com rapidez, correrá o risco de perder uma tarde ou um dia inteiro sem dispor de documentos.

2011.

[113] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 120.

[114] DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 8.

[115] COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes judiciais e suas possibilidades nos estudos de poder local: os crimes de São Borja. IN: *Anais IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS,* 2008.

Além disso, o sistema de catalogação dos processos funciona da seguinte maneira: o pesquisador deve informar o fundo, o subfundo, a estante e as caixas que deseja pesquisar, sendo que estas últimas não estão organizadas em ordem cronológica.[116] Por exemplo, a Comarca de Pelotas é um fundo, porém, dependendo do período verificam-se processos de outras cidades compondo o acervo, pois a Comarca de Pelotas abarcou, durante muitos anos, casos de municípios das redondezas, visto que a cidade constitui o polo regional da zona Sul do Estado. Portanto, é necessária uma pré-seleção do fundo assinalado como sendo somente de casos pelotenses.

Em seguida, há o subfundo, designando os tipos de cartório em que se encerram os processos, por exemplo: Cível e Crime, Júri, etc. Nesse quesito, não foi estabelecida seleção, uma vez que não houve a pretensão de distinção dos processos por esta categoria judicial. O próximo dado, a estante, refere-se apenas ao local de armazenamento dentro do arquivo, mas é indispensável, pois ajuda na agilidade da coleta do documento pelos funcionários do arquivo. Por fim, as caixas são o aspecto mais problemático, pois dentro de uma caixa constam, em média, de 15 a 20 processos nem sempre alocados nas caixas em ordem cronológica. Por isso, têm-se caixas com processos que datam de 1895 a 1939 ou, de 1901 a 1932, por exemplo, e são nestes casos que pode acontecer do pesquisador encontrar dois ou menos processos dentro do seu recorte temporal, num todo de 20.

No estudo em questão, que envolve o aqui chamado "filtro noturno", é necessária a leitura de todos os processos do período, até encontrar a informação do horário da ocorrência, visto que é este o diferencial que qualificou os processos a serem privilegiados nesta pesquisa. Nestas circunstâncias, pode suceder que o pesquisador abra inúmeras caixas contendo processos do seu período estudado sem que encontre nenhum processo de ocorrência noturna, característica fundamental para esta pesquisa.

Dificuldades metodológicas explicitadas, é pertinente salientar que o enfoque noturno desta pesquisa foi definido pela leitura de cada um dos processos crime da Comarca de Pelotas no período, sob o critério de a ocorrência haver acontecido entre às 18 horas da tarde e às 7 horas da manhã. Assim, pode-se afirmar que mais de 120 processos crime foram pesquisados, pois enquadravam-se no horário a que nos referimos para a seleção. No entanto, a partir deste número, foi efetuada nova triagem dos processos, com base na relevância para o

[116] Estes dados estão acessíveis pelo pesquisador em um catálogo disponível com os responsáveis pela Sala de Pesquisa. No entanto, devido à sua extensão, o pesquisador deve fotografar ou tomar nota de todos os dados de que necessita, para que possa fazer o pedido completo dos documentos por e-mail.

estudo da sociabilidade noturna em Pelotas, nosso enfoque no presente trabalho, até chegar no universo de processos diversificados, cujas análises terão lugar no subcapítulo seguinte, o item 2.2.

Ao salientar tais escolhas metodológicas, pretende-se voltar o olhar do leitor para a compreensão de que o que é definidor para a pesquisa relaciona-se diretamente com os objetivos da mesma, ou seja, só o tema poderá eleger o que é importante ou de que maneira analisar um processo, afinal, pode-se questionar uma série de aspectos presentes nos autos, observá-lo por dezenas de ângulos diferentes e assim, produzir análises distintas. Não existe uma regra única para analisar esse tipo de fonte, além da leitura atenta e o método crítico, inerentes ao olhar do historiador. Na verdade, quanto menos padronização nos tipos de enfoque sobre uma mesma fonte, mais diversidade de informação é produzida, portanto, é importante que novos pesquisadores não sigam uma 'fórmula' de ação e aventurem-se em novas temáticas e ângulos de análise, contribuindo, assim, para uma historiografia capaz de se complementar e formar diálogos férteis.

Nesse sentido, a interlocução com Keila Grinberg é profícua, quando ela complementa nosso raciocínio e chama atenção ao fato de que

> tudo isso só faz sentido se a leitura da fonte não ficar restrita ao universo do próprio processo. Sua análise é pertinente na medida em que pode ajudar a iluminar um contexto mais amplo, bem como discutir a produção historiográfica mais geral sobre um período ou uma questão. É justamente na relação entre o particular e o geral, entre a micro e a macro-história, que está a arte do historiador.[117]

As armadilhas no envolvimento do pesquisador com sua fonte são conhecidas, pois muitas vezes o tema tem uma relação direta com as emoções e a subjetividade do autor, o que acaba por embaçar as fronteiras entre a análise crítica e a análise apaixonada. Com os processos criminais não é diferente, pois em meio às leituras o perigo da dispersão do foco é enorme, uma vez que o pesquisador pode se sentir atraído por tramas e enredos policiais semelhantes à sensação ao ler um romance policial, e eis aí o principal desafio do historiador no trabalho com processos, como explica Grinberg: “por maior que seja a tentação, é importante lembrar, sempre, que nós não somos os detetives. Ou melhor, somos um tipo diferente de detetive, cujo objetivo não é descobrir o culpado de um crime. Nossa tarefa é

[117] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009, p. 137.

outra.” [118]

Voltar à superfície quando o mergulho traz tanta informação interessante não é tarefa fácil, porém é necessária à sobrevivência, do contrário, corre-se o risco de se perder nas profundidades dos casos. Contudo, escolher o que trazer à tona consigo dentre tantas possibilidades pode ser ainda mais penoso aos historiadores-detetives. Como sempre, manter o foco em nosso objeto é a melhor maneira de seguir a trilha. Nesse sentido, o próximo item emerge carregando consigo um esboço das situações noturnas percebidas nas análises dos processos, no intuito de compor o cotidiano dessas noites da década de 1930, nas quais os populares viam-se envoltos em casos de amor, violência, crimes e sociabilidade.

2.2 *Ocorrências noturnas: recorte de casos encontrados*

A presente pesquisa se distingue da maior parte dos estudos sobre o tempo noturno por focalizar uma noite popular, de hábitos culturais ligados ao divertimento dos que não dispunham de recursos para frequentar os clubes conceituados da época, ou não eram aceitos por condições étnicas ou sociais. Quando se une essa característica à particularidade da fonte policial ou judicial, pode-se supor que estamos relacionando, de alguma forma, as camadas pobres da população com a criminalidade, simplesmente. Na verdade, o apelo a este tipo de fonte é justamente uma tentativa de ver além dos estigmas que a sociedade lhes impunha em sua época. Fontes impressas de natureza pretensamente mais democrática, tendem a suprimir as visões de mundo das classes populares, quando não reduzi-las a certo cenário partidarista de produção e reprodução social.

Fugindo do que possa distorcer a análise sociocultural aqui proposta, pretende-se, ao olhar atentamente para os casos escolhidos dentre os processos, perceber o cotidiano e as sociabilidades noturnas que rodeavam os cidadãos simples de Pelotas na década de 1930. A autora Glaucia Costa utiliza a expressão “cultura de bar” no trabalho com a vida noturna de Florianópolis, mas prefere-se aqui o termo “sociabilidades noturnas” para dar conta do universo de casos abarcados pela pesquisa.[119] Afinal, diante de tantos avanços na indústria, nos costumes e no cenário urbano da década de 1930 do século XX, essas noites se

[118] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009, p. 128.
[119] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX).* 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina.

transformaram no palco dos dilemas e alentos reveladores dessa época impregnada de modernidade, e o tempo livre dos trabalhadores constitui campo profícuo para a observação dos espaços autônomos da expressão popular.

Para tanto, neste trabalho, tem-se na riqueza dos inquéritos o *filet mignon* das fontes judiciais, pois para além da linguagem padronizada, percebe-se não só o cotidiano popular circunscrito, como também os valores sociais que regulavam estas práticas noturnas, impregnados de concepções de uma modernidade que aos poucos invadia o imaginário citadino das 'províncias' do sul. O caso pelotense revelou-se ainda mais fértil do que se previa, tendo em vista a diversidade de ocorrências encontradas nas descrições dos inquéritos policiais e nos depoimentos contidos nos processos. Nem todos os casos são demonstrações do significado dos espaços públicos no universo popular, uma vez que aparecem ocorrências no interior de residências, como nos casos de brigas em bailes e muitos dos defloramentos pesquisados. Contudo, constituem parte importante dos encontros de sociabilidade popular durante a noite.

De acordo com a proposta de trabalho aqui apresentada, seria incongruente proceder uma análise de apelações e sentenças, uma vez que o estudo pretendido elege o cotidiano popular das noites pelotenses como objeto. Portanto, o foco utilizado não privilegiou tanto os autos do processo como o fez com os inquéritos policiais neles contidos. A prioridade para essas análises foi o momento mais próximo do acontecimento, o primeiro contato entre o acontecimento e o aparato policial. As primeiras descrições, geralmente nas primeiras páginas do processo, tratam do momento da queixa ou da denúncia, texto no qual o cenário do conflito já se desenrola (ver Anexo C e D). Em seguida, os depoimentos das testemunhas constituem grande material para o historiador, pois ali ficam evidentes os valores, laços, inseguranças e motivações que possam envolver a ocorrência. As apelações e a sentença dizem mais sobre as concepções do sistema judiciário, seus valores e estratégias, o que sem dúvida carrega inúmeras implicações, as quais não caberiam discutir na presente pesquisa. Fica a sugestão para uma análise posterior.

Nesse sentido, toma-se como foco o âmbito noturno e as sociabilidades observadas na contextualização dos casos. Será exposto, a seguir, um panorama dos tipos de ocorrências encontradas, sendo que cerca de 140 processos noturnos foram pesquisados, no entanto foram selecionados para compor este subcapítulo, 120. Tais processos encontram-se divididos em algumas categorias de relevância para o tema, no intuito de facilitar a compreensão dos tipos de casos analisados. Organizou-se a ordem destas exposições de acordo com o volume de

cada categoria no montante total observado. A primeira delas diz respeito aos processos de *defloramento* e constituem o maior montante, somando 29% dessa seleção, aproximadamente; em seguida, são abordados diversos tipos de *agressões*, brigas ocasionais e desentendimentos nas ruas e residências particulares, os quais revelam quase 26% das ocorrências aqui analisadas – dada a heterogeneidade deste item, será subdividido em outras seções; adiante, com a categoria *brigas em bares,* que trata exclusivamente de conflitos em cafés, casas comerciais e armazéns, compondo cerca de 11,6% dos processos analisados; posteriormente, a seção *furtos e arrombamentos,* a qual refere-se a aproximadamente 10% desses 120 processos; em seguida abordamos os casos de *atropelamentos,* somando 8,3%, e, por último, os *incêndios* e as *brigas em bailes,* representando 7,5% cada um, do total dessa proporção. Somam, portanto, sete categorias nas quais se procura esboçar ao máximo a diversidade de ocorrências encontradas nestas noites da década de 30 do século XX em Pelotas.

2.2.1 *Defloramentos*

Os defloramentos são os casos mais expressivos ocorridos à noite, dentre os processos pesquisados. As dinâmicas dos namoros e conversas nas janelas encontram no tempo noturno um período de fácil manipulação, uma vez que, nos casos de namoros consentidos e sabidos pelos pais – ou seja, aqueles que exigiriam um maior cuidado -, os encontros quase sempre ocorriam à noite, em casa da família da jovem ou à frente destas residências. No entanto, em muitos casos a vigilância parental não era suficiente para impedir as estratégias, fugas e escapulidas dos enamorados, uma vez que esses encontros furtivos em que ocorriam os defloramentos se davam em locais nem sempre propícios, como o eram as conhecidas casas de cômodos. Martha Esteves, em pesquisa sobre o contexto carioca, ressalta defloramentos ocorridos nos matos, de pé, no portão, nos fundos do baile e embaixo da árvore.[120] Tal informalidade nos encontros sexuais presentes nas declarações de defloramentos é também percebida nos casos pelotenses, em que não raro aparecem referências a relações sexuais em terrenos baldios.

É importante frisar que, em processos de defloramento, o que estava oficialmente em jogo era a proteção ou condenação da vítima pelo Estado. O interior de um processo dessa

[120] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

natureza é recheado de testemunhos sobre a conduta da ofendida, se esta tinha comportamento "honesto" ou se era seu costume "andar sozinha"[121]. Martha Esteves chama a atenção para o fator socioeconômico nesses comportamentos condenáveis moral e judicialmente: "mesmo nas saídas a serviço, ordenadas pelo patrão, havia o risco potencial de serem levantadas suspeitas quanto à conduta moral da mulher."[122] Entretanto, a rua, para a mulher pobre, não era um mistério: era o cotidiano, em que a doméstica, lavadeira ou empregada se movimentava pelas ruas e estabelecimentos livremente, por seu próprio sustento e pelo sustento dos filhos.

Miriam Vieira afirma "que o recurso à justiça, nos casos de defloramentos, não estava relacionado à garantia dos direitos individuais das mulheres e sua autonomia de decisão em relação à sexualidade ou ao casamento, nem sequer da integridade física das mulheres; mas antes implicava no predomínio da família."[123] A própria possibilidade de se "reparar o erro" por meio do casamento enfatiza a preocupação com o predomínio dos valores patriarcais que regiam as condutas amorosas e a divisão do trabalho na época.

Nas primeiras décadas do século XX, conforme mencionado anteriormente, as festas mais populares eram aquelas relacionadas às comemorações e festividades religiosas, e sabe-se que mesmo estes festejos estavam sujeitos à vigilância dos preceitos "higiênicos" que chegavam às principais cidades com as normatizações culturais e comportamentais. De fato, Martha Esteves salienta que "as mulheres que compareciam às festas religiosas ainda poderiam ser 'desculpadas'. Ao menos os advogados não mencionavam esse tipo de fato em seus discursos como elemento de desonestidade a ser ponderado. Entretanto, aquelas que frequentavam o carnaval..."[124] As festas populares no espaço público, em geral eram mal vistas, porém uma mulher que participasse das comemorações do carnaval desacompanhada certamente seria julgada sob preceitos ainda mais severos.

Entre as famílias pobres, o padrão era de que todos trabalhassem, portanto, muitas vezes não havia ninguém em casa para fiscalizar o comportamento das meninas em idade juvenil, o que fazia com que, frequentemente, esta vigilância se desse em termos de uma vizinhança inteira, pois quem observasse algum comportamento inadequado, ajudava

[121] Processo nº 1459, Caixa 70, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.
[122] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 46.
[123] VIEIRA, Miriam Steffen. Concepções de violência sexual e direitos das mulheres: do "defloramento" ao "estupro". *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio.* v. IV, n°7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2007, p. 111.
[124] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 51.

informando à família o que haviam visto. De fato, em alguns processos, é percebido também o julgamento da conduta familiar perante o cuidado e a educação das meninas, tomando-se testemunhos também do comportamento dos pais da vítima. Miriam Vieira reforça que

> a conduta moral das mulheres, especificamente quanto ao comportamento sexual, e o grau de vigilância da família sobre esses comportamentos eram elementos essenciais para a comprovação da honestidade das mulheres e essa, um pré-requisito para justificar o consentimento para o "defloramento". Essa atenção para com a conduta moral das mulheres estava em consonância tanto com alguns preceitos da filosofia positivista do direito como também com o contexto político mais amplo de formação da nação republicana.[125]

Tal conjuntura de vigilância moral somada à participação popular no controle dos hábitos dessas meninas, provocava casos em que o defloramento era sabido nas fofocas do armazém.[126] Esses casos adquiriam certa repercussão na forma de boatos e especulações e, quando tornavam-se uma queixa formal, acabavam por pressionar outras famílias e setores sociais no sentido de um maior cuidado e regulação dos comportamentos femininos. Martha Esteves, analisando o contexto carioca, sentencia:

> Assim, normas mais específicas foram criadas, novos comportamentos, que passaram a exprimir o padrão de normalidade, serviram de referências para os julgamentos, seja discriminando ou educando as moças pobres. Em certa medida, a própria educação se fez em pleno processo discriminatório, onde a ofendida se tornou exemplo a todos quantos do caso ouvissem falar. Uma ordem moral e sexual emergia dos julgamentos sobre os comportamentos populares e, em seu desenvolvimento, muitos seriam sacrificados.[127]

Verifica-se, também no âmbito pelotense, casos de empregadas em casas de família defloradas no emprego[128] e, sobre esse dado no contexto carioca, Martha Esteves teoriza: "o estigma de aproveitadora era carregado por todas as moças que abrissem um inquérito contra alguém de mais elevada situação econômica."[129] Além disso, estas mulheres tinham seu corpo

---

[125] VIEIRA, Miriam Steffen. Concepções de violência sexual e direitos das mulheres: do "defloramento" ao "estupro". *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio.* v. IV, n°7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2007, p. 108.

[126] Processo nº 1345, Caixa 61, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1932.

[127] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 54.

[128] Como exemplo, citamos os processos nº 1275, Caixa 56, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1934 e processo nº 1644, Caixa 84, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

[129] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 57.

como atestados de culpabilidade, conforme percebemos em alguns casos em que a vítima era acusada de desonesta e de hábitos desonrosos devido à "flacidez" ou abundância de carnes em sua anatomia.[130] Ou seja, o discurso médico incipiente permitia ainda tais suposições de que a menina "não era virgem devido à sua conformação corporal."[131] Com isso, os discursos dos advogados em relação à criação de normas e patologias morais assumem uma maior importância, como pode-se perceber na fala do advogado de defesa do processo nº 1283:

> MM. Julgador
> Pelotas também vae sendo atingida pela prática de usos que degradam a sociedade porque burlam a justiça e a lei, enganando juízes.
> Depois que o salutar decreto n. 5746, de 9 de dezembro de 1929, modificador da Lei de Falências, extinguio, para bem de nossos foros, a chamada "indústria da falência", surgio, de tempos a esta parte, outra indústria: a do defloramento.
> Com a finalidade de conseguir maridos, ou extorquir dinheiro da família de um pretenso reu, mulheres há que aparecem como vítimas em certos processos de defloramento, quando verdadeiramente vítimas são certos jovens inexperientes que, de um momento para outro, se veem como reus e seus nomes comprometidos perante a justiça publica.
> Data de pouco que o MM. Juiz de Direito, atualmente desta Comarca, numa brilhante sentença exarada em processo semelhante, classificou de "pescadoras de casamento" mulheres de tal especie.
> É o que se verifica no presente processo, MM. Julgador.
> Uma jovem sem registro de nascimento, ou melhor, sem prova convincente de sua idade, já deflorada sabe lá por quem, se apresenta perante a justiça, acusando um moço de menor idade como sendo o autor de seu defloramento. Sabedora que um médico honesto só poderia constatar como antigo o seu defloramento, procurou passar por menor de 16 anos afim de acusar o reu de a ter estuprado. Sabedora que a figura do estupro se caracteriza, em mulheres de qualquer idade superior a 16 anos, pelo emprego de violência, e sabedora, ainda, que o exame pericial em tal caso não lhe favoreceria, procurou passar por menor impubere para que a violência fosse presumida.
> Poucas vezes se percebe com tanta facilidade, em processos com o presente, um plano preparado para "pescar" um jovem inexperiente, dada a sua pouca idade, mas de família de boa reputação, para, ou conseguir casamento, ou outra qualquer vantagem.[132]

Percebe-se que havia um alinhamento entre as concepções dos juízes e a argumentação do advogado de defesa, mas é válido esclarecer que muitas vezes o exame

---

[130] "Os corpos das mulheres eram considerados atestados de sua moralidade. As partes sexuais flácidas levantavam para os juristas suspeitas de prostituição e afastavam a hipótese de terem precedentes normais, dificultando a punição do suspeito. Com corpo flácido, as ofendidas infringiam outras normas." ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 64.

[131] Processo nº 1466, Caixa 72, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS).

[132] Grifos no original. Processo nº 1283, Caixa 57, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1936.

médico constatava o defloramento "antigo" pois os familiares das meninas só denunciavam o caso após a constatação de gravidez, ou seja, de dois a três meses após o ocorrido, tempo suficiente para a cicatrização do rompimento do hímen.[133] Com isso, chega-se à principal teoria das pesquisadoras sobre o assunto: a de que "o casamento, enquanto norma, não regulava a sexualidade das camadas populares."[134] A ideia de honra entre as mulheres populares não seria tão rígida. Mas, nesse caso, qual era o objetivo do processo? Pressão dos olhares da vizinhança? Maneira encontrada por essas jovens para saírem de casa? Ou o casamento, de fato, tinha uma importância social para essas mulheres?[135]

Suposições à parte, pode-se afirmar, com base nos casos pelotenses, que a lógica do trabalho fazia com que a ideia do resguardo quase que absoluto estivesse distante da realidade das jovens de classes populares, as quais, desde cedo, observavam a necessidade do sustento como prioridade. Os processos revelam que a situação de gravidez, em grande parte dos casos, era o fator que levava à queixa, apresentando uma conjuntura em que, possivelmente, casos em que o defloramento não havia implicado em gravidez, não fossem encarados com a mesma seriedade pelas classes populares. Não se descarta aqui a possibilidade de que algumas jovens certamente tenham sido ludibriadas com promessas vãs de casamento ou uniões informais, porém, como reflete Martha Esteves,

> o fato de as ofendidas terem tido relações sexuais pré-maritais pode indicar que seus valores sobre virgindade e casamento não fossem tão rígidos. Mesmo que algumas, ou várias, tenham sido realmente enganadas pelos acusados (às vezes é difícil acreditar em tanta ingenuidade), muitas possuíram tempo para pensar - "cedeu porque quis ceder", diziam os advogados. Eles não estavam tão errados ao insinuarem que as ofendidas não partilhavam do mundo da ordem sexual.[136]

Revela-se significativa a tendência historiográfica que explica os altos índices de uniões amorosas informais, como o amasiamento e o concubinato, enquanto particularidade essencial das classes populares, uma vez que os custos da união oficial não eram acessíveis a grande parte desta população. No entanto, percebe-se que, em diversos casos de

---

[133] Como exemplo, citamos o processo nº 1430, Caixa 69, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1937.
[134] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 167.
[135] Exemplos de casos que acabaram em casamento: Processo nº 1467, Caixa 72, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1934 e 1468, Caixa 72, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[136] ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 118.

defloramentos, a denúncia do crime vem acompanhada do pedido de reparação de erro, ou seja, a punição do acusado com o casamento (possibilidade oferecida em primeiro lugar) ou a prisão, o que sinaliza ao menos tentativas de uniões formais, ainda que, na prática, as relações pudessem ser menos pautadas pela formalidade.

2.2.2 *Agressões - desentendimentos ocasionais, crimes passionais, acertos de contas, ferimentos "acidentais"*

Nesta categoria, são discutidas algumas situações que dizem um pouco do universo público e privado, ou seja, tanto alguns acontecimentos ocorrem nas ruas e calçadas, quanto no interior de residências. Buscou-se diferenciar suas características principais entre quatro tópicos, a fim de tentar explicar detalhadamente o que nota-se aqui de mais relevante sobre cada um deles.

Por *desentendimentos ocasionais*, entende-se no presente estudo as ofensas repentinas em situações de convívio, como eram algumas reações às desordens e impropérios proferidos por bêbados nas ruas, causando constrangimentos e aborrecimentos que, por vezes, acabavam em ferimentos graves.[137] Tem-se, assim, o caso do soldado Pithagoras Leal, no dia vinte e nove de outubro de 1931, quando estava de serviço na Rua XV de Novembro, e foi chamado para prender o vagabundo Antonio Alves, vulgo "Pausinho". Este proferia obscenidades e, na abordagem do policial, acabou sendo ferido a sabre.[138] Os processos mostram o quanto a população que frequentava as ruas do centro voltava-se contra este tipo de afronta, como no caso em que João Gauterio e sua mulher, Antonia, passando na frente do colégio São José, na noite de vinte e um de setembro de 1933, encontram o ébrio Demétrio Silva dos Santos, o qual dificultava a passagem dos dois, proferindo insultos. Na declaração de Maria Antonia,

> a depoente e seu marido, não ligando importancia ao mesmo indivíduo, que lhe pareceu não estar em seu juiso perfeito, prosseguiam seu caminho; que tinham dado poucos passos quando foram alcançados pelo mesmo indivíduo, que os separou com um empurrão, tendo ahi jogado seu marido fóra do passeio; que seu marido João Gauterio interpelou o referido indivíduo,

[137] O processo nº 1315 trata do assunto, a agressão a um soldado desordeiro. Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[138] Processo nº 1727, Caixa 91, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

> chamando-o de insolente, ao que o mesmo respondeu, apoz palavras insultuosas, com ameaças de que lhe daria um tiro na boca, tendo a depoente visto neste momento, o referido com a mão fechada parecendo-lhe que a mesma portava uma arma; que seu marido abaixou-se para segurar uma pedra e logo depois, fazendo uso de uma navalha, desferiu um golpe em seu agressor, isto já distanciado da depoente; que o agressor sahiu correndo, tendo seu marido se aproximado dela depoente para conduzi-la a sua residencia.[139]

Percebe-se que mesmo em situações corriqueiras, a presença de mulheres afeta a reação dos homens diante de inconveniências, pois haviam reações esperadas de um homem em situações de ofensa, as quais revelariam seu pertencimento ao universo masculino. Outra questão seria a ofensa à honra de mulheres da família, o que poderia provocar sérias contendas iniciadas por uma insinuação ou algo desrespeitoso mencionado em presença de mulheres.[140] Algumas altercações podiam surgir também de pequenas menções sobre quem era o superior, como no caso de uma briga entre um soldado e o motorneiro do Bonde, no centro. O soldado não teve o pedido de parar o bonde atendido, e, embora o motorneiro argumentasse que a parada no local era proibida, o soldado puxou a alavanca, parando o bonde e iniciando a briga.[141]

Ainda na categoria de agressões, existem os *crimes passionais*, representados aqui por casos cujos motivos estavam relacionados a sentimentos conturbados sobre relacionamentos e laços rompidos. Neste campo acontecem inúmeras perseguições de mulheres por seus companheiros e muitas vezes conflitos entre o ex e o atual, como foi o caso do casal de namorados que passeava pela rua Andrade Neves, quando foi surpreendido pelo ex-namorado da jovem, que tentava agredi-la[142]. Alguns desses casos acabam por revelar certa resistência ao caráter instável das relações, quase sempre recaindo sobre a mulher a culpa pelos vínculos desfeitos e cabendo ao homem o papel do orgulho ferido. Em uma ocorrência similar, a vítima recorre à polícia para se defender das agressões de seu companheiro[143], atitude que pode ser representativa de inúmeros casos que possivelmente não chegavam até a delegacia.

---

[139] Processo nº 208, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[140] Processo nº 1701: filho agride sublocatário por este andar sempre "alcoolisado" (sic) dizendo impropérios e palavras ofensivas à mãe deste. Caixa 89, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1934.

[141] Processo nº 1528, Caixa 76, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[142] Processo nº 1343, Caixa 61, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

[143] Processo nº 1365, Caixa 63, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

Por outro lado, tem-se a agressão misteriosa de um homem encontrado na madrugada desacordado no quintal de sua amante, a quem fazia ameaças. Ficou quatro dias em coma e veio a falecer, mas a investigação parecia não chegar a uma conclusão. O caso foi divulgado pela imprensa, por meio da qual foram veiculados protestos da filha da vítima e insinuações de que a última teria sofrido uma emboscada preparada pela amante.[144]

Outro cenário noturno presente nos processos são as casas de tolerância, sempre designadas, na documentação, por outros nomes, como "casas de cômodos" ou "pensões alegres". Nestes locais, eram comuns as desavenças por causa de mulheres, havendo tanto brigas entre os homens interessados em uma mesma mulher[145], quanto perseguições às mulheres que recusavam a abordagem de um homem. No caso do Cabaret de Anna Comajor, vulgo "Jeannette", Francisco Roberval de Araújo Góes, o "Pancho" Góes, é acusado de agredir Nilza Silveira no Hotel Biarritz (conhecido por Pensão Jeannette), após esta recusar um convite para passar a noite junto com Pancho:

> Como Nilza não accedesse ao convite, o denunciado maltratou-a com palavras e, em seguida, indo Nilza para seu quarto no Hotel Biarritz, conhecido por "Pensão Jeannette", a Praça 7 de Julho, nesta cidade, o denunciado acompanhou-a e no interior do quarto, agride-a, causando-lhe, a faca e com revolver servindo de instrumento contundente, as lesões corporaes descritas no auto de corpo de delicto de fls.[146]

O processo em questão revela denúncias de agressões subsequentes sofridas por Nilza, até que esta conseguisse ter a queixa efetivada na delegacia. Em um primeiro momento, ela vai até o posto, alega as agressões e é mandada de volta à pensão pelo subdelegado. À noite, chega ao posto policial nova denúncia de que Nilza estaria sendo maltratada na pensão, mas, dado o contexto de permissividade do local, percebem-se frases – por parte das autoridades policiais - como "a hora era imprópria para prender o réo". Um certo caráter de não-intervenção ou a chamada "vista grossa" parece permear as relações da vigilância policial com esses locais.

Casos significativos para a análise dos códigos de conduta das classes populares, são os frequentes *acertos de contas*, vinganças e desafetos. Certas afirmações ou condutas, por mais irrelevantes que pudessem parecer aos olhos dos juristas, acarretavam mágoas profundas

---

[144] Processo nº 242, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1935.
[145] Processo nº 1374, Caixa 64, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1937.
[146] Processo nº 214, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1934.

entre os populares – essencialmente homens, nos casos pesquisados – que exigiam respostas violentas, a menos que o ofensor se retratasse publicamente. No entanto, esses homens não esperavam muito tempo para resolver suas pendências, como exemplifica o caso ocorrido na noite de três de julho de 1933, em que Carlos Soares Camara encontrou Ito Prestes, soldado da Brigada e seu desafeto e o agrediu na esquina da rua Andrade Neves com Capitão Cícero.[147] Ou ainda o ocorrido no amanhecer de dez de abril de 1932, após um baile no bairro Areal, caso em que tem-se a resposta imediata após a rememoração de uma situação em que um dos indivíduos havia "levado bofetadas".

> No dia dez do corrente, das seis para as sete horas, reuniram-se diversos indivíduos, junto a uma bomba de gasolina de fronte ao kiosk de Alcides Camillo, situado no Areal, 2º districto deste município, onde se realizava um baile, entre elles Waldemar Machado, pardo, com 31 annos de idade, brasileiro, jornaleiro, e Lerio Soares, com 27 annos, brasileiro, indiatico, jornaleiro, conversavam assumptos sem importancia, ate que recordaram factos passados de valentia, tendo Waldemar, acintosamente se referido a um caso em que Lerio havia apanhado bofetadas na cara; Lerio retrucou o accinte, embora confirmando o facto e a um gesto de levar a mão na cintura, Waldemar que estava um pouco alcoolizado, temendo uma aggressão, rapidamente saca da cintura uma faca e vibra certeiro golpe no ventre de Lerio (sic).[148]

Nota-se que o fato de estarem os envolvidos em local público e reunidos com outros indivíduos, implica em reações rápidas e explícitas, a bem de haver o testemunho de que a honra foi imediatamente defendida perante a ofensa. A valentia e força eram parte das qualidades necessárias ao homem, e a menor insinuação de fraqueza era sinônimo de uma agressão moral para o imaginário masculino das classes populares da década de 1930.

Outras vinganças percebidas neste contexto noturno são decorrentes de conflitos no âmbito profissional. O trabalho era ambiente que poderia facilmente produzir ressentimentos, como entre os trabalhadores da Light and Power (companhia de energia) que resolveram seus desentendimentos à adaga, na volta do trabalho.[149] Caso exemplar ocorreu também no porto de Pelotas na noite de catorze de fevereiro de 1930. Um estivador escondido entre as sombras, aguardava o momento de vingar-se, à facadas, do chefe que não lhe dera serviço naquele

[147] Processo nº 209, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[148] Processo nº 206, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.
[149] Processo nº 1575, Caixa 80, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

dia.[150] Contudo, aspecto significativo é o fato de que tais ressentimentos aguardavam o tempo noturno, o tempo do não-trabalho para se transformarem nos acertos de contas e vinganças, ofensas que exigiam reparação.

Processo emblemático das características que envolviam um "acerto de contas" é o que consta a agressão a Ottilio Fuchi devido a divergências sobre "Foot-Ball". Pai e irmãos desse foram "tirar satisfações" dos agressores no fim da linha dos bondes no bairro Três Vendas.[151] Foram absolvidos da agressão por legítima defesa de outrem, sendo que uma das alegações foi justamente a falta de socorro policial no local, distrito da cidade ainda não muito povoado. Discutiremos estes aspectos mais detalhadamente no Capítulo Três.

O último tópico a ser discutido nessa categoria trata dos *ferimentos "acidentais"*, casos em que os depoentes alegavam brincadeiras com armas brancas ou de fogo que acabavam em ferimentos e mortes.[152] Considera-se um dado significativo para os estudos envolvendo a cultura popular, o fato de que alegações deste tipo chegavam até o processo criminal, revelando hábitos perigosos no trato com armas por parte desses homens, ou ainda, demonstrando táticas empregadas pelos populares no intuito de evitar problemas com a polícia. Aspecto habilmente lembrado por Chalhoub no caso carioca, é o hábito popular de omitir certas informações nos depoimentos policiais, a fim de que os conflitos pudessem ser resolvidos pelos populares, de acordo com seus códigos, valores e punições. As tergiversações e depoimentos vagos também podem ser elencadas nesse campo de estratégias populares no trato com a justiça formal.

2.2.3 *Brigas em bares*

Discute-se, nesta categoria, uma sociabilidade muito específica, circunscrita a espaços geralmente compostos de mesas, cadeiras, garçons e bebidas e quase sempre habitados somente por homens. Nesses locais, que podiam ser bares, casas comerciais, armazéns ou quiosques, encontra-se uma série de elementos que compõem e reforçam o imaginário social masculino. Conversas, bebidas, jogos e camaradagem, num clima

[150] Processo nº 1564, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.
[151] Processo nº 211, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[152] Processo nº 1382, Caixa 64, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930 e processo nº 1496, Caixa 74, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

pretensamente democrático, mas sensível a todas as diferenciações étnicas, sociais e culturais, transformam estes espaços em locais privilegiados para a análise de sociabilidades e conflitos.

A pesquisadora Glaucia Costa, referindo-se ao contexto da cidade de Florianópolis das primeiras décadas do século XX, destaca a preocupação das autoridades em higienizar também esses espaços, incentivando a preferência por estabelecimentos como confeitarias e cafés enquanto demonstrações de bom gosto e novos hábitos mais civilizados.

> Assim, a partir do segundo decênio do século XX, as confeitarias, cafés e os cinemas surgem como alternativas saudáveis para as antigas tabernas, produzindo um código específico de comportamento público que se disseminou, mais tarde, por estratos mais amplos. O que vemos, juntamente com esses novos estabelecimentos, é a domesticação do espaço de beber, pois eles não estavam conectados aos signos do atraso e da imoralidade. A passagem da presença das tabernas no espaço urbano, para a presença dos cafés e confeitarias e a sociabilidade propiciadas por elas, é também a transição entre uma cidade atrasada urbanisticamente e uma cidade moderna.[153]

Na verdade, é preciso relativizar estas afirmações. Ao menos no caso pelotense, os cafés do centro também aparecem nos registros policiais e às vezes são palco de conflitos de consequências fatais, embora realmente esses casos não sejam tão frequentes quanto os conflitos ocorridos em botequins da periferia e zonas estigmatizadas. Os cafés, botequins e casas de shows e música eram redutos da sociabilidade boêmia, como mostra Sylvia Couceiro, em um artigo sobre a noite nos cafés do Recife dos anos 1920, no qual a autora não deixa de mencionar o fato de que frequentemente esses cafés eram notícia nas colunas policiais dos jornais, além de espaços de tráfico e consumo de cocaína por prostitutas e clientes.[154]

Dentre os motivos que aparecem como estopins em brigas e discussões para o início da violência, estão discussões sobre "Foot-Ball", sobre quem era mais homem, trapaças, jogos a dinheiro[155], além, é claro, das bebidas alcoólicas, que aumentavam as proporções de cada divergência. A honra, a injúria e as ofensas pessoais levavam a reações extremadas dos homens pobres e trabalhadores da década de 1930. Tanto a falta do trabalho quanto a fadiga

---

[153] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina., p. 37.

[154] COUCEIRO, Sylvia. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. IN: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos* / Associação Nacional de História, São Leopoldo, 2007.

[155] Processo nº 1582, Caixa 80, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1937 e processo nº 1612, Caixa 83, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

de um cotidiano de labor podiam tecer o pano de fundo para brigas e discussões, ou para o vício tradicional do 'trago de cachaça'.[156] Os bares eram cenário frequente de conflitos, significando, ao mesmo tempo, local de camaradagem e espaço de disputa e afirmação dos valores masculinos da época. Era ali que afogavam as mágoas, discutiam futebol, cantavam seus amores e divagavam ao som do gramofone, a tal ponto que perdiam-se os detalhes de uma briga na mesa ao lado[157]. Questiona-se hoje se tamanho enleio seria provocado realmente pela sedutora música que se espraiava em ondas, ou se tal afirmação fazia parte de um conjunto de estratégias utilizadas pelos populares a fim de se esquivar das obrigações com a polícia e a justiça.

Entretanto, não se pode esquecer que o bar também era lugar de confraternização e cumprimentos alegres, rodadas de bebidas entre amigos e alguém a tocar modinhas num violão. É claro que, ao menor sinal de contenda, o violão transformava-se em uma arma, como bem o utilizou Manoel Pedro Soares. Guido Ventana havia iniciado uma discussão sobre quem era mais homem e perturbava a tranquilidade daquele bar do interior, ao que Manoel interrompeu a execução das músicas para empreender mais urgente utilidade ao violão...[158]

Há também a possibilidade de conflitos étnicos no interior do bar. Como bem afirmou Karl Monsma em suas pesquisas sobre negros e europeus no interior paulista, se tratando de imigrantes e brasileiros, o cuidado teria de ser redobrado. Ao mínimo sinal de discriminação ou um comportamento não condizente com a atmosfera democrática e igualitária que regia as sociabilidades boêmias, o estremecimento estava feito. Talvez Guido Brughski (vítima) não tivesse ideia do que sua atitude poderia acarretar, quando favoreceu seus clientes alemães no bar, em detrimento de outro cliente não pertencente à ascendência germânica. Atacado a punhaladas, na manhã após ter expulsado Mario José da Cunha do bar na noite anterior, sentiu na carne o fio de seus atos.[159] Esse processo será analisado de modo mais aprofundado no terceiro capítulo.

---

[156] Ou o "mé", termo encontrado por Magnani em etnografia baseada na periferia de São Paulo da década de 1970. Designava, para os nativos, a ingestão de bebidas alcoólicas ao fim da jornada diária de trabalho, ritual que unia os homens no bar e consolidava, com o encontro informal, a comunidade de colegas e vizinhos. (MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.* São Paulo: Brasiliense, 1984.)

[157] Processo nº 1568, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.

[158] Processo nº 1666, Caixa 87, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

[159] Processo nº 1646, Caixa 84, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

E ainda, dentre as brigas em bares, encontra-se o tipo de contenda que só personagens como "Zéca Taco" podem protagonizar. Na noite de dezesseis de dezembro de 1931, esse "conhecido gatuno" apareceu na Casa Comercial de Ulysses Teixeira (R. Três de Maio, 269), por volta das vinte e uma horas, esbravejando contra João Lopes, que se encontrava no recinto, e agredindo-o fisicamente devido a desentendimentos referentes a uma 'petiça'. Acabou ferido por um ataque de adaga desferido por João.[160]

Muitos dos casos mencionados referem-se a noites em que o bar ou o quiosque era procurado por esses homens com o objetivo de aliviar as pressões e responsabilidades decorrentes do estatuto de "provedores" da família. Não raro, a sociabilidade do botequim para os homens pobres significava o tempo em que suas obrigações com o trabalho e a família podiam esperar, pois esse era um tempo tradicionalmente reservado à sociabilidade masculina: a noite. No bar, esses homens encontravam jogos, música e cachaça, bem como a tradicional camaradagem expressa nas "rodadas", em que um dos frequentadores oferecia uma dose de bebida a cada um dos presentes, como um gesto simbólico de cumplicidade. No entanto, a honra e a masculinidade não eram jamais esquecidas e, ao menor sinal de infração neste frágil equilíbrio social, a camaradagem dessas noites dava lugar aos conflitos.

Devido a enorme representabilidade das brigas em bares para este estudo, que envolve o tempo noturno e a cultura popular, os aspectos referentes à sociabilidade destes locais serão retomados e aprofundados no Capítulo Três, relacionando algumas concepções teóricas com constatações pertinentes acerca destes hábitos nas noites pelotenses.

2.2.4 *Furtos e arrombamentos*

Interessante perceber como, apesar de experimentando já a insegurança e o medo que envolvem os centros das grandes cidades, Pelotas no período estudado continuava com uma visão provinciana sobre os furtos e arrombamentos. Nos processos, os ladrões eram conhecidos por meio de apelidos e mencionados enquanto "gatunos conhecidos" da cidade. Foi o caso de "Mão Pelada" e "Camelo"[161], bem como "Rocambole", que acabou sendo morto

[160] Processo nº 1566, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.
[161] Processo nº 1259, Caixa 55, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

pelo guarda Antônio Silveira da Luz em ação policial.[162] Encontrou-se em um caso de arrombamento e furto a um Armazém, o mesmo notívago encontrado em uma situação de agressão em um bar e, em ambos os casos, os documentos policiais referem-se a ele também pelo apelido. O nome dele era José Fernandes Filho, mas conhecido 'popularmente' como "Zéca Taco".[163]

Os casos mais comuns de furtos e arrombamentos davam-se na região central e na zona do porto, não por acaso, as áreas mais antigas e com maior número de casas e estabelecimentos tradicionais. Mas havia, ainda, alguns casos mais inusitados, como o da acusação de roubo a um enfermeiro do Hospital Beneficência Portuguesa[164] e o roubo a uma chata[165] quando o mestre saiu à terra para as comemorações do Natal de 1930.[166]

2.2.5 *Atropelamentos*

Ao refletir sobre os atropelamentos na análise desta pesquisa, é bastante evidente que a cidade se expandia a olhos vistos. As primeiras décadas do século XX, em especial a década em questão, o período de 1930-1939, foram os anos em que eram abertas novas estradas, novos loteamentos e quando os bondes circulavam pelo centro e bairros. Novos habitantes chegavam a cada ano, vindos da zona rural em busca de oportunidades na cidade. Os bairros cresciam, as famílias cresciam e não é de se espantar que houvesse tanto despreparo na condução de veículos e na sinalização destes novos caminhos, bem como na educação de crianças e pedestres sobre como proceder em vias públicas.

Pensar sobre todas essas questões, transferindo-as para um cenário noturno, com certeza não agrega maior viabilidade a esse tráfego, uma vez que à noite a visibilidade se torna mais difusa e a própria redução no movimento de carros, veículos e pessoas faria com que motoristas e pedestres agissem com mais imprudência.

---

[162] Processo nº 1318, Caixa 56, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1938.
[163] Processo nº 1526, Caixa 76, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930. O processo em que reencontramos Zéca Taco é o de nº 1566, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1931, mas que abordaremos mais atentamente no Capítulo 3.
[164] Processo nº 1368, Caixa 63, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[165] Sólida embarcação de duas proas, fundo chato e pequeno calado.
[166] Processo nº 1366, Caixa 63, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

Atropelamentos de crianças[167] e acidentes com vítimas nas estradas que levavam às periferias[168], são alguns dos exemplos que se pode citar para tornar visível o tipo de carências que o trânsito pelotense já apresentava.

2.2.6 *Incêndios*

É realmente notável a quantidade de prédios incendiados no período estudado. Geralmente ocorrendo à noite ou na madrugada, e em propriedades seguradas, os incêndios eram comuns em fábricas[169], estabelecimentos comerciais[170] e oficinas[171], sendo que os processos a eles relacionados acabavam, na maior parte das vezes, sendo em breve arquivados, pois não eram encontrados indícios de intenção criminosa nas investigações.

É importante notar a recorrência de inúmeros destes casos na zona central, com exceção de uma olaria e fábrica de adubos no Bairro Três Vendas, onde dois operários ao acenderem um lampião no depósito de inflamáveis provocaram o incêndio e um deles acabou morrendo no local.[172]

Como o enfoque da presente pesquisa se dá no âmbito das sociabilidades noturnas e espaços de lazer, não houve a intenção de deter-se na leitura ou análise destes processos. Contudo, não seria correto deixar de mencioná-los, pois também esses casos dizem algo sobre a cidade, além de constituírem parte do cenário das noites encontradas neste trabalho.

---

[167] Processo nº 1363, Caixa 63, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930; Processo nº 1493, Caixa 74, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930; Processo nº 1349, Caixa 61, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[168] Processo nº 1373, Caixa 64, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1936; Processo nº 1393, Caixa 65, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1937; Processo nº 1464, Caixa 72, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.

[169] Processo nº 1317, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1936; Processo nº 1810, Caixa 96, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

[170] Processo nº 1529, Caixa 76, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933; Processo nº 1812A, Caixa 96, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1939.

[171] Processo nº 1819, Caixa 96, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1937; Processo nº 210, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[172] Processo nº 1816, Caixa 96, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1935.

2.2.7 *Brigas em bailes*

Nesta última categoria de um panorama em que são esboçados os processos mais representativos das noites da década de 1930 em Pelotas, apresenta-se como pano de fundo uma das principais atividades que envolviam a sociabilidade noturna de ambos os sexos e diferentes setores da sociedade. É evidente que havia bailes distintos para cada classe social, mas pode-se afirmar que é possível encontrar opções de reuniões dançantes entre homens e mulheres desde os setores populares até associações da elite. No entanto, reafirma-se que o objetivo aqui é perceber as sociabilidades noturnas da cidade no concernente às classes populares, portanto, é sobre os bailes e danças acessíveis a essas camadas que vamos nos deter.

Curiosamente, alguns dos conflitos pesquisados revelaram que o hábito de reunirem-se pessoas em torno de uma festa, por mais que a presença das mesmas não fosse permitida em seu interior, é particularidade conhecida de longa data nas camadas populares – no mínimo, desde o século XIX. E não só em Pelotas, como evidencia o estudo de Glaucia Costa sobre a cidade de Florianópolis. Nesse trabalho, a autora encontra em Oswaldo Cabral, escritor das memórias da cidade, uma expressão para designar estes aglomerados de gente que se punham a olhar as entradas dos bailes e festas: o "pessoal do sereno". Conforme Costa, "era um termo contemporâneo de Cabral e servia para designar os boêmios. De cunho pejorativo, da maneira como foi empregado por Cabral, está relacionado à baderna e desordem, assim, a confusão que deu-se fora do Palácio, deu-se entre o "pessoal do sereno", os populares."[173]

É pertinente destacar a observação de que se considera a rua, para a presente pesquisa, como o espaço da expressão popular por excelência, uma vez que é por meio da diferenciação dentro / fora que ocorrem a maior parte das situações sociais de segregação. O maior exemplo disso são os bailes que, em Pelotas, já causavam furor mesmo quando eram apenas destinados aos ilustres associados dos clubes e eventuais cavalheiros respeitáveis que estivessem de passagem pela cidade. Na década de 1930, pode-se afirmar que o impacto desses eventos ainda era considerável na vida noturna pelotense, no entanto, os clubes haviam

[173] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, nota 36.

sentido uma expressiva expansão, havendo já clubes e associações destinadas às camadas sociais de expressão operária e da etnia negra, o que talvez causasse a dispersão do "pessoal do sereno" por outros pontos da cidade.

Sem dúvida, o cenário de um baile nas primeiras décadas do século XX seria deveras atraente por ser uma das poucas atividades noturnas em que homens e mulheres contracenavam e interagiam socialmente, o que traz à tona uma nova gama de referências populares no que diz respeito aos comportamentos e sentimentos envolvidos nos conflitos hoje pesquisados nos processos criminais. De acordo com Beatriz Loner, a histórica vida noturna de Pelotas, desde o século XIX, dava mostras de que constituía um sólido costume de seus habitantes, pois "as festas costumavam prolongar-se pela madrugada adentro, sendo muito comum encontrar-se notícias de seu término por volta de duas ou quatro horas da madrugada, reafirmando a tradição boêmia da cidade."[174]

Encontram-se nos processos referências a bailes em clubes, associações[175] e residências, sendo que este último caso apresenta-se mais frequente em localidades periféricas ou pertencentes ao interior do município, provavelmente devido às dificuldades dos habitantes destes sítios em deslocarem-se à noite, periodicamente, até a cidade para se divertir.[176] Citando a pesquisadora Beatriz Loner sobre os divertimentos na cidade de Pelotas no século XIX, percebemos que "as associações tinham códigos de conduta internos e regras próprias do que era ou não permitido. Mas todas procuravam seguir, de uma forma ou de outra, o modelo das camadas mais altas da sociedade."[177]

Havia, ainda, reuniões dançantes no interior das chamadas "pensões alegres", cujas funções já foram descritas no presente capítulo. Nesses locais, embora havendo uma característica comercial, também se observa comportamentos de ordem social, na medida em que a presença de ambos os sexos e o ritual de aproximação para o encontro amoroso provocavam disputas e confrontos dentro da sociabilidade dos frequentadores nestes

---

[174] LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em revista* / Núcleo de Documentação Histórica, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 8, dez. 2002 (s/ pág.).

[175] Processo nº 1458, Caixa 70, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930; Processo nº 218, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1934.

[176] Processo nº 1312, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931; Processo nº 1707, Caixa 89, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1937; Processo nº 1705, Caixa 89, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1935.

[177] LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em revista* / Núcleo de Documentação Histórica, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 8, dez. 2002, (s/ pág.).

espaços.[178]

Por ora, finaliza-se o panorama das noites que encontramos nos processos criminais analisados. A intenção deste subcapítulo foi esboçar a dinâmica noturna da cidade que ficou perceptível na pesquisa, destacando alguns aspectos e sugerindo questões que serão ainda trabalhadas. Crê-se que tenha sido possível dar mostras da diversidade de encontros e desavenças que essas sociabilidades noturnas de Pelotas geraram. De todo modo, os casos e situações mais expressivas para a análise aqui proposta serão revistos e discutidos com maior atenção no capítulo posterior, quando esses conflitos serão dissecados à luz de teorias e conceitos-chave para a compreensão dos códigos informais que permeavam a atmosfera das noites populares de Pelotas.

[178] Processo nº 309, Caixa 188, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

CAPÍTULO 3

Aventuras e desventuras da noite: tensões e sociabilidade

> *Enquanto a cidade dorme, em certas ruas, nos bares, nos cabarés, nos salões de bilhar, em salas pouco iluminadas e enfumaçadas, nos salões de dança e strip-tease, as tensões urbanas emergem, vivenciadas de formas fragmentadas e diversificadas por seus frequentadores, fazendo da cidade lugar para se trabalhar, se divertir, viver aventuras e desventuras da noite.*[179]

Cabe, neste momento do texto, a retomada de alguns pontos essenciais discutidos anteriormente, a fim de que se possa perceber a importância dos mesmos para as análises que seguem. No primeiro capítulo, abordou-se como a cidade de Pelotas dialogou com as mudanças advindas do contexto moderno e como a apropriação do tempo noturno se transformou, tendo em vista seu histórico de cidade marcada pelo *status* de sua elite charqueadora e a nova conjuntura econômica a que Pelotas também procurava se ajustar.

Revelaram-se os reflexos da dinâmica envolvendo novas relações com o espaço público, a migração de um contingente considerável da população das zonas rurais para o âmbito urbano, as novas atividades culturais propiciadas por inovações tecnológicas e a situação social dos setores aqui contemplados enquanto classes populares, seu cotidiano e costumes. É inegável que tal contexto propiciasse uma série de enfrentamentos, pois foram muitas mudanças no poder político, nas formas de administração, vigilância, relações étnicas e expressões culturais. A década de 1930 presenciou densas transformações no cotidiano popular: o rádio, o cinema, os bondes elétricos, tudo apontava na direção do futuro, do moderno e engenhoso. A lógica de mercado invadia as vidas, as casas e a mentalidade de pessoas ainda apegadas a um modo de vida mais árcade, no qual as relações seriam mais orgânicas. Nessa nova ordem social, que já vinha se infiltrando desde os anos anteriores (década de 1920), cada atitude requeria um cerimonioso cuidado, pois as noções de civilidade eram propagadas e fiscalizadas, no intuito de moldar uma nação patriota e consciente de seu

[179] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 81.

papel em prol do progresso.

No segundo capítulo, explicitou-se a metodologia de trabalho aqui empregada, bem como foi exposto um panorama da diversidade de ocorrências noturnas encontradas no universo da pesquisa, introduzindo o leitor no emaranhado de acontecimentos da vida noturna, objeto do enfoque proposto. De incêndios, arrombamentos, atropelamentos e defloramentos a um circuito de atividades culturais envolvendo bailes, bares, cafés e pensões alegres, Pelotas abarcava uma vida noturna recheada de interações e conflitos, nos quais hoje encontram-se, refletidos nas folhas dos processos criminais, todos esses estranhamentos e associações mencionados, que fizeram desse período da história da cidade um símbolo de sua arraigada contradição: provinciana *versus* cosmopolita.

Agora, pretende-se chegar ao ponto crucial do presente tema: a sociabilidade noturna percebida nesse cenário. Pretende-se mostrar, aqui, que mesmo na década de 1930, e numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, em que valores morais de uma herança pastoril ainda confrontavam-se com a lógica comportamental da modernidade, vê-se uma vida noturna que buscava se desenrolar segundo a nova ordem de mercado, em que os valores já tinham sua base no bom funcionamento e desenvolvimento do sistema capitalista. No entanto, na prática das noites populares, do discurso jurídico e nos depoimentos de testemunhas, está claro o quanto essa sociedade ainda era regida por concepções de conduta social pautadas em tradições de honra e masculinidade, as quais, por sua vez, tem raízes num modo de vida pastoril.

Não por acaso, percebeu-se no decorrer da pesquisa a predominância de uma rede de sociabilidade masculina nas noites estudadas. Apesar de algumas mulheres serem vistas na noite, são quase sempre ligadas a comportamentos e/ou atividades condenáveis, em um contexto no qual o simples ato de uma mulher andar na rua desacompanhada, servia como atestado de má conduta e moral duvidosa. Sobre os papeis do homem e da mulher ligados à honra da família, é pertinente salientar que

> os papeis femininos estavam expressos de forma negativa, para uma adequada moral sexual, e consequente manutenção da honra familiar, [as mulheres] deveriam guardar a virgindade, a fidelidade e a castidade. Ou seja, para ter honra a mulher não deve fazer/ter condutas inapropriadas. Estes eram os eixos centrais da honra feminina e o não cumprimento de qualquer deles não somente desonrariam as mulheres envolvidas como todo o grupo familiar e, especialmente, os homens aos quais elas estavam ligadas. Já os homens tem um papel positivo, devem demonstrar suas virtudes masculinas desempenhando práticas relacionadas com a lealdade, a valentia, a coragem,

> a capacidade de controlar as mulheres sob sua responsabilidade.[180]

Contudo, deve-se lembrar que a conduta das mulheres pobres no cotidiano do início do século estava inegavelmente relacionada ao fator socioeconômico, uma vez que a necessidade de "preservar-se" e manter uma vida recatada fazia com que as senhoras de setores mais abastados contratassem criadas e domésticas para atuar em serviços auxiliares, que muitas vezes obrigavam as empregadas a saírem em busca de artigos e mantimentos para a patroa.

> Chega-se a detectar que entre 1910-20 o número de mulheres alcoólatras dobrou no Rio de Janeiro, eram elas, majoritariamente, analfabetas e /ou com instrução rudimentar, destacando-se nas ocupações de cozinheiras, domésticas, lavadeiras. Justifica-se o alto número dessas ocupações "às repetidas idas em procura de gêneros alimentícios à taverna e ao bar".[181]

Pensando nessas questões de gênero, tem-se o artigo de Robert Connel como um ponto de referência ao refletir sobre a masculinidade destes espaços de convivência popular. O autor ressalta que não podemos falar sobre o termo no singular, e sim, adotar sua forma no plural, assumindo os múltiplos significados e configurações, bem como a historicidade destas noções de comportamento.

> As masculinidades estão constantemente mudando na história. Obviamente, podemos não vivenciá-las como tais; a ideologia popular frequentemente representa o gênero como aquilo que não muda: o estável e "natural" padrão que subsiste sob o fluxo geral. O padrão agora frequentemente chamado de "masculinidade tradicional", e vinculado à "família tradicional", é, na verdade, uma forma de gênero historicamente recente, um produto claro do mundo moderno.[182]

Nesse sentido, também destacam-se produções recentes como o livro *Meu Lar é o Botequim: alcoolismo e masculinidade*[183], em que o universo boêmio é retratado de maneira a promover "uma historiografia menos preocupada em julgar e valorar as ações e personagens do passado e mais preocupada em entendê-los na sua especificidade histórica"[184]. A autora, Maria Izilda Matos, propõe uma viagem pelo imaginário do século XX acerca do problema do

---

[180] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 11.

[181] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 58, nota 74.

[182] CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 191.

[183] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

[184] Durval Muniz de Albuquerque Jr. em Prefácio à edição de MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 9.

alcoolismo vinculado à ideia de masculinidade, analisando campanhas por uma saúde pública ligada à hábitos sóbrios de diversão e conduta. Para tanto, Maria Izilda contrapõe as versões médicas com a visão difundida nas canções populares sobre o assunto, tornando extremamente interessante a reflexão sobre o embate entre os esforços de conscientização e a força de um hábito intrínseco à cultura popular. Ao longo da leitura, este livro revela o quanto tais embates eram emblemáticos de uma época em que o país passava por uma readequação, tendo em vista o rompimento recente com o sistema escravista, o êxodo rural e a necessidade subsequente de voltar estes contingentes populacionais que inflavam os centros urbanos para uma noção burguesa de ordenação dos costumes e estímulo ao crescimento através do trabalho. Em seu texto, ela revela:

> Os discursos em questão reiteradamente associavam o alcoolismo ao jogo, fumo, vagabundagem, boemia e mendicância, provocados por uma ociosidade que era incompatível com uma "sociedade moderna e civilizada" direcionada para "a ordem e o progresso".[185]

Nas pesquisas com fontes judiciais, Chalhoub encontrou a íntima relação, explicitada no discurso coercitivo, entre a ociosidade e a degeneração social: "o ocioso é um pervertido, um viciado que representa uma ameaça à moral e aos bons costumes"[186], e caberia ao aparato policial e judiciário reforçar os "valores fundamentais da ética de trabalho capitalista"[187]. O autor demonstra claramente o impacto da competição desenfreada na vida nos trabalhadores, chegada com a perspectiva de crescimento e modernização do início do século XX, no entanto, destaca que as consequências e o modo como essa nova lógica de funcionamento da sociedade se impunha, ganhava contornos distintos no cotidiano popular. Redes de solidariedade e identificações étnicas são mapeadas pelo autor nesse contexto, relativizando e mostrando as múltiplas origens de conflitos nesse dia a dia, por meio de um mergulho nessas vivências.

Na verdade, o presente enfoque em uma noite popular, pública e de fácil acesso, se fez com o intuito de perceber o funcionamento das noites democráticas em Pelotas, entender como a gente simples da década de 1930, trabalhadores e transeuntes que moviam o cotidiano da cidade, divertiam-se nas poucas horas em que descansavam ainda acordados depois de um

---

[185] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 34.
[186] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 74.
[187] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 87.

dia de trabalho. Pretende-se compreender a sociabilidade de espaços e situações em que, a princípio, qualquer um tinha acesso e, mais além, encontros noturnos nos quais questões primordiais em outras relações e tempos cotidianos, como o trabalho, não seriam prioridade.

Neste trabalho, volta-se o olhar às interações e conflitos envolvendo essas formas e espaços de sociabilidade em Pelotas na década de 1930 e, para ajudar a explicar a ideia que guia este capítulo, tem-se um trecho de Georg Simmel em que pode-se observar a forte ligação do conceito "sociabilidade" com os objetivos dessa pesquisa:

> Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade. Quando o fazem, não passam de uma leve nuança daquela imaterialidade com a qual apenas à realidade é permitido penetrar o artifício social da sociabilidade.[188]

Vale a pena deter-se um pouco sobre a ideia de sociabilidade aqui pensada. Simmel defende que o caráter democrático da sociabilidade, principalmente entre pessoas de diferentes estratos sociais, seria um *jogo de cena*, um artifício social, como acima citado. Nesse sentido, procura-se aqui pelos momentos das noites pelotenses em que os preceitos que regiam a sociedade do trabalho e das classes sociais, permaneciam, em certa medida, suspensos, devido à atmosfera comum que unia pessoas em torno do convívio social. Nas palavras de Simmel,

> a igualdade, como vimos, resulta da eliminação, por um lado, do que é inteiramente pessoal, e por outro lado, do que é inteiramente material, ou seja, daquilo que a sociação encontra previamente como seu material e do qual se despe em sua condição de sociabilidade. A democracia da sociabilidade, mesmo entre aqueles socialmente iguais, é um jogo de cena. A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros. Aqui, ninguém pode em princípio encontrar sua satisfação à custa de sentimentos alheios totalmente opostos aos seus.[189]

De fato, elemento fundamental da sociabilidade é a reciprocidade. Simmel defende o princípio de que nesses encontros, cada um deve prezar para que cada sentimento em si seja compatível com a mesma sensação no outro, ou seja, "cada indivíduo deve *garantir* ao outro

---

[188] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 66.
[189] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 69.

aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores *recebidos* por esse indivíduo."[190] Portanto, a briga, o conflito e o desentendimento seriam rompimentos com várias instâncias do convívio social assim percebido, por exemplo, trazer à tona diferenciações sociais do mundo externo, ferindo o princípio da igualdade (ainda que artificial e efêmera); objetivar a conversa, tornando-a séria e descaracterizando-a enquanto entretenimento social; e negando a cortesia, que agrega a leveza do convívio social frente às pressões da realidade. Para Simmel, a sociabilidade é um *jogo social*[191], como o próprio jogo, que, nas relações sociais de todas as épocas, permanece em cena. O autor explica que, mesmo quando há dinheiro em disputa no jogo, este não é o que há de específico nesta interação, uma vez que pode ser obtido de diversas outras maneiras. Com efeito, "as atrações, para o verdadeiro jogador, estão na dinâmica e no acaso daquelas próprias formas de atividade sociológicas […], não somente joga na sociedade aquele que a mantém externamente, mas com ele 'joga-se', de fato, 'a sociedade'."[192] Nessa linha de pensamento, identifica-se a sociedade como o círculo de indivíduos ligados uns aos outros por efeito de relações mútuas, constituindo uma unidade em um sistema de influências recíprocas.[193] A sociabilidade seria, portanto, o "jogo do faz de conta" neste todo heterogêneo: "faz de conta que são todos iguais, e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado."[194]

É necessário esclarecer a convicção de que, ao referir-se aqui àquilo que Simmel chama de "mundo externo", não significa uma concordância com certas interpretações que referem-se ao contexto boêmio como desvinculado de seu papel no mundo do trabalho. Nesta pesquisa, acredita-se, pelo contrário, que o circuito boêmio é uma extensão do mundo do trabalho, pois é devido ao cotidiano de labor que o tempo noturno consolidou-se como o período privilegiado da sociabilidade e do lazer entre as classes populares. É necessário frisar, também – de acordo com o verificado em artigo de Luiz Carlos Soares[195] -, que o submundo das atividades noturnas viveu uma maior vigilância policial e administrativa com o advento do século XX, mas nunca com a intenção de extinguir estes hábitos, apenas isolando-os para

---

[190] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 69. Grifos no original.
[191] Grifo meu para destacar uma expressão que será usada novamente.
[192] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 72.
[193] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
[194] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 71.
[195] SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

que continuassem a servir como contraponto da realidade sem abalar as estruturas da ordem social voltada ao trabalho.

Pode-se afirmar, sem medo, que o submundo das sociabilidades noturnas constitui uma das válvulas de escape mais inerentes ao sistema capitalista. Quanto mais sentida a exploração da lógica de mercado nas sociedades, mais o indivíduo busca no tempo noturno uma conexão social orgânica com seus pares, alguma ligação que não dependa das relações de trabalho e interesses. Eis então, a gama de sociabilidades noturnas que constituem o presente tema de pesquisa. O autor Roberto Da Matta explora os entrecruzamentos de distintos momentos de nossa sociedade, e utiliza-se aqui este trecho para ajudar a explicar a relação do cotidiano com determinados rituais característicos da cultura brasileira:

> (…) discutir as peculiaridades de nossa sociedade é estudar também essas zonas de encontro e mediação, essas praças e adros dados pelos carnavais, pelas procissões e pelas malandragens, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano.[196]

Dentro das pesquisas que buscam entender a vida boêmia, principia-se por destacar a dissertação de Márcia Ramos Oliveira, com enfoque na vida e obra de Lupicínio Rodrigues, e que abarca o cotidiano boêmio de Porto Alegre por volta da metade do século XX, contando com os relatos de alguns de seus participantes e frequentadores.[197] Contribuição importante, também, é o trabalho de Maria Izilda com o contexto noturno de Copacabana, trazendo à tona os anos 1940 e 1950 e a maneira de viver peculiar dos boêmios, baseando-se nas crônicas de Antonio Maria e nas canções de Dolores Duran.[198] A autora alerta para as construções idealizadas do boêmio, enfatizando que a maior parte das produções sobre esse modo de vida acaba por identificá-lo com o mundo do não-trabalho, da rejeição à disciplina e à organização familiar.[199] De fato, parece haver uma clara distinção entre o "boêmio" e o "malandro" na

---

[196] DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 15.

[197] OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

[198] MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

[199] MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

historiografia. Roberto Da Matta[200] e José Novaes[201] ligam o malandro à rejeição ao mundo trabalho, às regras e imposições de horários que condicionam a vida do trabalhador. Já o boêmio é mais facilmente identificado com concepções menos radicais, que permitem um trânsito maior do indivíduo pelo mundo do trabalho e da malandragem. Contudo, é necessário aludir às ambiguidades inerentes a esses atores, e aos conflitos internos que não raro os acompanham. Nas palavras de Matos, encontra-se a tradução de nossas concepções:

> O ser boêmio é múltiplo, mas na presente investigação significa viver diferentemente, estabelecer regras de modo distinto, ter uma vida que escape à monotonia e ao previsível, respeitando, contudo, certos códigos estabelecidos nesse universo. Não se entende aqui boemia como um todo fechado, autônomo e homogêneo. A experiência boemia deve ser focalizada de forma relacional, complementar e interdependente à vivência do dia e à do trabalho, e não em confronto a elas.[202]

É interessante traçar um paralelo entre a concepção de 'boêmio múltiplo' por Maria Izilda Matos e a desenvolvida por Antonio Paulo Benatti em sua pesquisa sobre boemia e prostituição em Londrina (PR) de 1930 a 1970.[203] Benatti identificou seu tipo boêmio enquanto um "anfíbio" capaz de transitar tranquila e "higienicamente" – para usar um dos termos da época – entre o mundo normatizado e o mundo do prazer, pois teria o discernimento para saber a hora de um e de outro. O autor encontrou, em suas consultas aos jornais, um artigo intitulado "Nossos tipos: o boêmio", no qual a distinção entre o verdadeiro boêmio, higienizado, e o falso boêmio, marginal, aparece clara e francamente explicitada, com direito às referências que faz a música popular sobre esta questão. Nas palavras do autor:

> Boêmios e malandros não falariam a mesma língua, apesar do boêmio saber a gíria da malandragem. O boêmio tem todas as virtudes do cidadão ideal: bons princípios, moral familiar, é trabalhador e respeitador; o falso boêmio, todos os defeitos e vícios dos desclassificados de índole vagabunda. O verdadeiro boêmio é o homem que brinca, o ser lúdico que ama os prazeres da noite, que anda no lado escuro mas permanece tocado pelas luzes do bem. O falso boêmio, ao contrário, é um ser das trevas, "de índole perversa e

---

[200] DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

[201] NOVAES, José. Um episódio de produção de subjetividade no Brasil de 1930: malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2001.

[202] MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999, p. 960.

[203] BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina-PR, 1930-1970).* 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

má".[204]

O boêmio de Benatti representa aquele já devidamente fiscalizado, higienizado e normatizado, propagado pelas ondas do rádio e músicas na década de 1930, ao passo que o malandro permanece vinculado à informalidade e ao não subjugar-se aos padrões comportamentais convencionados.[205] Na presente pesquisa, ficou explícito o quanto tais fronteiras eram tênues, pois os próprios espaços populares de sociabilidade encontrados em Pelotas na década de 1930 davam margem a desfechos nem sempre tão civilizados. No entanto, pode-se presumir que muitos eram os encontros sociais que não produziam conflitos significativos a ponto de envolver o aparato policial, pois os inquéritos e descrições pesquisados nos processos criminais revelam como pano de fundo uma vida noturna bastante movimentada na cidade, mesmo sem se considerar os conflitos observados. Nesse sentido pode-se distinguir a importância dos rituais boêmios de camaradagem e liberdade para a configuração de uma cultura expressamente nacional percebida também no contexto pelotense aqui tratado. Contudo, é necessário demonstrar algumas peculiaridades do âmbito local, como a ideia de honra que perpassa esses circuitos boêmios.[206]

Devido ao contexto de múltiplas influências nas expressões culturais da história de Pelotas, não é forçoso atentar, para além do caráter de valorização do que é "de fora", em como aquilo que é inerente ao espaço sul-riograndense e platino também fazia-se sentir, principalmente entre as classes populares sobre as quais pretende-se refletir. As primeiras ocupações do Rio Grande do Sul, com registros de tropeiros e negociantes de gado, propriedades latifundiárias e a tradição pecuarista, deixaram o legado de uma figura simbólica: o *gaucho*. Essa figura típica foi transformada em símbolo de uma reverenciada "identidade gaúcha" e da cultura de galpão que a acompanha, a qual remete ao trabalho, relações sociais e costumes desse personagem, e que foi elevada à categoria de "cultura

---

[204] BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina-PR, 1930-1970).* 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 205.

[205] Para conhecer a célebre polêmica da música popular brasileira entre Noel Rosa e Wilson Batista, conhecida por ilustrar o embate entre o malandro afinado com a higienização do período varguista e o malandro do morro, de negócios ilícitos e violento, não é necessária uma procura muito demorada, mas recomendo o artigo de Gilmar Rocha, O sistema da fama: rádio, gênero e malandragem no Brasil dos anos 1940. *Alceu* - Revista do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, v.7 - n.13 - p. 134 a 148 - jul./dez. 2006.

[206] Baseia-se aqui na sucinta definição de José Remedi para o termo: "Por honra, pode-se entender um conjunto de valores e regras de ação -, ou seja, a constituição de um código ou conjunto de preceitos e, também, o comportamento real das pessoas, sobre as quais esse código pretende ter efeito." REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 56.

gaúcha".[207] Na verdade, como bem conta a antropóloga Ondina Fachel,

> para o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, o gaucho é o símbolo da identidade regional: os brasileiros ressaltam as semelhanças culturais desta região com os países platinos. Ao contrário da Argentina e do Uruguay, as representações do estado brasileiro sobre o gaucho, tanto reproduzida no imaginário popular bem como por organizações políticas, enfatizam o gaucho como um tipo social regional distinto de outros brasileiros: o gaucho é o pioneiro corajoso e guerreiro que expandiu e guarda as fronteiras do sul do Brasil.[208]

Tamanho esforço por parte dos governos, organizações políticas e população no sentido de diferenciar-se e explicar as proximidades culturais com outros países, fizeram com que este estado mais ao sul do país explicitasse, em seu imaginário social, mais ligações com o universo platino do que com o brasileiro e cristalizasse esse imaginário em torno da figura do gaucho – embora o próprio seja um personagem raro de encontrar pelas ruas. Entretanto, deve-se admitir algumas diferenças entre o estado do Rio Grande do Sul e os demais estados brasileiros, por exemplo, a condição geográfica: o cenário que acompanhou o gaucho é o pampa, bioma constituído por planícies extensas e pouca vegetação que ocupa boa parte do território do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguay. O clima, de variações bastante pronunciadas durante as quatro estações do ano, apresenta temperaturas que, de junho a agosto, podem chegar a níveis pouco abaixo de 0ºC e de novembro a março chegam a atingir os 40ºC em algumas regiões. Tais particularidades da região foram utilizadas no intuito de reforçar um imaginário que contribuiu para propagar noções de masculinidade ligadas a homens taciturnos, quietos, de índole pacífica - até que lhe ofendam - e de hábitos rotineiros e silenciosos.

Nesta pesquisa, é significativo considerar o efeito da reprodução desse imaginário para as classes populares de Pelotas na década de 1930, e o impacto que essas representações de si mesmos enquanto pertencentes a esse legado cultural, causava em suas ações e

---

[207] Utiliza-se aqui as expressões gaucho e gaúcho em sentidos diferentes. "Gaucho" é um termo usado para designar o trabalhador de estância identificado como cerne do mencionado imaginário social identificado com a criação de uma suposta cultura específica do Estado do Rio Grande do Sul, ao passo que o adjetivo "gaúcho" é utilizado no sentido da forma vulgar para expressar resumidamente o adjetivo "sul-rio-grandense" ou "do Rio Grande do Sul".

[208] "For the Brazilian state of Rio Grande do Sul, the gaucho is symbol of regional identity: Brazilians stress the cultural similarities of this region with the Platine nations. Contrary to that of the Argentina and Uruguay, the Brazilian state's official representations of the gaucho, as well as that reproduced in popular imagery an by political organizations, emphasize the gaucho as a regional social type distinct from other Brazilians: the gaucho is the brave pioneer and warrior who expanded and guards the frontiers of southern Brazil." LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA, p. 51. Tradução livre.

interações cotidianas. Não é por acaso que a pesquisadora Ondina Leal aponta a ideia de honra dos gauchos firmemente vinculada à masculinidade: "eles formam uma cultura masculina e equestre muito específica, que glorifica valores como honra, liberdade, justiça e bravura."[209] Assim, ao diminuir a masculinidade desses homens, está-se também ofendendo a sua honra. Essa circunstância é percebida nas análises aqui realizadas dos espaços de sociabilidade noturna entre os populares de Pelotas, sempre que há um conflito ou provocações que o antecedem. A masculinidade de um ou mais frequentadores é questionada, em tom jocoso ou belicoso, e a resposta deve ser, obrigatoriamente, a defesa de sua própria honra ou, em outras palavras, a "limpeza" do nome.

José Remedi reflete sobre a honra a partir da literatura. Os romances de Caldre e Fião, importante médico, jornalista e político brasileiro, foram escritos com base nas tradições que fundamentam o imaginário sul-rio-grandense e serviram de ponto de partida para José Remedi pensar os meandros de uma cultura que carrega noções tão longevas sobre honradez.[210] O romancista do século XIX, natural de Porto Alegre, vivera ele próprio uma jornada pelo status de homem honrado, segundo seu ideal, e foi buscar no Rio de Janeiro esse reconhecimento. No entanto, para Remedi, "seu olhar é desde dentro, mas desde cima, pouco vemos de empatia com os personagens mais simples e humildes de sua trama. […] Não reconhece um sistema de valores, uma honra própria e alternativa ao seu ideal de honradez."[211] Ou seja, Caldre e Fião não acreditava que aos pobres coubesse algum sistema de honras. Baseava seus ideais de honra na fé cristã e na constituição da família tradicional, e admitia que esse ideal de família honrada estava longe de ser possível dentre os completamente despossuídos. "Assim, enquanto o sistema de valores ideal parece ser o mesmo para todos os grupos da sociedade, as possibilidades de viver de acordo com ele variam substancialmente segundo a posição de cada família na estratificação social."[212]

---

[209] "They form a very specific masculine, equestrian culture, which glorifies such values as honor, freedom, righteousness and bravery." LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA, p. 9. Tradução livre.

[210] A respeito da escrita e os propósitos dos romances de Caldre e Fião sobre os gaúchos no Rio de Janeiro, o autor diz: "Somente estabelecendo que o tipo heróico sul-rio-grandense cumpre com altos padrões de honorabilidade poderia reverter-se o receio da corte com os atos 'bárbaros' das conhecidas guerras que as gentes da província já tinham se envolvido, era necessário apresentá-lo como um sujeito de moral e conduta corretas." REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 166.

[211] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 204.

[212] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-

Isso é tanto mais significativo quanto se tem em conta que principalmente aos pobres a honra consistia como uma alternativa às hierarquias tradicionais, uma maneira de encontrar respeito e valorização ligados ao bom nome e ao proceder.[213] Além do que, pode-se argumentar, ainda com as palavras de Remedi, que "muito embora a honra se pretenda universal; com validade para todos, em uma mesma sociedade e em uma mesma época, certamente pode-se verificar a convivência de variados códigos de honra conforme grupos sociais diferenciados."[214] E certamente a honra entre os populares tinha contornos muito diferentes daquela propagada por Caldre e Fião. Em tempo, vale acrescentar uma passagem na qual o pesquisador Karl Monsma aborda a hipótese de uma tendência historiográfica, a qual supõe serem os crimes passionais mais comuns entre as classes populares pois as camadas mais altas possuiriam mais recursos para fugir de uma humilhação: "de fato, o autocontrole é tão central para as elites e a classe média em muitos países que 'perder o controle', expressando a raiva diretamente com gritos ou violência, raramente serve para recuperar a dignidade em face da humilhação, e geralmente só piora a perda de respeitabilidade."[215]

Portanto, ao tratar aqui de uma sociabilidade noturna, essencialmente masculina e popular, também se lida com estratégias em prol de noites com liberdade, respeito e igualdade. Porém, quando a "falta de tato" traz ao ambiente social objetivações sobre o mundo real – provocações e comentários acerca de diferenciações sociais, étnicas e culturais - , o princípio da reciprocidade, como vimos anteriormente, faz com que não haja mais o compromisso da cortesia para com o ofensor, proporcionando, então, o conflito violento. Na tese de Ondina Fachel, percebe-se também que a masculinidade está muito ligada à honra no imaginário *gaucho*. "A lógica é que um homem só tem honra se ele é livre; ele só impõe respeito se ele não é submisso - todas essas são condições essenciais da masculinidade."[216]

Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 176.

[213] É pertinente destacar o argumento da defesa de um pai e dois filhos acusados de agressão: "Os denunciados são pessoas pobres, **mas** ordeiras e nunca se viram envolvidas em qualquer fáto que os desabonassem." (Grifo meu). Este trecho revela o emprego de uma justificativa que segue a mesma linha de pensamento de Caldre e Fião para o século XIX, de que o pobre, em tese, teria tendência à desordem e barbárie. Talvez a defesado referido julgamento utilizasse, assim, de uma tática de aproximação com a lógica dos juristas. Processo nº 211, Caixa 177, Est. 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[214] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 58.

[215] MONSMA, Karl. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história e cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005, p. 33.

[216] "The rationale is that a man only has honor if he is free; he only commands respect if he is not submissive – all these are essential conditions of manliness." LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA, p. 122. Tradução livre.

Nas sociabilidades noturnas pesquisadas, transparece que um homem pobre busca na noite, nos bares e na cachaça, o alívio das pressões cotidianas, mas algo nesse ínterim – devido à embriaguez ou à necessidade de defender sua honra – às vezes faz com que o equilíbrio no jogo social se perca, ocorrendo, assim, desentendimentos que podem acabar em tragédia. Conforme Remedi, "mais honrado é o sujeito que consegue fazer-se respeitar ou calar seu opositor. Podendo, inclusive, manter a sua reputação pela agressividade com que mantém a sua precedência sobre os outros, não importando se são ou não homens virtuosos e honrados. No campo da honra, a força faz o direito."[217]

Outro componente inegavelmente importante para auxiliar na nossa compreensão sobre as sociabilidades noturnas envolvendo as classes populares, é o conceito de *habitus*. Ainda há pouco se discutia o quanto as noções de honra podem variar de uma classe social para outra no mesmo período histórico, e imagina-se ser possível atribuir a mesma variável a respeito do modo de vida e das visões de mundo que permeavam as condutas das classes sociais. Para além de uma determinação estanque e limitada das ações, o *habitus* explica os gostos semelhantes e as formas de pensar o mundo observadas entre indivíduos pertencentes a uma mesma origem social, uma vez que

> o *habitus* é, com efeito, *princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação (principium divisionis)* de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*.[218]

O *habitus* ajuda a entender o que faz tantos homens resolverem suas ofensas a golpes de faca e tiros de revólver; o que leva tantos deles ao botequim no final do dia; o que faz com que, nos bailes, na presença de mulheres, esses mesmos homens pareçam competir entre si e transformar qualquer olhar em uma provocação, ressaltando suas rivalidades. São essas visões de mundo e percepções de si mesmos no mundo que, compartilhadas por estas pessoas, elevam-se à categoria de códigos informais que permeiam o cotidiano desse grupo social.

Como bem explica Bourdieu, o corpo, os gestos, formas de falar e comer, também dizem muito sobre a condição masculina para as classes populares. A valorização da virilidade

---

[217] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 90.
[218] BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento.* 2 ed. Rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011, p. 162.

é muito importante para o sistema que compõe o *habitus* dessas camadas, e influencia desde as reações e a pronúncia até as formas de pensar. O estilo de vida desses habitantes é marcado por um "gosto de necessidade", ou seja, preferências que estão diretamente ligadas ao fator socioeconômico e à ausência de determinados elementos no sistema de relações que formam essas preferências.[219] Deriva disso a opção pela culinária simples e vestuário prático, gostos ligados ao hábito do trabalho e da sobrevivência, o que acaba por gerar uma definição dessa classe e suas famílias, pela expressão "gente simples" ou "gente comum".

É interessante pensar que os policiais treinados para combater o crime – mas também controlar a cultura popular e fiscalizar esses hábitos noturnos aqui tratados - são provenientes, também, das classes populares, havendo uma reinterpretação de valores por parte desses indivíduos. Uma vez que teriam de defender uma lógica de funcionamento das condutas no espaço urbano com base na percepção das elites, teriam de readequar a própria percepção de suas funções de acordo com seus valores e visões de mundo. Cláudia Mauch traz essa informação referente a um período anterior, mas pode-se ter uma ideia aproximada da dinâmica dessas relações também na década de 1930, pois as contratações da categoria seguiram com a mesma característica:

> no Brasil, no século XIX até meados do século XX os policiais eram normalmente recrutados dentre as classes populares e lançados nas ruas com a função de impor a ordem, sem treinamento formal, para uma atividade socialmente mal vista e de baixa remuneração. No contato cotidiano com a população, acabaram por desenvolver estratégias não-previstas nas políticas oficiais e nos regulamentos para a imposição de sua "autoridade", o que nem sempre significava imposição da ordem tal como pensada pelas elites.[220]

Na presente pesquisa, usa-se o acontecimento do crime como o cenário privilegiado no qual estão presentes – e desfilam em cada folha, depoimento ou queixa - todas aquelas relações, hábitos noturnos, visões de mundo e conflitos que revelam a essência desse tema. A sociabilidade noturna das classes populares está nas entrelinhas das descrições de policiais, escrivães, testemunhas e advogados e, para além do crime ou da criminalidade[221], tem-se o

---

[219] BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento.* 2 ed. Rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

[220] MAUCH, Cláudia. Considerações sobre a história da polícia. *Métis: história & cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005, p. 116.

[221] "O "crime" e a "criminalidade" não são uma mesma e única coisa. Uma tentativa, no geral, exitosa, na definição do primeiro termo reside em dar-lhe a ele a circunscrição jurídica correspondente aos limites espaço-temporais dos quais o fenômeno em estudo faz parte. Já, no que se refere à segunda expressão, parece haver uma duplicação do primeiro conceito numa avaliação social feita desde lugares diversos, como são a imprensa, a ciência e a política, por exemplo. De qualquer maneira, os termos e os espaços sociais de sua enunciação não são, absolutamente, impermeáveis." ELMIR, Cláudio Pereira. O crime em disputa: o campo jurídico e as lutas para a instauração do discurso legítimo acerca da negatividade do social. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e

registro das interpretações destas pessoas acerca dos acontecimentos da noite de Pelotas. Contudo, sabe-se das dificuldades de se efetivar afirmações a partir de uma análise qualitativa no trato com fontes criminais. Felizmente, encontrou-se um material muito satisfatório, que permitiu uma visualização dessas sociabilidades noturnas em um nível acima das expectativas. A respeito das armadilhas da fonte criminal, quem explica é Cláudio Elmir, quando diz:

> É óbvio que, desde uma definição jurídica, entre os crimes que acontecem e aqueles que chegam a constituir processo criminal, existe uma defasagem que, se não pode ser medida, também não pode ser negligenciada por todos aqueles que pretendem abordar o fenômeno criminoso. […] Se o "crime-em-si" é um impossível, o "crime para nós" passa a existir desde o momento em que substituímos, de certa forma, o crime pelo "discurso sobre o crime.[222]

Na verdade, além dos objetivos relacionados à contribuição no preenchimento de lacunas nas produções sobre a noite e a História de Pelotas, pretende-se também circunscrever esta pesquisa em uma linha alternativa da historiografia, que visa não reproduzir, simplesmente, o julgamento destes agentes do passado, buscando, sim, compreender suas visões de mundo e suas atitudes perante a vida cotidiana. Para isso, essas novas produções historiográficas não se importam com um trabalho de lupa, de entrelinhas, de buscar a cultura e o cotidiano em uma fonte criminal.

> Uma historiografia atenta a outros personagens, a sujeitos menos heróicos e grandiosos, personagens simples, infames, pobres, marginalizados. Uma historiografia regida por um olhar menos inquisitorial, uma historiografia marcada por um olhar terno, um olhar carinhoso do historiador para com aqueles que toma como objeto de estudo, um olhar menos autoritário, de menos autoridade dada pelo poder e pelo saber.[223]

Para que esse trabalho possa estar entre as produções historiográficas que não excluem, e sim, agregam, elegeram-se alguns casos exemplares das sociabilidades noturnas encontradas na pesquisa sobre a década de 1930 em Pelotas. Não por acaso, nesses três tipos de situações escolhidas, quando ocorrem conflitos, nota-se uma preocupação em fazê-lo na

---

FÉLIX, Loiva Otero (orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 326.

[222] ELMIR, Cláudio Pereira. O crime em disputa: o campo jurídico e as lutas para a instauração do discurso legítimo acerca da negatividade do social. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero (orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 327.

[223] ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Prefácio. MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001., p. 10.

rua, no espaço público, evidenciando não somente a importância do aval coletivo popular em seus códigos de conduta, mas sim uma intenção de se preservar o *faz-de-conta* dos espaços de sociabilidade.

Transformando tais situações em três categorias de análise, traz-se o universo das brigas em bailes, e discorre-se sobre um dos poucos circuitos noturnos em que as mulheres apareciam; em seguida tem-se o acerto de contas, abordando o hábito arraigado entre essas populações de defender sua honra, limpar seu nome e tirar satisfações; e, por último, mas não menos importante – na verdade, pode ser entendido como o mais denso dos circuitos de sociabilidade encontrados -, as brigas em bares, que retratam o cotidiano e o que estava em jogo dentro desse espaço de sociabilidade masculina das classes populares.

3.1 *Entre danças e disputas*

Os bailes privados em residências aparecem muito frequentemente nos processos-crime da década de 1930, sendo uma constante, também, o movimento que geravam em seu entorno. O caráter restrito dessas reuniões foge, em certa medida, do foco específico em uma noite democrática e acessível, pois alguns conflitos em bailes eram decorrentes, justamente, da presença indesejada de algum indivíduo supostamente não convidado ou, ao analisar mais atentamente, muitas vezes considerado indigno pelos demais membros, de compartilhar do encontro. Quando havia esse componente de segregação, que fere o princípio do "faz-de-conta" da sociabilidade – abordado anteriormente -, tem-se um conflito iminente, como foi o caso ocorrido em 1931, em um baile de aniversário no 4º distrito. Orlando Romeu Martins, "costumaz desordeiro" teve o aval do diretor do baile, José Simião, para dançar "algumas marcas", mesmo não tendo sido convidado para o baile, em comemoração ao aniversário de Alexandre Goulart. Alexandre não aprovou a presença de Orlando e o mandou embora, quando Orlando faz uso de uma faca, agredindo várias pessoas, incluindo José Fernandes e "a parda Mercedes Cardozo Barboza, de 18 anos de idade".[224]

Na confusão, Antonio Mendes, locatário de um dos quartos da casa, ouvindo a briga (Antonio alegou ter ouvido o estampido de um tiro, o que não foi confirmado pelos outros depoentes), saiu de seu quarto disparando tiros de revólver a esmo. Alexandre e Pedro Moreira da Silva entraram em luta corporal com Antonio, o qual acabou disparando um tiro

[224] Processo nº 1312, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

que veio a atingir a mão esquerda de Alexandre. Pedro Moreira conseguiu desarmar Antonio Mendes e, juntamente com Alexandre e os demais, retornou ao interior da residência. Porém, Antonio, injuriado, "foi até seu quarto e muniu-se de seu revólver, digo, facão, e voltou a salla, encontrando-se com Pedro Moreira da Silva, este fugio para um canto da sala, porém o depoente o seguio e nesse lugar o punhalou, mesmo com o fim de o exterminá-lo (sic)".[225]

O caso foi a julgamento e o réu absolvido pelo júri, mas a promotoria apelou ao Tribunal Superior do Estado e o acusado veio a ser condenado a seis anos de prisão. Visto que o réu cumpriu a pena em Porto Alegre, tem-se, na documentação do Gabinete de Antropologia Criminal algumas observações interessantes. Por exemplo, sabe-se que "até a prisão a sua vida tem se caracterisado nos trabalhos de estancia, quer como tratador de gado, quer como plantador, jornaleiro, etc... Aos 35 annos casou-se no religioso, morrendo-lhe a mulher 15 annos após. Enfim vida de misérias, de simplicidades, de rudeza, etc..." (sic)[226]

É quase impossível, nesse caso, não traçar um paralelo com os ideais de honra e masculinidade mencionados anteriormente. Para Antonio Mendes, 62 anos, natural do interior de São Lourenço do Sul e familiar ao trabalho rural, voltar à casa onde se reuniam pessoas para o baile, pessoas que assistiram o confronto e sabiam que o mesmo havia sido subjugado na luta corporal, após sair armado de revólver e atirando a esmo, seria como ter consideravelmente diminuída a sua honra e virilidade masculinas. É significativo que nos documentos do Gabinete de Antropologia Criminal, Antonio Mendes tenha exposto um cenário mais articulado em seu favor:

> Tinha um quarto alugado numa casa onde se realizava um baile. Pelas 10 horas da noite percebeu que surravam um creolo. Sahio do quarto e pediu aos agressores que deixassem quiéto o coitado do mulato. Em resposta, foi envolvido e aggredido tambem. No decorrer da lucta, tentou puxar o revólver que cahio ao chão e detonou. Sempre luctando recolheu-se ao interior da casa e ahi armando-se de uma adaga, investiu contra um dos assaltantes ferindo-o. Teve morte instantânea. (sic)[227]

No trabalho com esse tipo de fonte, observa-se desde o início que não há uma versão "verídica" no processo criminal. Tampouco seria possível, se o acontecimento se reproduzisse a olhos vistos, narrar o episódio de maneira imparcial e com unanimidade de versões; a

[225] Processo nº 1312, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.
[226] Processo nº 1312, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.
[227] Processo nº 1312, Caixa 59, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.

percepção dos fatos e ações já está imbuída de preceitos e classificações que tornariam cada versão diferente da outra. No entanto, é notório que o caráter das descrições do réu Antonio Mendes foi agregando, progressivamente, elementos atenuantes ao seu ato, desde o ponto em que admite ter saído de seu quarto disparando tiros de revólver até quando transforma sua atitude em uma reação à injustiça perpetrada a um mulato no baile. De qualquer forma, o que interessa à presente discussão com a observação deste trecho, é ressaltar a semelhança dos elementos identificáveis nesse caso – honra, masculinidade, justiça -, com os fatores elencados por Ondina Fachel como os valores cultivados entre os gauchos[228], questão mencionada anteriormente. Além do réu, os jurados do primeiro julgamento também mantinham uma forte conexão com a ideia da honra masculina aplicada a esta situação. O júri do segundo julgado, embora não absolvendo o réu do crime, respondeu por unanimidade que o motivo não era frívolo e que o réu não havia cometido a agressão em superioridade de armas, podendo a vítima se defender. O que só confirma o peso destes valores como a honradez e a justiça para a sociedade da década de 1930.

Tem-se ainda o adicional de que o recinto da ocorrência abrigava também mulheres no momento, o que agrega a ideia de diferenciação na afirmação masculina, como explica Maria Izilda: "a masculinidade não é dada, é construída mediante um processo de diferenciação, no qual, longe de ser pensada como um absoluto, é relativa e reativa, à medida que se vê desestabilizada pelas mudanças da feminilidade."[229] Portanto, quando havia uma proximidade maior entre a esfera feminina e a masculina, a tendência seria um reforço, por parte dos homens, de sua masculinidade. Nesse sentido, acredita-se que a ideia de honra entre os populares da década de 1930 em Pelotas tenha bastante a ver com a mesma para os gauchos de Ondina Leal e, ao mesmo tempo, trave íntima relação com o desenvolvimento das noções de masculinidade verificadas por Maria Izilda Matos, em sua pesquisa sobre a realidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX. Ambos os contextos tratam de realidades populares em que o reforço da masculinidade está presente em todas as fases de aprendizado e situações de sociabilidade entre os homens. Conforme Ondina:

> O menino sai da esfera feminina muito cedo porque a masculinidade é algo a ser adquirido fora deste espaço. A masculinidade se tornará um projeto de vida, algo continuamente em jogo, que deve continuamente ser conquistado. [...] O ritual constante do gaucho de exibição de masculinidade e

[228] LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA.
[229] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 95.

> manipulação de símbolos de masculinidade está ligado diretamente com sua separação drástica do domínio feminino.[230]

Convém chamar a atenção para um aspecto destacado por Martha Esteves na publicação já referida sobre os populares na *belle époque* carioca, pois a autora destaca o caráter pejorativo que era difundido sobre os bailes públicos, tendo como carro-chefe desses maus hábitos – para usar um trocadilho pertinente – o carnaval. Para as mulheres, segundo Esteves, era preferível um baile de salão ao carnaval, mas ainda assim, o ideal eram bailes privados, como os observados nas residências e âmbito privado, nos casos pelotenses. A autora explica que "não convinham às mulheres honestas hábitos de fantasiar-se ou de frequentar bailes públicos. O mais aconselhável eram reuniões privadas."[231] Como visto, as possibilidades de interação noturna aumentavam nos casos em que havia um baile pela vizinhança, com o adicional de que, nesses eventos fechados, a presença de mulheres e moças eram permitidas e encorajadas, pois geralmente estariam acompanhadas de algum parente próximo.

Há um processo criminal muito interessante que revela um tanto a mais sobre as circunstâncias da presença da mulher e do contexto da dança, e sobre como essa conjuntura acirrava os ânimos masculinos e facilitava uma interpretação de qualquer circunstância com base nos códigos de honra e masculinidade que regiam esses encontros de sociabilidade. Em 15 de agosto de 1934, deu-se uma briga entre José Rufino Machado e Jayme Wetzel, por volta das 22:30, no Café João Pessoa, nas proximidades do Mercado Central - hoje parte do centro histórico e ponto turístico da cidade de Pelotas. Pela descrição do local, esse caso não deveria estar sendo analisado na categoria "brigas em bailes", mas ocorre que, dois meses antes, os indivíduos em questão haviam se "estranhado" em um baile, uma reunião dançante no Centro Português – clube local -, onde, após alguns empurrões e acotovelamentos, os dois rapazes guardaram más impressões recíprocas, mas foram dissuadidos do confronto pelas namoradas. José Rufino declarou à polícia que "terminado este incidente não deu mais importancia ao caso, porém Wetzel, continuava a dizer pelos cafés, que iria atacá-lo".[232] Esse processo mostra

---

[230] "The boy leaves the female sphere very early because maleness is something to be acquired outside of this space. Maleness will become a lifetime project, something continuously at stake, which must continuously to be conquered. […] The gaucho's constant ritual display of manliness and manipulation of symbols of manliness are directly connected with his drastic separation from the feminine domain." LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA., p. 180. Tradução livre.

[231] ESTEVES, Martha. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 53.

[232] Processo nº 218, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1934.

o quanto estas injúrias à masculinidade, principalmente em âmbito social e na presença de mulheres, não eram facilmente esquecidas e podiam transformar-se em uma inimizade e conflitos violentos.

Aspecto interessante - e brevemente comentado no Capítulo 2 – são os bailes no interior do município, os quais geralmente acabavam atraindo pessoas que, muitas vezes, não tinham muitas relações com os donos da casa, como foi o primeiro caso analisado nesta categoria. A dificuldade de acesso aos bailes na cidade e a própria ideia de que os bailes públicos eram mal vistos, são fatores que poderiam ser apontados como propulsores dessas reuniões íntimas. Porém, deve-se ter em mente que as mesmas variavam, ou seja, tem-se desde bailes com autorização das autoridades até reuniões informais, sem muita fiscalização. Houve um caso datado de dois de março de 1931, em que, após baile e "tocada" de gaita no Capão do Leão – um dos distritos do município de Pelotas à época -, Oscar Moreira dos Santos discutiu com a amásia Flora Pinheiro, pois esta desconfiava da honestidade e respeito dele para com ela na referida ocasião. A discussão, as acusações e a cachaça fizeram com que Oscar perdesse o controle, indo atrás das pessoas que tocavam com ele, transtornado, a fim de tirar satisfações, e acaba se envolvendo em uma confusão generalizada.[233]

De fato, é possível identificar essa situação com algumas representações do período acerca do hábito da cachaça, como bem mostra Maria Izilda: "o alcoólatra perdia toda a energia, noção de honra e de conduta pública, do afeto pela família e amigos, das obrigações para a sociedade, podendo caminhar para a obsessão, para o impulso criminoso, além dos males que deixava para a prole, degenerando a raça."[234] Dadas essas condições, tem-se que, não raro, a embriaguez era considerada um atenuante nas deliberações sobre a punição de um delito criminoso, contribuindo para a clemência e redução da sentença final – relação que claramente se inverteu nos dias atuais, havendo com frequência, punições mais severas no caso de verificação, no momento do crime, da presença de álcool no organismo do réu.

Maria Izilda confrontou, em sua pesquisa, o hábito popular que leva às bebidas alcoólicas com as campanhas da comunidade médica e iniciativas públicas no sentido de frear este hábito arraigado e higienizar estes homens que deveriam voltar-se para o trabalho e o cuidado da família, valores essenciais para um pleno funcionamento da lógica de mercado que se impunha nas primeiras décadas do século XX.[235] Além disso, segundo a autora, "afirmava-

[233] Processo nº 28, Caixa 373, Estante 141C, Subfundo Tribunal do Júri, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1931.
[234] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 61.
[235] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia

se que o homem do campo consumia mais álcool do que o da cidade, motivo pelo qual as campanhas não deviam se restringir aos setores urbanos, mas incorporar o campo."[236] Tal política não estava tão longe da realidade pelotense, uma vez que percebe-se na frequência dos bailes, "tocadas" e casas comerciais do interior do município, o hábito da vida noturna e dos "tragos", doses pequenas, mas contínuas de cachaça para regar as noites. Especificamente sobre o circuito dos bailes populares, pode-se acrescentar o número incomum de pessoas reunidas, a presença de mulheres e a proximidade corporal no contexto das danças como fatores que agregavam a esta sociabilidade elementos de risco, que provocavam a sensibilização da fronteira entre o convívio e o conflito social.

Como bem disse Simmel, "esse mundo da sociabilidade, o único em que é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais, é um mundo artificial, construído a partir de seres que desejam produzir exclusivamente entre si mesmos essa interação pura que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material."[237] No entanto, muitos desequilíbrios aparentemente sem muita importância poderiam afetar em grande medida a sociabilidade, principalmente no caso dos bailes populares que, justamente por não serem tão regulados quanto aqueles das elites, permitiam uma interação maior entre os frequentadores, e reações mais extremadas por parte do código de honra masculina que permeava o cotidiano noturno popular.

3.2 *A hora de acertar as contas*

Pode-se falar aqui em uma distinção, bastante conhecida, entre os contextos envolvendo o âmbito da "casa" e aqueles que tratam da "rua", conforme disse Roberto Da Matta sobre a sociologia do cotidiano brasileiro.[238] É significativo o fato, observável nos processos estudados, de que os crimes que tem como cenário a rua sempre carregam todo um sentido de justiça, essa extremamente imbuída de preceitos de cidadania, respeito e valores morais. Em suma, a rua tem uma ética específica e conhecida de todos, pois é o espaço onde todos deveriam ser tratados com a mesma impessoalidade que pressupõe o amparo da lei

---

Editora Nacional, 2001.

[236] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 37.

[237] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 70.

[238] DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

igualitarista e o testemunho dos demais perante alguma infração. Não é à toa que muitos dos casos de "acerto de contas" e desavenças são frequentemente "resolvidos" à frente das casas, em emboscadas nas estradas escuras ou na descida dos bondes. A casa, segunda Da Matta, abarca o sentido do pessoal, do próximo e familiar, por isso carregar uma ofensa ao âmbito da casa teria um significado drástico à personalidade. O espaço da rua relaciona-se com a ideia de justiça, isto é, no espaço público é possível a presença de testemunhas e avalizadores do código de honra popular. Como mostra Remedi,

> é impossível a autoproclamação da honorabilidade. Um sujeito só é honrado quando sua reputação é confirmada pelo veredito público. Por outro lado esse veredito não era eterno, a honra deveria ser reafirmada e defendida constantemente, pois poderia a qualquer momento ser colocada em risco com insultos, comentários maldosos, declarações ofensivas e humilhantes, assim que, o sujeito honrado é aquele que se defende e impõe-se aos desafios, tentativas de máculas e questionamentos à sua conduta.[239]

É válido salientar que a honra constituía boa parte desse código de conduta popular, principalmente relacionada à masculinidade e à família, no entanto, outros elementos pautavam o cotidiano desses grupos sociais. A liberdade, a igualdade e o respeito podem ser elencados como valores complementares nesse cenário, bem como o trabalho, que realmente já dava mostras de grande influência nas justificativas, princípios e noções de comportamento valorizadas pelas classes populares. Com isso, queremos dizer que, embora a honra estivesse no cerne das relações sociais e do próprio processo de identificação dos indivíduos das classes populares, não estamos isolando-a enquanto componente único desse caráter, sob o risco da mesma perder sua solidez. José Remedi alerta para este perigo: "a própria noção de honra é uma categoria que por vezes parece ser tão ampla que impossibilitaria apreendermos seus significados, restando a impressão de que honra pode conter o todo cultural, a base do desvendamento da sociabilidade, logo, o que tudo contém está vazio."[240]

A vingança, característica dos acertos de contas aqui mencionados, era um dos aspectos ao qual a fonte de Remedi – os romances de Caldre e Fião no século XIX – se referia enquanto hábitos indesejáveis da cultura sul-rio-grandense. O autor encontra trechos dos romances em que a vingança era assinalada pelo médico e jornalista do século XIX como um

---

[239] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 11.

[240] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 18.

dos costumes a ser expurgado da conduta dos gaúchos, a fim de que esses fossem vistos como homens de conduta civilizada e respeitável perante a corte. Para Remedi,

> este é o ponto de inflexão do conceito de honra de Caldre e Fião e na militância pela mudança da cultura da província sulista; não quer uma honra guerreira e bárbara, para ele é necessário que os conterrâneos tomem consciência de valores maiores que o código "tradicionário". Muito embora, ele defenda a superioridade do homem sul-rio-grandense frente as futilidades correntes na corte imperial, não aceita que sobre uma base que em principio é sadia, não se construa uma "civilização" em termos iluministas.[241]

Neste ponto destacado por Caldre e Fião está a ramificação que a ideia de honra abarcaria ao ser apropriada de diferentes formas pela cultura de elite e o costume popular. A ideia de honorabilidade para os setores mais abastados da sociedade carregaria consigo noções bem quistas de civilidade e comportamento social, ao passo que a honra no sentido que a cultivaram as classes populares remete à imposição do respeito através da força, do reconhecimento de seus pares e da divisão nítida entre os papeis masculino e feminino. O vício enraizado da vingança encontra considerável apelo também entre a cultura popular de outras regiões do território nacional, a ponto de haver o uso da expressão "código do sertão" ao abordar a legitimação da vingança privada no país. Segundo Monsma, "no Brasil, a violência privada dos poderosos nunca foi eliminada pelo Estado, e o "código do sertão", que legitima a vingança privada por ofensas, continua a imperar em algumas camadas sociais."[242]

De fato, não se pode afirmar que a vingança privada somente continua a existir entre as classes populares, pois certamente verifica-se outros tipos de acertos de contas Brasil afora. Contudo, essas características abordadas, ligadas à vida noturna, aos hábitos boêmios e aos espaços de sociabilidade popular nas noites pelotenses da década de 1930, apresentavam esses contornos, e uniam honra, masculinidade e respeito no cotidiano de pessoas muitas vezes desprovidas de outro respaldo. Sidney Chalhoub explica:

> (…) o homem despossuído constrói sua identidade social a partir do que faz, e não, obviamente, a partir do que tem, pois, por definição, ele nada ou pouco tem. Sendo assim, para ele, ser é fazer, e não possuir. Por isso, a ideologia machista como reconstrução dos despossuídos reveste-se de todo um sentido de ação, de normas do agir na comunidade social.[243]

---

[241] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 203.

[242] MONSMA, Karl. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história e cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005, p. 25.

[243] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle*

As ruas, à noite, abarcavam essas possibilidades de encontro e conflito e tanto possibilitavam reuniões de amigos ao acaso, como propiciavam o enfrentamento entre aquele que caluniou, roubou ou injustiçou, de alguma forma, no passado, e o ofendido na questão. Os dois se reconhecem, no espaço público noturno e a troca de olhares é suficiente para que os contendores saibam que ali mesmo terão de acertar as contas. Nesses casos, é comum que o ofendido busque com mais frieza a resolução da questão, às vezes de maneira fatídica. Conforme Moura,

> a rua foi um local importante para compreendermos tais relações sociais na cidade. Destacamos que enxergamos a rua como um espaço complementar dos lugares que observamos em nosso texto, onde se poderia acontecer trocas culturais importantes para os debates nos espaços de sociabilidade.[244]

É evidente a concordância das análises aqui observadas com o trecho de Moura acima citado, mas sabe-se que, dentre essas trocas culturais importantes, estão afirmações identitárias que culminavam em violência. Tem-se um caso muito impactante de um desses fatais encontros no espaço público, ocorrido na noite de catorze de maio de 1932, por volta das 19:40 horas, quando Odorico Castilho saía do restaurante A Bohemia, na rua Sete de Setembro, com o intuito de dobrar à rua Félix da Cunha e, na esquina do Café Nacional encontrou-se com Silvino Dias de Oliveira. Após alguns minutos de altercações, foram separados por terceiros, no entanto, retornaram ambos em seguida ao mesmo local, Odorico sacou de um revólver e Silvino, entrando no Café por uma das portas da rua Sete de Setembro, abrigou-se no interior "do salão [do café], que no momento se achava repleto de pessôas."[245] Porém, Odorico o seguiu e, com a mão esquerda agarrou Silvino enquanto a direita disparava tiros de revólver contra este, à queima-roupa e na presença de todos.

Tal ocorrência traz novamente a ideia de que os acertos de contas e a retratação, a defesa da honra, dependiam, em uma proporção considerável, do testemunho de outras pessoas. Talvez nem todas compreendessem, a princípio, do que se tratava a contenda, mas logo depois todos tinham suas ideias a respeito e sua opinião acerca dos fatos. Percebe-se essa característica no processo já mencionado que trata da agressão de João Gauterio ao ébrio

---

époque. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 326.

[244] MOURA, Carlos André Silva de. Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana (1920-1937). *Resgate*, vol. XX, nº 23, jan-jun 2012, p. 100.

[245] Processo nº 314, Caixa 189, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.

Demétrio, nas imediações do Colégio São José. No testemunho de Luiz Gonzaga dos Santos Bandeira, transeunte que socorreu o acusado, ele destaca que "correu a esquina, onde se achava um grupo de curiosos comentando o facto" e perguntou onde havia um telefone para chamar a Assistência, pois "elles do grupo, não prestaram caso, apesar do offendido haver passado por gemendo e agarrando a barriga".[246] Chalhoub destaca este momento imediatamente pós-conflito não só como a assimilação do conflito em si, mas também enquanto uma reorganização do grupo ou microgrupo sociocultural, ou a reafirmação de suas identificações. No entanto, apesar destas profícuas observações e falatórios, pode-se afirmar que, entre as classes populares, havia certo receio em levar suas versões a um depoimento oficial. Na delegacia, frequentemente esses testemunhos se transformavam em imagens vagas e incertas a respeito do ocorrido e seus autores.

Conforme Chalhoub, "era comum tentar escapar de todas as formas ao inconveniente de ter de ir prestar declarações sobre uma ocorrência na delegacia. […] Fica-se com a impressão, na verdade, de que a polícia tem muitas vezes de levar as testemunhas para a delegacia praticamente presas junto com o acusado."[247] Tal relutância está diretamente ligada ao fato de que, aos populares, faria mais sentido resolver a questão sem a mediação do aparato policial, do que dependendo do controle e julgamento de terceiros, os quais quase sempre desqualificavam os valores e conflitos desses homens. Por não compreender, por ter de seguir uma outra lógica – a da repressão e enquadramento desses costumes populares na lei "civilizada" - ou por sequer chegar a saber dos reais motivos e circunstâncias do acontecido – uma vez que os próprios envolvidos, não raro, pareciam "mascarar" e "disfarçar" as reais causas[248] -, o sistema repressor e jurídico permanecia distante das implicações sociais no interior destes conflitos. A interpretação, por parte da justiça, das desavenças e brigas da classe popular enquanto desentendimentos por razões "fúteis"[249] só serviam para confirmar o abismo entre essas visões de mundo, uma vez que, no interior de um conflito popular, é possível perceber uma escalada de tensões e significados que traziam consigo toda a

[246] Processo nº 208, Caixa 177, Est. 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[247] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 281.
[248] Como exemplos, nesta pesquisa podemos remeter a inúmeros processos em que os depoentes alegam não lembrar e, mais significativamente, processos em que os depoentes alegam ferimentos acidentais, expostos anteriormente no subcapítulo 2.2.2. Há também os depoentes que afirmam, no momento do conflito, não haverem reparado, pois prestavam "atenção à música que vinha do gramofone". Processo nº 1568, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.
[249] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

sustentação do pobre perante seu círculo social.

Pode-se mencionar os acontecimentos de uma específica noite de maio de 1933, em que Ottilio Fuchi seria vingado. Devido à divergências sobre futebol, aquela ofensa não ficaria barato. Seu pai e seus irmãos esperariam os contendores ao final da linha dos bondes, no bairro Três Vendas, e equilibrariam as coisas.[250] No entanto, verifica-se ao longo das investigações policiais que as rixas de Foot-Ball foram a tática da acusação para desqualificar o ocorrido. Na verdade, provou-se que os agredidos, João Lopes Cardozo e Geraldo de Jesus Cardozo, estavam agredindo Ottilio Fuchi no fim da linha dos bondes, e haviam tido sucesso em desarmá-lo do revólver que portava. O pai e o irmão do mesmo, Alfredo e Ildefonso Fuchi, respectivamente, foram avisados da agressão em andamento e correram ao socorro de Ottilio munidos de um pedaço de "bambu" e uma adaga.

> Os dois denunciados, Alfredo e Ildefonso, chegando ao local do fato, deparam com João Lopes Cardozo e Geraldo de Jesus Cardozo, agredindo a Otilio, gritam com eles, eles ao em vez de cessar a agressão empenham-se em luta com os recem-vindos, sendo que João Lopes Cardozo, não larga a Otilio, em virtude disso seu pae usa de uma adaga que trazia e assim consegue fazer com que João Lopes Cardozo cesse a agressão. Os denunciados de modo algum pela hora e local em que se deu o conflito podiam invocar e recber socorro da autoridade publica, pois o fato como se viu se deu num logar ermo e pouco povoado e onde nunca se encontra um policial ou uma autoridade publica.[251]

Os réus conseguem provar a legítima defesa e foram absolvidos. Esse caso é bastante esclarecedor tanto no concernente ao espaço urbano em crescimento e as carências sociais das populações periféricas, quanto para as discussões a respeito da honra. Na pesquisa de Remedi, ele destaca que "se para o jovem é ponto de honra responder aos insultos com a briga, com a resposta violenta e imediata, ao chefe de família cabe refletir se este ato é absolutamente necessário. Porque ele deve levar em consideração o que acontecerá a sua família se o matarem ou prenderem."[252] Ora, no caso em questão, vemos um pai unir-se aos filhos em uma agressão, mas não sem utilizar no discurso da posterior defesa judicial, o argumento da ponderação e da tentativa de resolver a questão sem agressão física – ênfase para o trecho "gritam com eles" -, bem como fazem uso da alegação da desproteção policial enquanto

[250] Processo nº 211, cx. 177, Est. 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[251] Processo nº 211, cx. 177, Est. 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.
[252] REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 193.

fatores que confirmariam a impossibilidade de outra solução.

A preservação da honra dentro desses circuitos de sociabilidade popular, não raro possuía um peso maior do que enfrentar problemas com a justiça, conforme o também percebido no caso - comentado no item 2.2.2 - , da briga entre Waldemar e Lerio em frente ao baile no Areal. Ao perceber a iminência de uma agressão, quando Lerio reage à provocação verbal, Waldemar, golpeando Lerio com rapidez, demonstrava aos presentes que não fugia da briga e, ao permanecer no local, assumindo a responsabilidade do ato, revela o domínio e a aceitação de seus atos: "apoz o facto Waldemar declarou aos presentes que ia apresentar-se a policia, o que faz, apresentando-se ao sub-prefeito deste districto, que providenciou em mandar Lerio para a Santa Casa, fazendo apresentar Waldemar ao Cap. Delegado de Policia."[253]

A rua, onde o que é válido deve ser válido para todos, estabelece a reciprocidade enquanto valor fundamental, como bem mostra o caso do desentendimento entre um soldado da Brigada Militar e o motorneiro da Light and Power, responsável pelo bonde à hora do ocorrido. O ano era o mesmo, 1933, mas a noite era mais quente, e assim estavam também os ânimos... Vinte e cinco de janeiro, próximo das oito horas da noite, quando o soldado pediu ao motorneiro que parasse o bonde em local proibido. Como este recusasse, pois não era local estipulado às paradas, o soldado em questão puxou a alavanca que trava o veículo, desencadeando protestos e o conflito, que foi parar na delegacia.[254] Essa questão envolve claramente a noção de humilhação, quando alguém que se presume estar em pé de igualdade com os demais – ou mesmo em caráter superior ou de coordenação[255] -, é surpreendido por atitudes que trazem à tona o não-reconhecimento da igualdade ou superioridade na situação[256], como foi o caso do comportamento do soldado perante o motorneiro responsável pelo bonde.

Com base em todos esses exemplos e explicações analisadas, creio que pode-se

---

[253] Processo nº 206, cx. 177, Est. 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1932.

[254] Processo nº 1528, cx. 76, est. 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

[255] Sobre este ponto, pode-se traçar um paralelo pertinente entre o presente caso do desrespeito do soldado perante à posição do motorneiro do bonde, com um aspecto percebido por Maira Schmitz na análise dos trabalhadores da Estação Férrea em fins do século XIX. A pesquisadora encontra uma honra profissional peculiar entre os empregados nos trens, a qual abalava as hierarquias sociais baseadas no poder da propriedade e da autoridade oficial, uma vez que, naquele espaço social, os trabalhadores eram a autoridade a ser respeitada. (SCHMITZ, Maira. *Nas asas do vapor... Construção do espaço ferroviário em Pelotas/RS (fim do séc. XIX – início do séc. XX).* 2013. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.)

[256] MONSMA, Karl. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história e cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

considerar os acertos de contas e seu sistema de defesa da honra enquanto parte constituinte dos códigos que balizavam a conduta das classes populares pelotenses nos contextos de sociabilidade noturna da década de 1930. Embora o trabalho com as fontes criminais seja permeado de cuidados no tocante às relações com a cultura popular, de fato é possível "pescar" nas entrelinhas dessas narrativas todo um universo de associações e referências ao cotidiano desses homens do passado. Conforme a pertinente afirmação de Chalhoub,

> é possível construir explicações válidas do social exatamente a partir das versões conflitantes apresentadas por diversos agentes sociais, ou talvez, ainda mais enfaticamente, só porque existem versões ou leituras divergentes sobre as "coisas" ou "fatos" é que se torna possível ao historiador ter acesso às lutas e contradições inerentes a qualquer realidade social.[257]

Resta o questionamento, se essas realidades de desqualificações dos costumes ligados à cultura popular, noites de defesa da honra e do respeito, noites de luta pelo direito de ser quem se é e de recusa a rótulos e estereótipos, se estas noites ficaram mesmo no passado ou se ainda hoje se luta pelos preceitos de igualdade no convívio social. Talvez a honra, hoje, seja uma palavra antiga que não se usa mais, mas isto não significa que ela não esteja muito presente em nosso sistema simbólico, principalmente em dias e noites nos quais os julgamentos chegam ainda antes do conflito.

3.3 *Conversa de botequim*

Nas ruas do centro, estradas e periferias, ao lado das fábricas e oficinas, junto ao armazém da esquina, pode-se topar com um "kiosque", uma venda ou botequim em cada recanto da cidade. Esses misturam em suas prateleiras gêneros alimentícios, utilitários domésticos e a tradicional "cachacinha", parte indispensável das noites populares. Pretendemos discorrer, nessa seção, sobre como esse espaço de sociabilidade transformou-se em símbolo e ritual cotidiano das classes populares. As mulheres – conforme observado no Capítulo 2 -, não eram percebidas no contexto noturno desses lugares, quando a apropriação era predominantemente masculina. No entanto, na busca por suprimentos e víveres necessários ao trabalho ou ao âmbito doméstico de suas casas, elas tinham no armazém também um ponto diário de sociabilidade, necessário e mantenedor de suas identificações no

[257] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 40.

interior do grupo social. Pelo menos desde o século XIX pode-se identificar a presença e a característica desses pequenos estabelecimentos, em que se comercializavam alguns suprimentos básicos e, à noite, reuniam-se homens nos balcões, a conversar e beber, prostitutas em busca de clientes e demais agentes sociais em busca de um espaço para suas expressões culturais e desabafos cotidianos. Conforme Costa,

> não é preciso muita interpretação para perceber que taberna era sinônimo de vagabundagem, barbárie, desvario. Era nela que secretamente homens sociabilizavam suas vidas; que escravos, mesmo sendo proibidos, tocavam seus batuques e faziam suas danças; que as prostitutas freqüentavam; enfim, que as trocas culturais aconteciam de uma forma muito particular, pois a escuridão da noite dificultava a plena vigilância. Burlar a lei, fugir dos olhos dos seus senhores, conversar, beber, eram possibilidades oferecidas por estes estabelecimentos.[258]

No entanto, sobre esta afirmação é necessário esclarecer que, para as prostitutas, o botequim estava relacionado à rotina de trabalho e sobrevivência, aspectos que distanciavam a sua percepção e papel nessa sociabilidade, da visão e participação masculinas, enfoque nesta fase do trabalho. Neste subcapítulo, visa-se perceber as implicações noturnas da sociabilidade dos botequins, a qual traz essencialmente aspectos que dizem respeito à masculinidade e ao convívio social entre homens. Na visão das classes abastadas e autoridades das primeiras décadas do século XX, esses espaços não eram vistos com bons olhos, como revela a pesquisa de Maria Izilda Matos:

> O processo de urbanização e industrialização criava a necessidade de diferenciar espaços, cristalizando divisões cada vez mais claras no urbano. O controle social passou a atingir diferentes esferas do cotidiano, em particular das camadas populares, tendia-se a ordenar as situações de trabalho e de lazer, crescendo a vigilância sobre os espaços de lazer popular como o botequim, território majoritariamente masculino, no qual, em momentos de descanso, a conversa informal brotava em torno do balcão ou da mesa, tomando alguma bebida, café, cachaça ou cerveja. O discurso médico acompanhou tais mudanças, apresentando o bar, cabaré e botequim, em contraposição à fábrica, à oficina e ao escritório, espaços do trabalho, e ao espaço do lar. Considerava-se que esses espaços de lazer encorajavam a indisciplina e libertinagem, neles se misturavam sociabilidade, violência, prazer e desordem, causando problemas no trabalho e a ruína doméstica.[259]

---

[258] COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX).* 2004. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, p. 33.

[259] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 75.

Um dos elementos dessa típica sociabilidade masculina, a conversa, mencionada no trecho acima, pode ser particularmente analisada nesses contextos, pois tem uma dinâmica significativa no desenrolar da sociabilidade noturna dos botecos. A conversa, na sociabilidade, tem como seu fim o entretenimento e a ligação dos indivíduos ao momento do convívio social, servindo para manter os preceitos e protocolos em jogo, sem que se rompa o artifício igualitário desses espaços. Assim, o assunto não é o que realmente importa, desde que se sigam os modelos de interações socialmente aceitos, pois, como alega Georg Simmel, a conversa é a miniatura do ideal de sociedade, portanto, abriga em seu desenrolar as aproximações e dilemas aos quais correspondem determinadas posturas de parte dos interlocutores. Em destaque o trecho explicativo abaixo:

> Na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo do discurso enquanto tal. Todas as formas pelas quais essa troca se realiza - como o conflito e o apelo a ambas as partes para que atendam às normas reconhecidas, o acordo de amizade por meio do compromisso e a descoberta de convicções comuns, o acolhimento de bom grado do que é novo e a recusa daquilo sobre o qual não se pode esperar nenhum entendimento -, todas essas formas de interação da conversa, que de resto estão a serviço de inúmeros assuntos e finalidades das relações humanas, têm aqui seu significado em si mesmas, quer dizer, no estímulo do jogo da relação que elas estabelecem entre indivíduos que se unem ou se separam, que vencem ou subjugam-se, recebem ou dão.[260]

Assim como a conversa, nesses espaços de sociabilidade, tem um fim em si mesma, ou seja, não tem o intuito de levar a algum lugar se não à própria sociabilidade a que esta se insere, o jogo a dinheiro, nesses circuitos, também não carrega o objetivo exclusivo de se ganhar dinheiro, mas sim, permanecer, coletivamente, à mercê lúdica dos dados e do acaso das cartas e apostas. É significativo notar que quase todos os botequins mencionados nos processos dispunham de uma sala nos fundos, ou algum recinto reservado para essas práticas. Apesar de não serem poucos os casos de brigas nos botequins que apresentam alguma menção ao jogo[261], verifica-se apenas um processo de ocorrência noturna em que a polícia comparece ao clube "Fica Ahi" para coibir a prática dos jogos e apostas a dinheiro.[262] É bastante provável que o jogo se constituísse, na sociedade das primeiras décadas do século XX, como a

---

[260] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 75.

[261] Alguns chegam a tratar de casos de assassinato após desentendimentos no jogo, como é o caso do processo nº 1582, Caixa 80, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1937.

[262] Processo nº 1612, Caixa 83, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.

prostituição, como a definiu Luiz Carlos Soares[263] – conforme referência exposta no Capítulo 1 -, ou seja, uma parte da noite a ser controlada, vigiada, mas não efetivamente eliminada.

Não por acaso, a metáfora do jogo é escolhida por Simmel para explicar as atuações e protocolos identificáveis na sociabilidade. O jogo social, como exprime o autor, abrange estas miniaturas da vida em sociedade, em que, libertos dos pesos, da hierarquia e da responsabilidade do mundo externo, todos atuam em uma espécie de leveza suspensa, uma pretensa igualdade de posições típica da sociabilidade. No entanto, sabe-se que, eventualmente, a conversa ou o jogo são levadas a sério, e acabam por trazer à tona fundamentações de verdade baseadas no mundo material, quebrando o encanto deste frágil equilíbrio.

Perceber o quanto estes circuitos noturnos de sociabilidade nos bares e botequins configuram rituais cotidianos é fundamental para bem situar as noites boêmias no cotidiano do brasileiro. De acordo com Da Matta, é possível afirmar que "as posições sociais ocupadas no quotidiano são neutralizadas ou invertidas: os rituais populares são ritos que objetivam o encontro, não a separação."[264] Ainda que as noites de Pelotas sob o olhar aqui observado desnudem uma série de componentes de desagregação no interior dessas sociabilidades, estamos, sim, falando de rituais populares de identificação. Sidney Chalhoub, há quase trinta anos, já atentava para a importância do espaço social do botequim para o estudo das classes populares, e conclui, aqui, este raciocínio:

> Com efeito, a venda ou botequim é cenário para o surgimento e desenrolar de rixas e conflitos pelos mais variados motivos, desde os problemas ligados ao trabalho e habitação, passando pelas questões de amor e de relações entre vizinhos, até as contendas por motivos mais especificamente ligados ao lazer, como os jogos, o carnaval ou a bebida.[265]

O hábito do botequim ao fim do dia não só representa uma característica essencial do cotidiano dos trabalhadores brasileiros, como é presente também nas análises sobre a vida cultural noturna pelotense, ainda que essa região adquira um outro contorno favorável ao trago de cachaça, tendo em vista as baixas temperaturas no inverno. Em trabalho anterior, pesquisa que permeou o contexto das serestas nas décadas de 60 e 70 do século passado em

---

[263] SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et. al (orgs.). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

[264] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 47.

[265] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 312.

Pelotas, foram desenvolvidas entrevistas com os músicos e em relatos orais, percebeu-se o quanto essa característica está arraigada por décadas a fio entre esses circuitos boêmios: "peguei muita gripe com serenata... (risos) Ah, é, porque era inverno e verão e no inverno era brabo. É que pra aquecer, a gente tinha que tomar uns 'traguinhos'... Aí tomava demais, aquecia demais e já não tocava nada."[266]

O trabalho de José Cantor Magnani vai ao encontro dessa afirmação com as observações sobre o lazer dos populares nas periferias de São Paulo na década de 1970, século XX. O autor também encontra conservado o rito de passagem do botequim como configuração essencial da aceitação masculina entre os populares das grandes cidades – e vivenciou tal episódio como um divisor de águas para sua completa inserção no campo -, mas enfatiza que os tragos, ou *més*, na linguagem dos "nativos", tem mais valor simbólico para a irmandade do "pedaço" do que o valor funcional de alcoolizar-se:

> Os bares [...] costumam ser frequentados exclusivamente por homens que se encontram para "tomar um mé" depois do trabalho ou nos fins de semana. Só no núcleo de Três Corações e suas proximidades pude contar, aproximadamente, uns quinze bares, quase todos com sinuca, alguns com baralho e dominó nos fundos. Isso não significa que a população da vila seja viciada e alcoólatra: o "mé", a sinuca, o dominó e o carteado são antes de mais nada ocasiões de encontro dos diferentes grupos de coleguismo e vizinhança. Basta lembrar o "ritual de reconhecimento e aceitação para compreender a importância desses encontros para o estabelecimento e reforço das relações grupais.[267]

É interessante continuar a reflexão sobre o ritual do botequim para o trabalhador do início do século passado tomando-se como base alguns pensamentos de Da Matta acerca da rotina dos brasileiros. O autor propõe o estudo das dinâmicas brasileiras por meio das "relações entre seus momentos mais importantes: o mundo quotidiano e as festas; a rotina e o ritual; a vida e o sonho; a personagem real e a paradigmática"[268]. O momento em que os indivíduos, diante das pressões externas do ambiente humano, desenvolvem respostas coletivas, que acabam permitindo condições para que se criem laços de identificação comuns. O autor explica melhor:

---

[266] AVENDANO JR. apud. CARVALHO, Thaís de Freitas. *Um lugar chamado Liberdade: música, tradição e boemia em Pelotas.* 2010. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, p. 41.

[267] MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 143.

[268] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 30.

> Não há sociedade sem uma ideia de um mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde , em geral, a vida transcorre num plano de plenitude, abastança e liberdade. Montar o ritual é, portanto, abrir-se para esse mundo, dando-lhe uma realidade, criando um espaço para ele e abrindo as portas da comunicação entre o "mundo real" e o mundo especial.[269]

Para acompanhar a linha de raciocínio que levou a tais associações, é necessário saber que Da Matta retrata o carnaval brasileiro como um ritual capaz de proporcionar a *inversão* das lógicas de dominação vigentes na sociedade, juntar o que normalmente é rigidamente separado, suspender segregações e distinções em outros momentos essenciais para explicar e continuar o funcionamento do sistema. Na presente pesquisa, ficou clara a importância dos hábitos noturnos da boemia e do botequim para a cultura popular brasileira. Tão claro está, que é possível, sem dúvida, propor que esse hábito cotidiano foi elevado, ao longo das décadas, ao estatuto de ritual. Em alguns períodos mais condenado, em outros, vigiado, mas o ritual notívago de diversão, camaradagem e prazer perpetua-se através do tempo, e agrega pessoas de diversos setores sociais ao redor de um mesmo ideal de lazer, descanso e domínio sobre as próprias escolhas. "Nesse sentido, o ritual é algo plenamente compatível com o mundo da vida diária e os elementos do mundo diário são os mesmos elementos do ritual."[270]

Portanto, não se quer dizer aqui que o ritual boêmio é âmbito de inversão de *status* sociais ou de comunhão entre as classes, mas sim, que o mesmo significa um momento do dia em que as aspirações de igualdade, bem-estar e lazer, independente de quaisquer classificações, salientam-se. A noite da boemia é o momento do dia em que os desejos de cumplicidade e solidariedade entre os indivíduos ficam mais evidentes, e é precisamente ao quebrar essa sensível ideia de irmandade noturna que ocorrem os conflitos.

É notável perceber o quão frágeis são essas bases, pois, muitas vezes, percebem-se conflitos no botequim provocados por simples menções que trazem à tona diferenciações sociais do "mundo real", como diz Da Matta.[271] No caso do crime no Restaurante Guido, localizado no centro da cidade, temos uma situação exemplar, em que inúmeras referências a diferenças étnicas e sociais são abordadas no bar, culminando com agressões e a expulsão de um de seus frequentadores. Mário José da Cunha sentou-se e bebia sozinho em uma mesa do

---

[269] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 32.
[270] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 55.
[271] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

bar. O dono do bar, Guido Brughski, e alguns amigos de ascendência alemã, Dr. Carlos Hofmann (cirurgião dentista) e Alberto Heilsmann, bebiam e conversavam, em alemão, na mesa ao lado. Tal segregação de parte destes últimos, expressa pelo uso de um idioma incompreensível por Mário, e pelo fato de não se haver cumprido com os rituais dessa sociabilidade, como a conversa, a aproximação e o caráter agregador, fez com que se criasse uma animosidade no ambiente e, mesmo após o convite para o jogo, manteve uma tensão no ambiente, em que Mário, possivelmente, permanecia com a impressão anterior de ter sido, de certa forma, discriminado pelos demais. Devido a desacordos no jogo, Mário acabou agredindo um dos alemães amigos de Guido, e este o expulsou de seu estabelecimento. Mário, tendo sua honra ofendida, muniu-se de uma faca e retornou às imediações do bar, onde se pôs a esperar, pacientemente, até que o Restaurante reabrisse. Por volta do meio-dia, na manhã seguinte, Mário caminhou até o bar e pediu para falar com Guido e, quando este apareceu, Mário desferiu inúmeros golpes neste, ferindo-o substancialmente, e levando-o a óbito.[272]

O pesquisador Karl Monsma atenta para as diferenciações étnicas entre europeus e negros no oeste paulista, e encontra significações importantes para as relações entre estes grupos, pois suas visões de hierarquia não baseavam-se nos mesmos preceitos. Enquanto os negros consideravam as escalas profissionais, baseadas nas chefias e cargos subordinados e presumiam, em situações no espaço público, que todos estivessem em posição de igualdade, os europeus tinham tendência a relacionar a cor da pele como o marco das relações de subordinação. Conforme Monsma, estes "tendiam a perceber a cor como um esquema matriz de categorização, prevalecendo sobre todos os outros, e de enfatizar suas associações hierárquicas, ligando a pele escura com características negativas como estupidez, paganismo, preguiça ou alcoolismo."[273] Talvez, tomando-se esta lógica para o caso em questão, Mário não fosse "suficientemente branco" para ser previamente respeitado e valorizado entre os presentes no bar, embora na descrição da ocorrência a cor de sua pele não seja especificada. No entanto, sabe-se que, mesmo entre a comunidade negra e mulata, havia, sim, distinções de cor, ou seja, não é correto presumir que na etnia negra presente na cidade de Pelotas, todos fossem iguais e não houvesse classificações internas entre negros, mulatos e pardos, pois haviam assimilações das diferenciações com base no status e comportamento, como o observado em relação às regras de conduta e vestimenta presentes em alguns clubes e associações das primeiras décadas do século XX (ver Capítulo 1).

---

[272] Processo nº 1646, Caixa 84, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, (APERS), 1933.
[273] MONSMA, Karl. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. *História em revista*, vol. 10, dez 2004, (sem paginação).

De fato, na situação analisada sobre a noite de dezesseis de setembro de 1933 no Restaurante Guido, parece que a diferenciação social teve papel muito mais significativo, no momento em que os presentes no bar não cumpriram com o ritual da sociabilidade boêmia, de camaradagem e respeito mútuo, de observação e atuação no jogo social, e acabaram por ferir sensivelmente o princípio de irmandade que deve prevalecer nestes espaços tão importantes da socialização masculina.

Nesse sentido, partindo dos pressupostos teóricos de Da Matta, percebe-se na presente pesquisa, os hábitos noturnos populares, ou, a noite da boemia, como "o momento extraordinário que permite […] colocar em foco um aspecto da realidade e, por meio disso, mudar seu significado quotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado".[274] O simples ato de partilhar relatos, contos, piadas, uma mesa de bar ou de jogo, tocar e cantar músicas, significa, neste universo, participar de um reduto de sociabilidade e solidariedade no qual deve prevalecer o sentimento de igualdade entre os homens. Porém, é necessário atentar para as outras formas de distinções criadas a partir da convivência e do véu de igualdade inicial. Como destaca Jardim,

> do ponto de vista dos homens que frequentam os butecos, o reconhecimento de uma igualdade entre os frequentadores não elimina a possibilidade de diferenças e hierarquias nas relações; pelo contrário, possibilita que essas hierarquias estejam em jogo durante as interações. É ali, mesmo através do reconhecimento entre as distâncias e distinções, que se estabelecem cumplicidades entre os homens. Do ponto de vista de um sistema baseado na honra, e coerente com ele, os participantes destas conversas nos butecos devem se reconhecer como iguais para participar dos eventos, o que não significa que suas posições não estejam sendo demarcadas durante as conversas. É a honra e a posição conquistada frente aos outros, o que está sendo disputado.[275]

Como se o ritual boêmio do bar ou botequim fosse um espaço privilegiado no qual, apesar de reunir diferentes indivíduos, com diferentes opiniões, rotinas e visões de mundo, o ritual noturno de ouvir, contar e compartilhar momentos, angústias e alegrias (além de alguns brindes) tivesse a capacidade de recriar posições, qualificações e distinções entre seus participantes. Ao uni-los em torno das mesmas imposições – a lógica moderna e industrial do

---

[274] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 30.

[275] JARDIM, Denise Fagundes. *De Bar em Bar: Identidade Masculina e Auto-segregação entre Homens de Classes Populares.* 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 92. É pertinente destacar a grafia da palavra boteco, preferida pela autora como "buteco", no intuito de aproximar a expressão da linguagem coloquial.

trabalho, da regulação nos hábitos e nos comportamentos, as pressões do provimento familiar e da relação marital, etc. -, o ritual masculino da recompensa por mais um dia árduo de labuta ressignificava as relações entre os homens. Segundo Matos, uma referência encontrada nas músicas populares foi a de que

> o homem devia priorizar a amizade de outros homens. Assim, o masculino tinha espaços – o bar – e valores compartilhados. A solidariedade masculina era uma sentimento explicitamente positivo, em detrimento das relações com as mulheres, marcadas pela divergência, falsidade e dor, sendo o bar identificado como um espaço de fuga às cobranças e pressões do lar, ou seja, da mulher.[276]

Assim, ao buscar os códigos de uma sociabilidade boêmia, propõe-se, ao mesmo tempo, um mergulho no cerne de uma tradição brasileira de rituais noturnos de camaradagem, mas que não exclui as configurações complexas envolvendo distinções sociais e relações de gênero. É preciso um olhar atento para os códigos que permeiam o mundo da noite, para que se possa a dialogar entre o âmbito local e o nacional sem perder as sutilezas desse momento único do cotidiano popular. Para tanto, é preciso enxergar o cotidiano como momento pleno de carga simbólica e significações profundas na identidade social das classes populares. Nas palavras de Da Matta, constata-se que

> o estudo dos rituais não seria um modo de procurar as essências de um momento especial e qualitativamente diferente, mas uma maneira de estudar como elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário.[277]

Nesse sentido, busca-se compreender o *habitus* que cercava este grupo social não com o intuito de enquadrar todas as ações internas enquanto dependentes de um sistema predeterminado, mas sim, com o objetivo de entender as escolhas e associações desse grupo social em seu convívio e situações de sociabilidade noturna. Afinal, por tudo já discorrido aqui sobre a cultura popular e, principalmente, baseando-se nos casos reveladores de estratégias e valores típicos dos populares de Pelotas, é possível perceber estes atores sociais enquanto participantes de "formas sociais próprias e independentes, mesmo que forjadas continuamente, na verdade, pela dialética entre os projetos ou modelos culturais feitos para

---

[276] MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 83.
[277] DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, p. 60.

ela e aqueles engendrados a partir de sua prática real de vida."[278]

É notável e necessário reforçar a característica da cidade de Pelotas, principalmente no período estudado, ao acolher uma gama considerável de habitantes advindos dos meios rurais em busca de melhores oportunidades. O que faltou mencionar é a característica dessas pessoas ao chegarem na cidade. É considerável que esses contingentes, especialmente a parcela do sexo masculino, encontrava oportunidades de emprego e colocações nos postos do exército e frequentemente eram localizados em empregos em bares e/ou fazendo parte do universo noturno.

O escritor Paulo César Teixeira, ao entrevistar participantes do circuito boêmio da década de 1970 conhecido como Esquina Maldita, em Porto Alegre, encontra garçons e proprietários de bares advindos da zona rural de Pelotas e referências à sociabilidade desta cidade, como um bar chamado Bar Pelotense.[279] Acredita-se que haja uma conexão entre esta tradição boêmia e a ideia encontrada por Maria Izilda Matos – já mencionada neste capítulo -, de que o homem do campo consumia mais álcool do que o da cidade. De fato, em uma cidade onde grande parte do contingente populacional das classes populares advinha do campo e onde o ritual dos botequins ao fim do dia era compartilhado principalmente por este setor social, pode-se afirmar que essa ideia não estava assim tão longe da realidade pelotense da década de 1930... No entanto, não refere-se, no presente estudo, à nova realidade do migrante enquanto uma via de mão única, em que este é continuamente forjado pelos hábitos urbanos, mas sim, "o migrante como um ator social, num sentido, destribalizado (ao tomar posição numa estrutura urbana de relações sociais) e, noutro, desurbanizado (ao retomar continuamente o sistema rural (tribal) e seu jogo de regras)."[280] Adaptando este trecho à realidade pelotense analisada, são agora compreensíveis os meandros que permitiram à cidade permanecer, tanto com uma aspiração cosmopolita, quanto com um jeito provinciano de viver, ou seja, percebe-se a confluência de lógicas da modernidade, provenientes de seus vínculos com o Rio de Janeiro, o exterior e os países platinos, e, ao mesmo tempo, a sobrevivência de valores ligados a um passado rural, de honras e costumes antigos.

Esse caráter atribuído aqui à cidade de Pelotas emprestava aos seus boêmios da década de 1930, uma heterogeneidade de valores e sentimentos, os quais acabavam por produzir, muito facilmente, conflitos nos encontros notívagos de sociabilidade. Apesar de facilmente produzidos, sabe-se que tinham implicações sérias à reputação destes homens em

---

[278] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 303.
[279] TEIXEIRA, Paulo César. *Esquina Maldita.* Porto Alegre: Libretos, 2012.
[280] FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 41.

seu grupo social. Portanto, enfatiza-se neste trabalho que dentro de discussões sobre "quem era mais homem"[281] ou em uma "divergência sobre Foot-Ball"[282], estavam inseridas concepções importantes que definiam quem é quem no jogo da sociabilidade masculina popular.

A presença constante e, às vezes, determinante, dos tragos de cachaça no desfecho dos desentendimentos, alerta para um aspecto histórico importantíssimo, pois, diferentemente dos dias atuais, em que a embriaguez é considerada um agravante jurídico nas autuações, na década de 1930 era possível que a alegação de embriaguez atenuasse de tal forma a culpabilidade do réu em uma agressão seguida de morte, que este acabasse por ser absolvido ou, no mínimo, que os lapsos de memória nos depoimentos fossem vistos sob um olhar, se não solidário, indulgente.

Aliás, com relação à "cachacinha", não é forçoso identificá-la como a protagonista nos botequins. Com ela selavam-se amizades, introduziam-se os novatos no microgrupo do bar e animavam-se os mais quietos. Os "traguinhos" para aquecer também eram os tradicionais salvadores das noites mais frias, conforme visto anteriormente. Por isso e por tanta importância enquanto mantenedor das noites boêmias dos bares, o hábito da cachaça era difícil de eliminar, como tencionavam as propagandas médicas pesquisadas por Maria Izilda Matos e como sugeriam algumas medidas administrativas encontradas por José Plínio Fachel sobre o carnaval do ano de 1941 na região de Pelotas, que orientavam: "durante os dias de carnaval fica proibida a venda de bebidas alcoólicas em bares, hotéis, restaurantes, cafés, botequins e mercadinhos, excetuando-se o vinho, chopp, cerveja, whisky e champagne".[283] A resolução chega a ser motivo de riso, pois utiliza de artifícios de linguagem para mascarar a proibição exclusiva da cachaça.

Enfim, foi exposta aqui a conjuntura da sociabilidade noturna dos "kiosques", cafés e casas comerciais que abrigavam os boêmios da década de 1930 em Pelotas, com suas conversas, discussões sobre Foot-Ball e tocadas de gaita e violão, em que esses notívagos expressavam seus valores, sua cultura e sua identidade social. Nessa mescla de cultura e honra residiam seus códigos de conduta, que se mostraram herdeiros do imaginário popular sobre si mesmo, das assimilações e recusas às noções de civilidade do mundo moderno e de um cotidiano de hábitos simples e costumes antigos, que tentava buscar seu espaço em uma

[281] Processo nº 1666, Caixa 87, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.
[282] Processo nº 1562, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1930.
[283] FACHEL apud. GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 143.

cidade inclinando-se cada vez mais à lógica de mercado. Chalhoub expressa com maestria esta conjuntura:

> Os homens, para se comunicarem, para transmitirem mensagens, utilizam-se dos códigos existentes e que são resultado de trabalho humano passado – códigos estes que, logicamente, possuem dimensão histórica e se transformam continuamente. […] os populares estavam imbuídos de normas próprias reguladoras de suas desavenças, possuíam noções próprias de justiça e, quando envolvidos em situações de conflito, seguiam rituais de conduta que mostravam apego a valores muitas vezes opostos àqueles prezados pelas classes dominantes.[284]

Portanto, reitera-se, ao finalizar esse capítulo, que a boemia popular, dos ébrios, tocadores, jogadores, *butecos* e bares Brasil afora, constitui, a princípio, um pequeno grupo, mas uma grande proporção da sociabilidade masculina nacional. É devido a esse ritual essencialmente notívago, de compensação por um dia de labor, de afirmação masculina e de suspensão momentânea das pressões cotidianas do mundo do trabalho, que se encontra uma tradição boêmia atravessando gerações e unindo recantos distantes em um uníssono de sociabilidade e cultura popular.

Escolheu-se, para o encerramento das análises, um trecho no qual Simmel capta o significado preciso – se for possível alguma precisão em meio às discussões etílicas, conversas paralelas e sons de violão – da carga simbólica que adquiriam estas noites para estes homens pobres, jovens ou chefes de família, buscando um pertencimento social e o momento coletivo para esquecer as agruras do cotidiano:

> Para muitos homens que sentem a cada momento a profundidade e a pressão da vida, a sociabilidade não poderia ter essa alegria libertadora e redentora se ela fosse somente a fuga desta vida, ou uma suspensão meramente momentânea de sua seriedade. De várias maneiras, a sociabilidade pode ser esse elemento negativo, um convencionalismo e uma troca internamente estéril de formas. [… No entanto], é exatamente o homem mais sério que colhe da sociabilidade um sentimento de libertação e alívio. Porque ele desfruta, como numa representação teatral, de uma concentração e de uma troca de efeitos que representam, sublimadas, todas as tarefas e toda a seriedade da vida. A um só tempo, também, as dissolve, porque as forças da realidade carregadas de conteúdo soam como que ao longe, deixando desvanecer seu peso e convertendo-se em estímulo.[285]

---

[284] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 308.
[285] SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 82.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa, foi possível compreender alguns aspectos que envolveram o contexto noturno da década de 1930 em Pelotas. Conforme o verificado nas análises, percebe-se um espaço urbano em expansão, com o desenvolvimento das zonas periféricas e o surgimento de residências e casas comerciais espalhadas por esses territórios, os quais ganhavam maior acessibilidade com o consequente acompanhamento das linhas dos bondes, o que refletia a demanda em ascensão. Data desse período, também, uma série de fábricas referentes à produção de artigos domésticos, bem como a presença ativa da energia elétrica e o surgimento de novas dinâmicas cotidianas ligadas às inovações propiciadas com a atenção da indústria sobre a criação de novos hábitos e produtos.

Cabe lembrar as constatações, mencionadas no trabalho aqui desenvolvido, a respeito das transformações no funcionamento do capitalismo, sinalizando um momento de transição para um sistema voltado ao consumo, que impunha, dessa maneira, um enfoque essencial na organização familiar e na ordem do trabalho, uma vez que assim eram conduzidas as produções de necessidades e desejos na vida da população, o que viabilizava a manutenção do sistema capitalista. Tais considerações concernentes ao contexto vivenciado na década de 1930, permitiram um entendimento esclarecido acerca das transformações que permeavam o cotidiano dos populares, para que fosse possível perceber, na fase de análise das ocorrências policiais, as estratégias e escolhas desse setor social, diante de um contexto cuja crescente fiscalização de seus hábitos era inegável. A vida noturna era vigiada com maior regulação, no entanto é significativo que os espaços de sociabilidade noturna, casas de tolerância e jogos, raramente chegavam a sofrer repressões extremas, como o fechamento. Identificou-se um procedimento padrão de reprimir os excessos e controlar o espaço limítrofe de ação desses locais, mantendo-os isolados da lógica diurna de trabalho e ordem social.

As atenções referentes à contextualização tornam-se ainda mais importantes devido à característica múltipla do objeto aqui estudado. Pesquisa-se o tempo noturno, no entanto, não

de maneira irrestrita, uma vez que se imputou a situação de sociabilidade enquanto o mote principal, fazendo com que parte das ocorrências encontradas fosse apenas mencionada, sem participar da análise, fundamental na discussão aqui pretendida. E, por último, tem-se o cotidiano popular como direcionador dessa busca, pois pretende-se compreender justamente de que forma a "gente comum", as pessoas simples, divertiam-se e escolhiam passar seu tempo livre em situações de convívio social. À procura de noites democráticas e acessíveis, buscou-se nos processos criminais perceber esses três elementos combinados: noite, populares e sociabilidade.

De fato, a mistura de tais elementos constitui um tema distante das atuais produções historiográficas sobre a cidade de Pelotas, o que causa ainda mais estranhamento, uma vez que a vida noturna nessa cidade possui histórico prolongado de atividades. No intuito de indicar alguns passos possíveis para o estudo dessas noites e o preenchimento de tais lacunas historiográficas, enfatizou-se o trabalho 'garimpeiro' da revisão bibliográfica e a busca de novos tipos de fontes combinadas a abordagens diversificadas. Buscou-se destacar a sociabilidade popular e os códigos de conduta que permeavam esses convívios, com o propósito de alertar para a possibilidade de se estudar mais a fundo uma camada social importante para as noites de Pelotas. Setores desfavorecidos da classe média e camadas pobres da população contribuíram para uma movimentação noturna na cidade que revela, desde as primeiras décadas do século XX, parâmetros de conduta e convivência social específicos das classes populares.

Em uma historiografia conhecida por salientar os hábitos culturais da elite ou explorar as agruras dos tempos da escravidão, procurou-se inserir, com a presente pesquisa, o verbete "noite popular" junto aos temas passíveis de serem trabalhados, no sentido de uma ampliação dos olhares sobre diferentes espaços, hábitos e apropriações. Espera-se, com esse trabalho, despertar a atenção da comunidade acadêmica para que volte seu olhar ao tempo noturno, estendendo a compreensão dos cotidianos na história e introduzindo as atividades noturnas no rol de ações e simbologias diárias.

Enfatiza-se aqui o campo das lutas de classificação e reforços identitários diários como parte de um cotidiano simbólico ressaltado em situações de sociabilidade e conflito. A ideia masculina de honra, por exemplo, é verificada como uma das formas populares para conseguir e manter o respeito dos demais presentes nestes encontros cotidianos e diversões das classes despossuídas. Verificou-se que havia, predominantemente, a superposição desses códigos de conduta dos meios populares sobre a lógica da lei e da justiça oficial, ou seja, esses homens preocupavam-se em defender ou reparar publicamente a sua honra a ponto de

relegarem a segundo plano a possibilidade de serem presos.

Constituiu aspecto importante nessa análise, identificar a expressão do êxodo rural para o período estudado, ressaltando que, juntamente com os contingentes populacionais advindos do interior do município, uma lógica provinciana permanecia ligada aos círculos noturnos da cultura popular. Com relação a este dado, destacou-se, por meio dos processos, o costume boêmio nas zonas rurais da região de Pelotas, transparecendo os costumes noturnos de reunirem-se os conhecidos em bailes frequentes nas residências, além do hábito diário do encontro masculino nos bares e casas comerciais após a jornada de trabalho.

Pode-se afirmar que as reuniões dançantes e bailes direcionados às classes populares reforçavam, em grande medida, as diferenciações de gênero, uma vez que a proximidade física entre homens e mulheres provocava uma reação masculina no sentido de buscar reafirmar sua masculinidade, destacando hábitos e comportamentos ligados à virilidade e à honra enquanto agentes de identificação e pertencimento ao grupo desses homens.

O espaço público também revelou-se protagonista de alguns dos mais expressivos casos de vinganças e acertos de contas, atitudes que seguiam a trilha do aval coletivo sobre ações esperadas diante de contextos de injustiça ou ofensas. Os casos desse tipo denotam a tendência das classes populares de resolver seus desentendimentos internos sem a interferência policial ou o aparato judiciário. Omitindo certos contornos essenciais da ocorrência nos depoimentos ou referindo-se vagamente ao contexto, os populares demonstravam estratégias para se minimizar a intervenção judicial em seus assuntos.

O bar, botequim, casa comercial ou quiosque foi percebido no contexto noturno como o principal espaço da sociabilidade popular masculina. Nesses locais, os homens das classes populares – tanto da zona urbana quanto rural – encontravam-se para o ritual diário de suspensão das pressões cotidianas e cultivo da camaradagem masculina. Ali, revelavam-se todos os passos para a inserção dos novatos e forasteiros, havendo uma política inicial de cortesia - expressa, por exemplo, no ato de oferecer uma "rodada" aos presentes -, ao mesmo tempo em que era considerado merecimento de respeito o sujeito não fugir a uma briga ou provocação. Saber defender-se e fazer-se respeitar era característica essencial aos homens nestes espaços noturnos de sociabilidade. Percebeu-se, assim, embora a verificação frequente de conflitos, o ritual popular do botequim como um hábito de aproximação entre os homens de diferentes locais, revelando um costume em comum com o objetivo de agregar, e não de estabelecer distinções, noção essencial para a compreensão de uma lógica popular com preceitos fundamentalmente diferentes daqueles que pautavam as sociabilidades das elites.

Conclusão marcante deste trabalho foi enxergar-se a noite popular enquanto um

circuito de sociabilidade masculina, ou seja, voltada à afirmação e identificação social dentro desses microgrupos boêmios, como o bar, os cafés e casas comerciais, discutidos e analisados com base nos casos encontrados na pesquisa com os processos criminais. Para além de quantificar a correspondência de tais casos com a realidade, preferiu-se pensar sobre os mesmos relacionados à sociabilidade, pois é inegável que, embora imbuídos das intenções mais puras e igualitárias ao sair rumo aos encontros de sociabilidade, os populares deparavam-se, eventualmente, com algo de essencialmente humano neles mesmos, justamente porque cultural. Em outras palavras, o *habitus* ligado a esses setores da sociedade, suas reações mais instintivas e aparentemente naturais, revelavam um sistema intrincado de relações e associações referentes, ao mesmo tempo, à posição dos populares na estrutura social – não dispunham de recursos materiais para usufruir na hierarquia social, daí a importância da honra e do respeito -, e à sua bagagem cultural, onde tais hábitos eram passados de geração a geração, agregando uma simbologia das noites para o reconhecimento desses homens entre si e em relação ao pertencimento no grupo.

As noites da década de 1930 em Pelotas assumiram o posto de tempo do lazer popular por excelência, revelando a apropriação do espaço público enquanto participante ativo dessa cultura. Nota-se que as associações e redes de sociabilidade presentes entre as classes populares, afirmam-se principalmente em âmbito coletivo, necessitando do aval do grupo para consolidar-se. Tanto as diversões quanto os conflitos visam agregar, uma vez que mesmo estes últimos revelavam-se parte dos rituais de inserção e pertencimento cultural. Apesar do jogo social suprir uma demanda de descanso e suspensão das pressões do mundo do trabalho, inevitavelmente, em algum momento, a disponibilidade de atuar segundo as regras sociais, é menor, propiciando a brecha na redoma da sociabilidade que abre espaço ao conflito. Permeadas por códigos de conduta, por elos da cultura popular e espaços privilegiados de ação, as noites de Pelotas na década de 1930 já mostravam o universo de relações que compunha o tempo noturno do lazer popular, trazendo à tona inúmeros ângulos possíveis de observação e aprendizado. De fato, como havia indicado Chalhoub, a trilha existe, e cabe segui-la.

REFERÊNCIAS

ADAMCZUK, Lindamir. Radiodifusão e identidade nacional em terras de fronteira (1937-1945). IN: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz* / Associação Nacional de História, Londrina (PR), 2005. Disponível em: http://anpuh.org/anais/?p=18840 Acesso em: 23/03/2013.

_____ e SILVEIRA, Ada Cristina M. da. Indústrias culturais e faixa de fronteira no Brasil meridional. *Mercator* – Revista de Geografia da UFC, ano 03, nº 05, 2004. Disponível em: http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/133 Acesso em: 08/02/2013.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Prefácio. MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

ANJOS, Carlos Versiani dos. Um novo olhar sobre o DIP: uma revolução na arte da propaganda e do marketing cultural. *7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - ALCAR*, agosto de 2009, Unifor, Fortaleza/CE. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/UM%20NOVO%20OLHAR%20SOBRE%20O%20DIP.pdf Acesso em: 24/02/2012.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. Violência conjugal e relações de gênero na fronteira sul do Brasil (RS, 1889-1930). *OPSIS,* Catalão, v. 11, n. 1, jan-jun 2011. Disponível em: http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/14138/0#.UbGBjPlwoYc Acesso em: 09/01/2013.

BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o Carnaval pelotense de 1890-1937*. Pelotas: Educat, 2003.

BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina-PR, 1930-1970).* 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BORGES, Geruza Esteves. *A Energia Elétrica como Campo de Pesquisa: Os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916).* 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento.* 2 ed. rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

CARVALHO, Thaís de Freitas. *Um lugar chamado Liberdade: música popular, tradição e boemia em Pelotas.* 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* 2ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2005 Acesso em: 29/05/2010.

COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes judiciais e suas possibilidades nos estudos de poder local: os crimes de São Borja. IN: *Anais IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS,* 2008. Disponível em: http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212424780_ARQUIVO_resumoanpuhfontesjudiciais1.pdf Acesso em: 23/04/2011.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, pp. 185-206, jul./dez. 1995.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Modernidade, noite e poder: Porto Alegre na virada para o século XX. *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 4, 1997, pp. 49-64.

COSTA, Glaucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX).* 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina.

COUCEIRO, Sylvia. A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões. IN: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos* / Associação Nacional de História, São Leopoldo, 2007.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

_____. *Você tem cultura?* Artigo publicado no Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: http://naui.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf Acesso em: 29/05/2010.

DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes.* Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELMIR, Cláudio Pereira. O crime em disputa: o campo jurídico e as lutas para a instauração do discurso legítimo acerca da negatividade do social. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero (orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GASPAROTTO, Lucas André. *A civilização começa a subir o morro: as composições de Noel Rosa na polêmica musical com Wilson Batista.* 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36938/000819357.pdf?sequence=1 Acesso

em: 23/02/2012.

GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá.* Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009.

ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. IN: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e FÉLIX, Loiva Otero(orgs). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.* Passo Fundo: UPF, 2002.

JARDIM, Denise Fagundes. *De Bar em Bar: Identidade Masculina e Auto-segregação entre Homens de Classes Populares.* 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.* 1989. Tese (Doutorado em Antropologia)-Graduate Division, University of California at Berkeley, USA.

LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em revista* / Núcleo de Documentação Histórica, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 8, dez. 2002.

LONER, Beatriz e GILL, Lorena. Clubes Carnavaleros Afrobrasileños en Pelotas: La Memoria más allá de la Samba. *Oral History Forum d'histoire orale 32*, Edición Especial/Special Issue "Historia Oral en América Latina/Oral History in Latin America", 2012. Disponível em: http://www.oralhistoryforum.ca/index.php/ohf/article/view/444/510 Acesso em: 09/01/2013.

_____, GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (orgs). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2010.

MAGALHÃES, Mario Osorio. *História do Rio Grande do Sul (1626-1930)*. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).* Pelotas: EdUFPel; Livraria Mundial, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

_____. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.* 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MAUCH, Cláudia. Considerações sobre a história da polícia. *Métis: história & cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

MONSMA, Karl. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. *História em revista*, vol. 10, dez 2004. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_karl_monsma.pdf Acesso em: 10/04/2013.

_____. Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos. GT "Migrações Internacionais", *XXIX Encontro Estadual da ANPOCS*, Petrópolis, RJ, outubro de

2000. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4796&Itemid=357 Acesso em: 23/04/2011.

_____. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história e cultura*, v.1, n.1, (2002). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

MOURA, Carlos André Silva de. Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana (1920-1937). *Resgate*, vol. XX, nº 23, jan-jun 2012. Disponível em: http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/253 Acesso em: 13/12/2012.

NOVAES, José. Um episódio de produção de subjetividade no Brasil de 1930: malandragem e Estado Novo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n1/v6n1a05.pdf Acesso em: 23/02/2011.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de & SILVA, Virgínia Ferreira da. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.* 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PETERSEN, Áurea e PEDROSO, Elizabeth. Movimentos sociais urbanos (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930.* 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REMEDI, José. *Palavras de honra: Um estudo acerca da honorabilidade na sociedade Sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.* 2011. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira.* 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ROCHA, Gilmar. O sistema da fama: rádio, gênero e malandragem no Brasil dos anos 1940. *Alceu* - v.7 - n.13 - p. 134 a 148 - jul./dez. 2006. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Rocha.pdf Acesso em: 23/02/2012.

ROSENTAL, Paul-André. Construir o "macro" pelo "micro": Fredrik Barth e a "microstoria". IN: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RÜDIGER, Francisco. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007.

SCHMITZ, Maira. *Nas asas do vapor... Construção do espaço ferroviário em Pelotas/RS (fim do séc. XIX – início do séc. XX).* 2013. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e

urbanização (1930-1985). IN: *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985).* coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretor do volume: René Gertz. Passo Fundo: Méritos, 2007.

TEIXEIRA, Paulo César. *Esquina Maldita.* Porto Alegre: Libretos, 2012.

TERAMOTO, Helena Harumi. *Cantoras seresteiras no extremo sul do Brasil: dois retratos etnomusicológicos.* 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

TOTA, Antonio Pedro. Cultura, política e modernidade em Noel Rosa. *São Paulo em Perspectiva***,** 2001, vol.15, n.3, pp. 45-49. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300007 Acesso em: 28/01/2012.

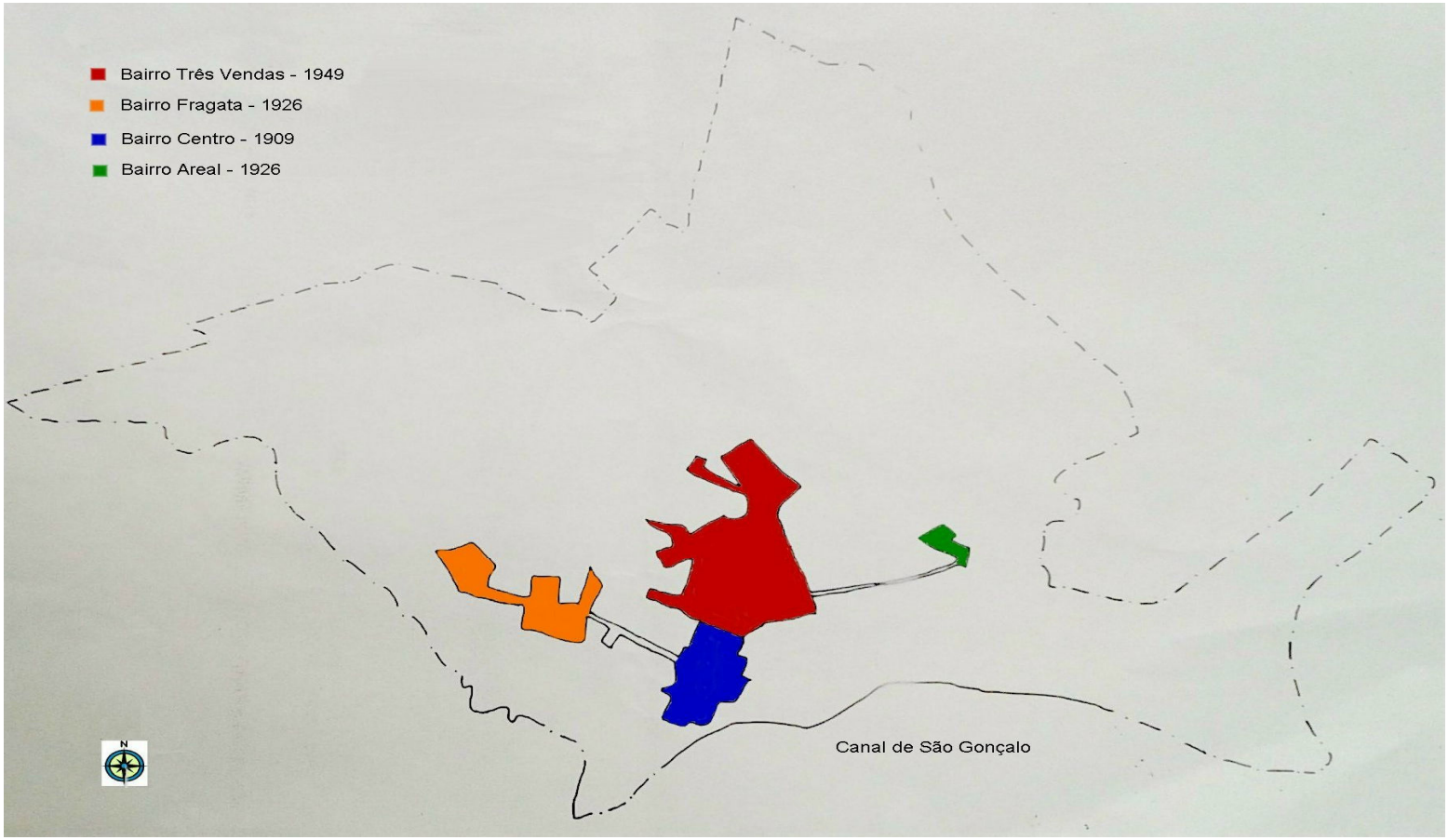
VIEIRA, Miriam Steffen. Concepções de violência sexual e direitos das mulheres: do "defloramento" ao "estupro". *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio.* v. IV, n°7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, Ago/Dez 2007. Disponível em: http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/1195 Acesso em: 09/01/2013.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANEXOS

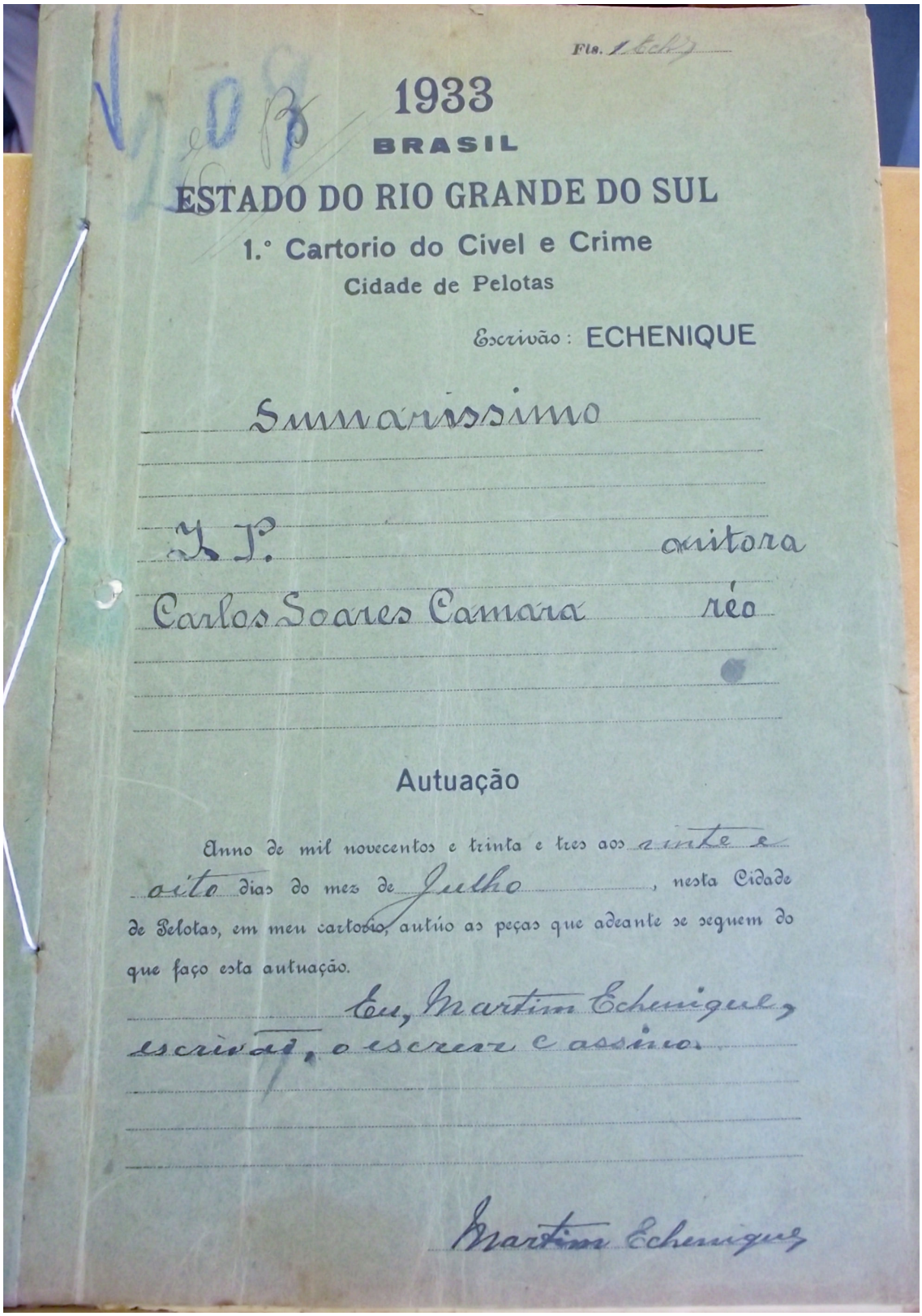
ANEXO A - Mapa Pelotas e seus arrabaldes (1935).
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPel).

ANEXO B - Mapa expansão dos bairros e zonas periféricas de Pelotas.
Fonte: VIEIRA, 1997.[286]



[286] VIEIRA, Sidney Gonçalves. *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS.* 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Adaptado e editado com autorização do autor.

ANEXO C – Capa de um processo criminal (exemplo)
Fonte: processo nº 209, 1933.[287]



Fls. 1 Ech

1933

BRASIL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1.° Cartorio do Civel e Crime

Cidade de Pelotas

Escrivão: ECHENIQUE

Sumarissimo

I. P. autora

Carlos Soares Camara réo

Autuação

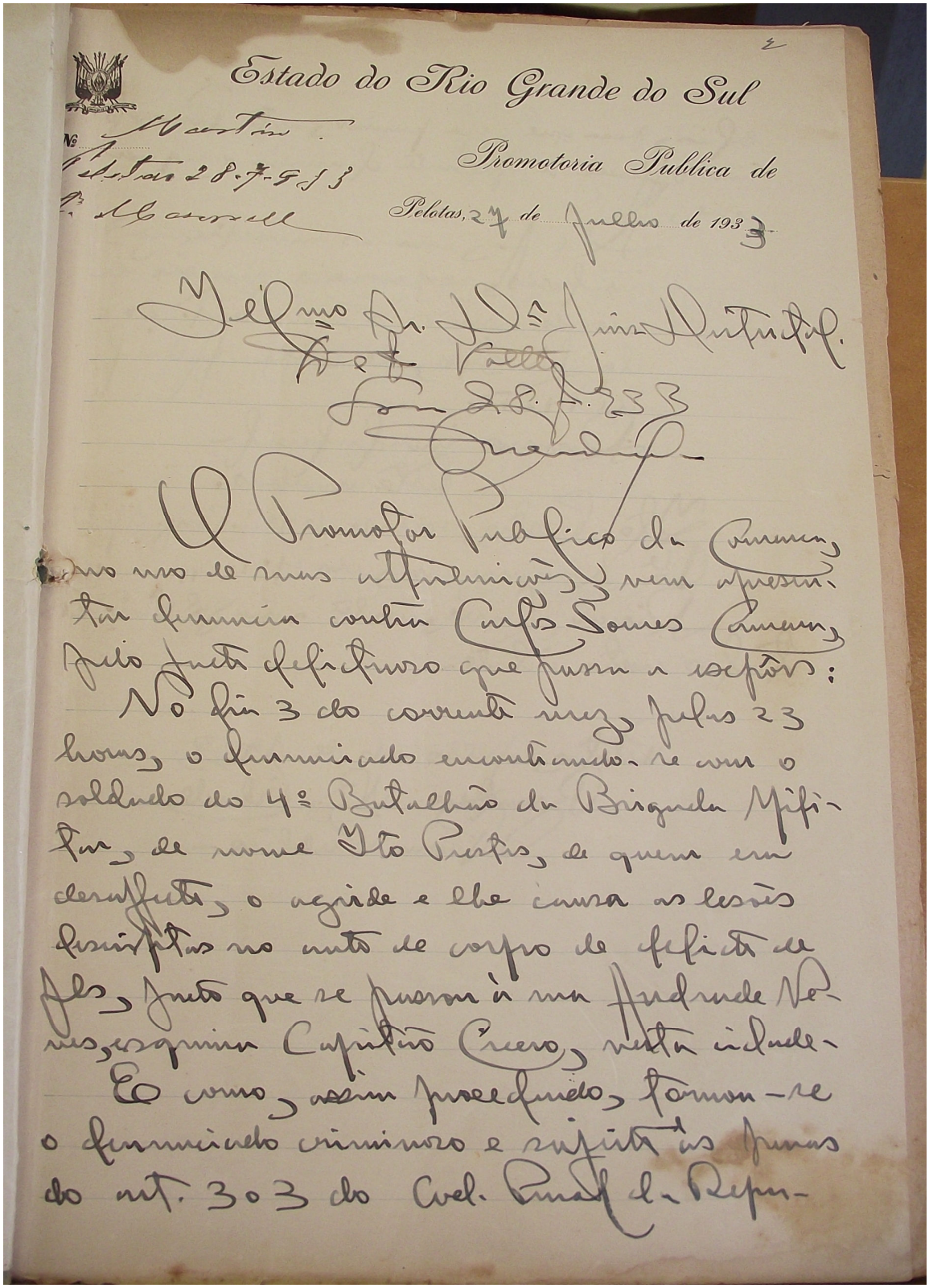
Anno de mil novecentos e trinta e tres aos vinte e oito dias do mez de Julho, nesta Cidade de Pelotas, em meu cartorio, autúo as peças que adeante se seguem do que faço esta autuação.

Eu, Martim Echenique, escrivão, o escrevi e assino.

Martim Echenique

[287] Processo nº 209, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.

ANEXO D – Página inicial de um processo criminal (exemplo)
Fonte: processo nº 209, 1933.[288]



Estado do Rio Grande do Sul

Promotoria Publica de

Pelotas, 27 de Julho de 1933

O Promotor Publico da Comarca, no uso de suas attribuições, vem apresentar denuncia contra Carlos Soares Camara, pelo facto delictuoso que passa a expôr:

No dia 3 do corrente mez, pelas 23 horas, o denunciado encontrando-se com o soldado do 4º Batalhão da Brigada Militar, de nome Ito Prestes, de quem era desafecto, o agride e lhe causa as lesões descriptas no auto de corpo de delicto de fls, facto que se passou à rua Andrade Neves, esquina Capitão Cicero, nesta cidade.

E como, assim procedendo, tornou-se o denunciado criminoso e sujeito às penas do art. 303 do Cod. Penal da Repu-

[288] Processo nº 209, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), 1933.